

# UM PASSARINHO ESVOAÇANDO SEM LIBERDADE

ESPARSOS SOBRE A REVOLUÇÃO DE ABRIL,  
A GUERRA E A MINHA TERRA

José António Rocha

**Bucólica**

Mansores | 2024

Título: *Um passarinho esvoaçando sem liberdade: esparsos sobre a Revolução de Abril, a guerra e a minha terra*

Autor: José António Rocha

Mansores, 2024

© José António Rocha e Bucólica, Associação Cultural

ISBN: 978-989-35694-0-5

URI: <http://hdl.handle.net/10400.14/46565>



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

# Índice

<b>Introdução</b> .....	<b>7</b>
<b>1. Mansores antes, durante e depois da Revolução de Abril de 1974</b> .....	<b>9</b>
1.1. Antes .....	9
1.1.1 Tempos de côdeas e caldo .....	9
1.1.2 Tempos de guerra e repressão .....	12
1.2. Durante .....	13
1.2.1 O dia da revolução e os meses do período revolucionário .....	13
1.2.2 O comportamento cívico, político e eleitoral .....	15
1.3. Depois .....	17
1.3.1 Impactos sociais e económicos .....	17
1.3.2. Os retornados e o projeto da Cooperativa de Desenvolvimento de Arouca .....	19
1.3.3. As casas económicas .....	21
1.4. Síntese .....	22
<b>2. Participação de mansorenses em conflitos militares</b> .....	<b>24</b>
<b>3. Memorial aos combatentes da freguesia de Mansores</b> .....	<b>36</b>
<b>4. Cartas para Domingos Correia da Conceição em tempos de Guerra</b> .....	<b>39</b>
4.1. Domingos Correia da Conceição (1888-1957) .....	39
4.2. A história e os autores das cartas .....	41
4.3. A grafia, o conteúdo e o contexto das cartas .....	43
4.4. Transcrição das cartas conforme à grafia usada .....	48
Carta n.º 1   23-?-1916   Verónica Gomes da Conceição .....	48
Carta n.º 2   01-05-1916   Belmira Correia de Pinho .....	48
Carta n.º 3   s.d. [ant. 08-05-1916]   Belmira Correia de Pinho .....	49
Carta n.º 4   08-05-1916   Margarida de Pinho .....	50
Carta n.º 5   08-05-1916   Belmira Correia de Pinho .....	50
Carta n.º 6   09-05-1916   António da Conceição .....	51
Carta n.º 7   10-05-1916   Belmira Correia de Pinho .....	51
Carta n.º 8   13-05-1916   António Francisco da Rocha .....	51
Carta n.º 9   13-05-1916   António da Conceição .....	52
Carta n.º 10   20-05-1916   António da Conceição .....	52
Carta n.º 11   20-05-1916   Belmira Correia de Pinho .....	53
Carta n.º 12   16-06-1916   Carlos Correia da Conceição e António Correia Borges .....	53
Carta n.º 13   16-06-1916   Belmira Correia de Pinho .....	54
Carta n.º 14   27-07-1916   Belmira Correia de Pinho .....	55
Carta n.º 15   16-08-1916   Belmira Correia de Pinho .....	55
Carta n.º 16   17-08-1916   Belmira Correia de Pinho .....	56
Carta n.º 17   28-08-1916   António da Conceição .....	57
Carta n.º 18   01-09-1916   Verónica Gomes da Conceição .....	57
Carta n.º 19   28-09-1916   Belmira Correia de Pinho .....	58
Carta n.º 20   26-10-1916   António da Conceição .....	58

Carta n.º 21   04-11-1916   Verónica Gomes da Conceição .....	58
Carta n.º 22   17-11-1916   Belmira Correia de Pinho .....	59
Carta n.º 23   20-11-1916   António da Conceição .....	59
Carta n.º 24   20-11-1916   Verónica Gomes da Conceição .....	60
Carta n.º 25   19-12-1916   António da Conceição .....	60
Carta n.º 26   21-12-1916   António Gomes Moreira.....	61
Carta n.º 27   21-12-1916   Avelino da Rocha Pinho.....	61
Carta n.º 28   22-01-1917   António da Conceição .....	61
Carta n.º 29   22-01-1917   Verónica Gomes da Conceição.....	62
Carta n.º 30   23-01-1917   Avelino da Rocha Pinho.....	62
Carta n.º 31   25-01-1917   Verónica Gomes da Conceição.....	63
Carta n.º 32   25-01-1917   António Gomes Moreira.....	63
Carta n.º 33   05-03-1917   Belmira Correia de Pinho .....	64
Carta n.º 34   06-03-1917   Avelino da Rocha Pinho.....	64
Carta n.º 35   28-03-1917   Belmira Correia de Pinho .....	65
Carta n.º 36   30-03-1917   António da Conceição .....	65
Carta n.º 37   12-04-1917   Verónica Gomes da Conceição.....	66
Carta n.º 38   28-04-1917   Belmira Correia de Pinho .....	66
Carta n.º 39   04-05-1917   Avelino da Rocha Pinho.....	66
Carta n.º 40   04-05-1917   Belmira Correia de Pinho .....	67
Carta n.º 41   04-05-1917   Maria, Carlos e Adelaide (filhos) .....	67
Carta n.º 42   07-05-1917   António da Conceição .....	68
Carta n.º 43   03-06-1917   Avelino da Rocha Pinho.....	68
Carta n.º 44   04-06-1917   Belmira Correia de Pinho .....	69
Carta n.º 45   04-06-1917   António da Conceição .....	69
Carta n.º 46   06-06-1917   Verónica Gomes da Conceição.....	70
Carta n.º 47   04-07-1917   Belmira Correia de Pinho .....	70
Carta n.º 48   17-07-1917   Belmira Correia de Pinho .....	71
Carta n.º 49   22-07-1917   António da Conceição .....	71
Carta n.º 50   01-08-1917   Belmira Correia de Pinho .....	71
Carta n.º 51   12-11-1917   Verónica Gomes da Conceição.....	72
Carta n.º 52   20-11-1917   Belmira Correia de Pinho .....	72
Carta n.º 53   26-11-1917   António da Conceição .....	73
Carta n.º 54   02-12-1917   Margarida Correia de Lima.....	73
Carta n.º 55   13-01-1918   Verónica Gomes da Conceição.....	74
Carta n.º 56   20-01-1918   António da Conceição .....	74
Carta n.º 57   s.d.   Avelino da Rocha Pinho.....	75
Carta n.º 58   05-03-1917   Domingos Correia Conceição .....	75
4.5. Edição das cartas com atualização ortográfica.....	76
Carta n.º 1   23-03?-1916   Verónica Gomes da Conceição.....	76
Carta n.º 2   01-05-1916   Belmira Correia de Pinho.....	76
Carta n.º 3   s.d. [ant. 08-05-1916]   Belmira Correia de Pinho .....	77

Carta n.º 4   08-05-1916   Margarida de Pinho .....	77
Carta n.º 5   08-05-1916   Belmira Correia de Pinho.....	78
Carta n.º 6   09-05-1916   António da Conceição .....	79
Carta n.º 7   10-05-1916   Belmira Correia de Pinho.....	79
Carta n.º 8   13-05-1916   António Francisco da Rocha .....	80
Carta n.º 9   13-05-1916   António da Conceição .....	80
Carta n.º 10   20-05-1916   António da Conceição .....	81
Carta n.º 11   20-05-1916   Belmira Correia de Pinho .....	81
Carta n.º 12   16-06-1916   Carlos Correia da Conceição e António Correia Borges .....	82
Carta n.º 13   16-06-1916   Belmira Correia de Pinho .....	82
Carta n.º 14   27-07-1916   Belmira Correia de Pinho .....	83
Carta n.º 15   16-08-1916   Belmira Correia de Pinho .....	84
Carta n.º 16   17-08-1916   Belmira Correia de Pinho .....	84
Carta n.º 17   28-08-1916   António da Conceição .....	85
Carta n.º 18   01-09-1916   Verónica Gomes da Conceição.....	86
Carta n.º 19   28-09-1916   Belmira Correia de Pinho .....	86
Carta n.º 20   26-10-1916   António da Conceição .....	87
Carta n.º 21   04-11-1916   Verónica Gomes da Conceição.....	87
Carta n.º 22   17-11-1916   Belmira Correia de Pinho .....	88
Carta n.º 23   20-11-1916   António da Conceição .....	88
Carta n.º 24   20-11-1916   Verónica Gomes da Conceição.....	88
Carta n.º 25   19-12-1916   António da Conceição .....	89
Carta n.º 26   21-12-1916   António Gomes Moreira.....	89
Carta n.º 27   21-12-1916   Avelino da Rocha Pinho.....	90
Carta n.º 28   22-01-1917   António da Conceição .....	90
Carta n.º 29   22-01-1917   Verónica Gomes da Conceição.....	91
Carta n.º 30   23-01-1917   Avelino da Rocha Pinho.....	91
Carta n.º 31   25-01-1917   Verónica Gomes da Conceição.....	92
Carta n.º 32   25-01-1917   António Gomes Moreira.....	92
Carta n.º 33   05-03-1917   Belmira Correia de Pinho .....	93
Carta n.º 34   06-03-1917   Avelino da Rocha Pinho.....	93
Carta n.º 35   28-03-1917   Belmira Correia de Pinho .....	94
Carta n.º 36   30-03-1917   António da Conceição .....	94
Carta n.º 37   12-04-1917   Verónica Gomes da Conceição.....	95
Carta n.º 38   28-04-1917   Belmira Correia de Pinho .....	95
Carta n.º 39   04-05-1917   Avelino da Rocha Pinho.....	96
Carta n.º 40   04-05-1917   Belmira Correia de Pinho .....	96
Carta n.º 41   04-05-1917   Maria, Carlos e Adelaide (filhos) .....	96
Carta n.º 42   07-05-1917   António da Conceição .....	97
Carta n.º 43   03-06-1917   Avelino da Rocha Pinho.....	97
Carta n.º 44   04-06-1917   Belmira Correia de Pinho .....	98
Carta n.º 45   04-06-1917   António da Conceição .....	98

Carta n.º 46   06-06-1917   Verónica Gomes da Conceição .....	99
Carta n.º 47   04-07-1917   Belmira Correia de Pinho .....	99
Carta n.º 48   17-07-1917   Belmira Correia de Pinho .....	100
Carta n.º 49   22-07-1917   António da Conceição .....	101
Carta n.º 50   01-08-1917   Belmira Correia de Pinho .....	101
Carta n.º 51   12-11-1917   Verónica Gomes da Conceição .....	101
Carta n.º 52   20-11-1917   Belmira Correia de Pinho .....	102
Carta n.º 53   26-11-1917   António da Conceição .....	102
Carta n.º 54   02-12-1917   Margarida Correia de Lima.....	103
Carta n.º 55   13-01-1918   Verónica Gomes da Conceição.....	103
Carta n.º 56   20-01-1918   António da Conceição .....	104
Carta n.º 57   s.d.   Avelino da Rocha Pinho.....	105
Carta n.º 58   05-03-1917   Domingos Correia da Conceição .....	105
<b>Fontes e bibliografia .....</b>	<b>106</b>

## Introdução

*Sem memória não há futuro.*  
(Exposição permanente do Museu do Aljube)

Em 1950, poucos meses após ter sido galardoado com o Prémio Nobel da Medicina, o médico e cientista Egas Moniz publicou um livro de memórias intitulado *A nossa casa* no qual narrou uma viagem ocorrida pelo ano de 1876 quando os seus tios Augusto e João António, acompanhados pelo Manuel “canastreiro”, de Mansores, foram a cavalo de Rossas (Arouca) ao Porto. Nessas memórias refere Egas Moniz: “Os três cavaleiros partiram [de Rossas] muito cedo e fizeram viagem apressada. Passaram o rio Arda com prudência, pela ponte da Cela, ao tempo de madeira. O gado suportou a custo a subida do Borrallheiro, íngreme e de mau piso. Depois a comitiva recreou a vista pelo aspeto e situação de Mansores, linda aldeia que alegra a subida da serra do Castelo e que o sol fazia realçar em lucilações de variados tons”<sup>1</sup>.

Mansores era então, e continua a ser, terra de pontes e de passagens. Em 1855 a freguesia passara do concelho de Fermedo para o concelho de Arouca; e em 1858 passara a ter instrução primária oficial, sendo também nisso pioneira a nível concelhio. E nos cerca de 150 anos que passaram, a comunidade continuou o seu percurso de progresso sustentável, conseguindo equilibrar a tradição e a modernidade; enquanto permanece uma *“linda aldeia que alegra a subida da serra do Castelo”*, acolhe hoje uma das zonas industriais com maior volume de faturação do concelho; enquanto oferece um percurso pedestre deslumbrante através dos seus recantos interiores, tem agora o Porto a meia hora de distância, realidade incomparável com os tempos dos tios de Egas Moniz.

Esta Mansores em que me orgulho de ter nascido foi feita em grande parte pelo sacrifício dos seus habitantes. Daqueles que cá permaneceram toda a vida; daqueles que (e)migraram mas nunca desenraizaram o coração da terra de que foram feitos; daqueles nossos que juraram defender e defenderam a Pátria, mesmo com o sacrifício da própria vida; daqueles nossos que sonharam a democracia e a liberdade social e política inauguradas há 50 anos e as consolidaram desde então, nomeadamente servindo as instituições locais. De todos eles é justo fazer-se memória.

José Saramago, o outro prémio Nobel Português, escreveu que “é necessário sair da ilha para ver a ilha”. Sendo filho de Abril (vi a luz em fevereiro de 1978, quase quatro anos após aquele que Sophia de Mello Breyner Andresen cunhou como “dia inicial inteiro e limpo”), não participei nem assisti à revolução de 1974, nem aos tempos conturbados que se seguiram. E, como a comunidade em que cresci era pouco dada a políticas e muito avessa a ideologias de esquerda (basta ver os resultados eleitorais dos primeiros anos pós 1974), não testemunhei os sentimentos de exaltação dos feitos e dos valores que inauguraram a transição para o período democrático em que vivemos. Tenho leves reminiscências de umas paredes e portas pintadas ou caiadas com siglas, acrónimos e slogans eleitorais, creio que havia uma que dizia “vota APU” (foi preciso coragem!)... nada mais. Depois, saí da ilha (espaço e tempo) em que cresci e voltei-me para ela, e vi-a, se me é permitido retomar o aforismo de Saramago.

Trabalhando nos meus tempos livres sobre a história de Mansores, recolhi muita informação a ser publicada ainda este ano numa monografia da Freguesia e ocorreu-me extrair desse trabalho conteúdos que publicasse à parte num pequeno livro ou brochura, eletrónico que fosse, para assinalar o cinquentenário do 25 de Abril. Entre esses conteúdos constam aqueles referentes à participação de mansorenses em conflitos militares. Correspondem ao capítulo *Participação de mansorenses em conflitos militares*. Destaco o seu valor quanto à circunstância de registar (em muitos casos resgatar da condenação ao esquecimento) os nomes, filiações,

---

<sup>1</sup> Moniz - *A nossa casa*, p. 140-117.

datas de nascimento e, nos mais recuados, de morte, de 101 homens mobilizados para a guerra, dos quais 91 nascidos em Mansores e 10 aqui fixados por casamento.

Depois, como em novembro de 2023 apresentei uma comunicação ao *VII Congresso de História Local*, realizado na Fundação Mário Soares e Maria Barroso, em Lisboa, na qual sondei a receção e os efeitos locais da revolução de 25 abril de 1974 em Mansores, recuperei parte dessa pesquisa para formar o primeiro capítulo deste livro.

O livro foi ganhando volume, não necessariamente linearidade. Contudo, e de permeio, lembrando que, como certa vez ouvi a João César Monteiro por via do seu alter-ego João Vuvu, “os livros não são para ler. Fazem-me companhia...”, ocorreu-me, ainda assim, que apenas um livro podia ser pouco e seria interessante haver algo que se pudesse ver... nada necessariamente monumental, mais bem algo modesto, mas visível, palpável. E foi quando decidi propor à Junta de Freguesia de Mansores a ereção de um memorial aos combatentes oriundos da localidade ou aí fixados. Deu trabalho, mas conseguimos identificar 101 indivíduos, como se pode efetivamente ver no memorial inaugurado a 16 de junho passado e de que abaixo falo mais em detalhe, no capítulo *Participação de mansorenses em conflitos militares* e no capítulo *Memorial aos combatentes da freguesia de Mansores*.

Não lembro ao certo quando, mas cheguei ao conhecimento de que Domingos da Conceição Moreira, nosso conterrâneo, conservava uma coleção de cartas que seu avô Domingos Correia da Conceição, combatente em Moçambique no contexto da Grande Guerra, recebera enquanto mobilizado para a Guerra. Solicitei o seu acesso e no Carnaval deste ano o Sr. Domingos da Conceição Moreira emprestou-me as cartas, confiou-me a sua digitalização e autorizou-me a sua edição. Transcrevem-se neste livro, com a contextualização possível no tempo de que dispus. O título deste livro, colhi-o numa expressão do próprio Domingos Correia da Conceição, que surge na carta que este escreveu à mulher a 5 de março de 1917 (carta n.º 58) e é uma lúcida metáfora sobre a Liberdade: a diferença entre voar e esvoaçar.

A *aura* que vivemos nos últimos dois anos, em muito conduzida pelos *media*, a respeito da chamada invasão da Ucrânia pela Rússia ou Guerra na Ucrânia, ou Guerra na Europa, somada à vaga memorialista a propósito das celebrações dos 50 anos do 25 de Abril e às investigações que resultaram nos capítulos acima referidos impeliram-me a iniciar um ensaio que teria por título *Liberdade(s), Guerra(s) e Memória(s)* e seria um dos capítulos deste livro, mas não passei das notas que a esse fim registei e o capítulo não viu a luz do dia.

O tempo é escasso e embora a ideia e o esboço do livro tenham vários meses, na prática fui procrastinando a sua redação. Mas, tudo se consegue, e (esta espécie de livro) cá está. São, pois, esparsos, disformes e pouco maturados os conteúdos que formam este recurso. Une-os o objeto sobre o qual incidem: a comunidade da freguesia de Mansores e a sua relação com a experiência da guerra (mesmo se para a maioria foi vivida à distância) e com a mudança de regime político que ditou o fim do último conflito militar em que participaram jovens dessa comunidade. Agradeço a ajuda de quantos contribuíram com informações e conteúdos. Erros que se identifiquem, assumo-os.

E, a terminar, honra-me que os associados da Bucólica (associação cultural com sede em Mansores, mas com objeto que à freguesia se não circunscreve) tenham assumido a edição deste livro como o seu primeiro produto. É sobre a minha terra e resulta do meu labor, não poderia estar mais satisfeito.

Mansores, 22 de setembro de 2024

José António Rocha

Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa

 <http://orcid.org/0000-0002-1569-0492>

## 1. Mansores antes, durante e depois da Revolução de Abril de 1974

*Estava, à partida, destinado a reprovar na 4.ª classe. (...) Aconteceu a revolução, o MFA toma conta do Ministério da Educação, as ordens específicas do Ministério da Educação foi que todos os alunos que andassem na 4.ª classe iriam a exame feito pela professora daquela turma e daquela escola. E eu lá fui a exame e transitei.*

(António Fernando Pereira Miranda)

Este capítulo recupera alguns conteúdos primeiramente produzidos para a obra *O Livro de Mansores*<sup>2</sup>, com publicação prevista para final de 2024, e reproduz, com ligeiras alterações, o texto “*Vai depressa, que houve uma revolução. Não vou, estou de licença!*”: a comunidade de Mansores (Arouca) antes, durante e depois da Revolução de 25 de Abril de 1974”, em publicação nas atas do VII Congresso de História Local: Conceitos, Práticas e Desafios da Contemporaneidade, que se realizou de 2 a 4 de novembro de 2023, na Fundação Mário Soares e Maria Barroso, em Lisboa.

Pretendemos neste capítulo resgatar e registar memórias, trabalhar fontes e produzir conhecimento sobre a receção do golpe militar de 25 de abril de 1974 na freguesia de Mansores, à época uma comunidade rural, e os efeitos locais da mudança de regime que então ocorreu.

À partida para este trabalho lançámo-nos num primeiro passo aos conteúdos já recolhidos e processados na obra *O Livro de Mansores* e que versassem sobre o tema do 25 de Abril em Mansores. As fontes que compulsáramos devolveram-nos abundantes e interessantes registos acerca da reação social e política local (i.e, ao nível específico da freguesia) aos regimes saídos da revolução de 5 de outubro de 1910 e do golpe militar de 28 de maio de 1926, mas um aparente silêncio a respeito da revolução de abril de 1974 e dos meses que se seguiram. Não encontramos registos locais dos entusiasmos então havidos na Capital e noutros burgos da nação. Considerando as fontes identificadas, a comunidade parecia ter sido indiferente à revolução. Pusemo-nos a escavar um pouco mais fundo e revisitámos as fontes; o que desenterrámos, o que descobrimos e procurámos contextualizar e interpretar é o que se segue.

### 1.1. Antes

#### 1.1.1 Tempos de côdeas e caldo

Em 1974 não havia uma única fábrica nem empresas do *setor terciário* em atividade na freguesia de Mansores, ou trabalhadores da administração pública ali residentes. A povoação, que, quando do Recenseamento Geral da População de 1970, era de 1.192 residentes, ocupava-se maioritariamente na Agricultura e na Silvicultura. O cultivo das terras fazia-se em minifúndio e policultura, com os campos de regadio cultivados em regime rotativo de campo-prado. O primeiro trator da freguesia foi adquirido em 1966 e o segundo em 1969.

Agostinho Gomes da Rocha (1922-2016) veio para Mansores como criado de servir, teria cerca de nove anos. O pai emigrara para o Brasil e o Agostinho, que não chegara a ir à escola, foi posto pela mãe a servir num primeiro patrão, que lhe bateu, e o Agostinho fugiu; então, a mãe pô-lo a servir num outro patrão, em Mansores. Ali cresceu, como *criado de servir*, e é essa a designação da sua profissão inscrita no seu registo de casamento, ocorrido em 1946.

---

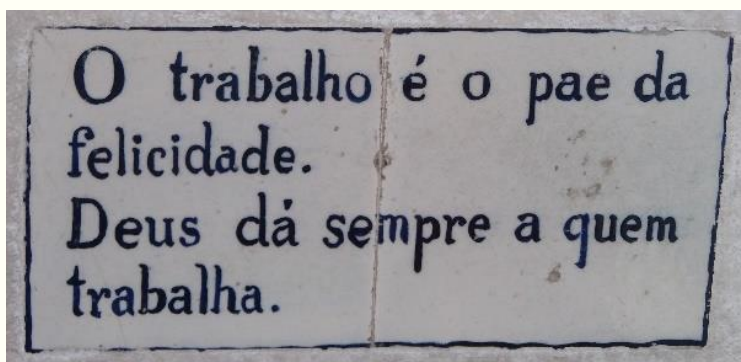
<sup>2</sup> Rocha – *O livro de Mansores*.

A 6 de maio de 1936 terá possivelmente assistido às palavras de D. António Augusto de Castro Meireles, bispo do Porto, na visita pastoral que fizera à freguesia. O prelado, ao despedir-se dos fiéis, “manifesta o seu contentamento, a boa impressão que leva de Mansores, louva o sr. Abade pelo seu apostolado em favor do bom caminho das almas, terminando por desejar a paz nos lares ‘onde nunca falte um caldinho quente a fumegar e um bocadinho de pão saboroso’”.<sup>3</sup>

Dois anos depois, numa entrevista que seguramente Agostinho não leu, desde logo porque era analfabeto, um outro António afirmaria: “nas aldeias, ou nas pequenas vilas, a miséria total é mais rara. Deixa-se às vezes de trabalhar, mas deixa-se raramente de comer. Não há dinheiro, falta, por vezes, a roupa necessária, mas há sempre uma côdea ou um caldo”.<sup>4</sup>

O caldo, muitas vezes limitava-se a água e couve galega. As côdeas, o pão, naquela zona do país fazia-se essencialmente com farinha de milho. Por ordem do patrão, Agostinho chegou a contrabandear aquele cereal<sup>5</sup> no período do racionamento de bens decretado pelo Estado em 1943. O patrão lucrou muito com o contrabando e com a exploração dos criados. E investiu o lucro<sup>6</sup>. E gozou-o: por esses anos, nalguns estios Agostinho foi, a pé à sogá dos bois, levar a família do patrão a Espinho, quando esta ali passava temporadas de férias. Numa das vezes partiram num sábado pelas 4 horas da tarde e chegaram a Espinho ao amanhecer do dia seguinte<sup>7</sup>; e depois de uma pausa para descanso dos bois e algum alimento, criado e bois regressaram a Mansores.

Por esses anos, em Coimbra era inaugurado o Portugal dos Pequenitos. Ignoramos se Agostinho lá entrou alguma vez, mas sabemos que passou a maior parte da vida dentro do *Portugal dos pequenitos* do qual aqueloutro se erigiu como réplica miniatura e, mesmo não sabendo ler nem escrever, subscreveria o sugestivo lema ali inscrito: “O trabalho é o pai da felicidade. Deus dá sempre a quem trabalha”.



*Inscrição numa das casas do Portugal dos pequenitos, em Coimbra*

Agostinho casou, pois, e gerou 10 filhos. Um deles, nado-morto por falta da adequada assistência médica, carregou-o cadáver numa caixinha de madeira, indo de casa até ao cemitério, por carreiros e caminhos de carro de bois. Nesse dia chorou. Os outros nove filhos, por asseados que os pais os trouxessem, foram, como tantas outras, “crianças meias nuas e descalças, mesmo em pleno inverno, que trabalhavam desde pequenas, tornando-se uma mão de obra imprescindível para os seus pais. Percorriam quilómetros a pé, como os adultos,

<sup>3</sup> *Defesa de Arouca*, n.º 539, 16-05-1936, p. 3.

<sup>4</sup> António de Oliveira Salazar, em entrevista a António Ferro, em 1938. Apud. Rosas – *O Estado Novo (1926-1974)*, p. 15.

<sup>5</sup> Nessa altura o milho contrabandeado “dava a 120 escudos o alqueire, pagavam-no a 120 escudos o alqueire. E ele aqui era pr’áí a 16 ou 17.” Rocha – *Nós, se fôssemos a contar*, p. 99.

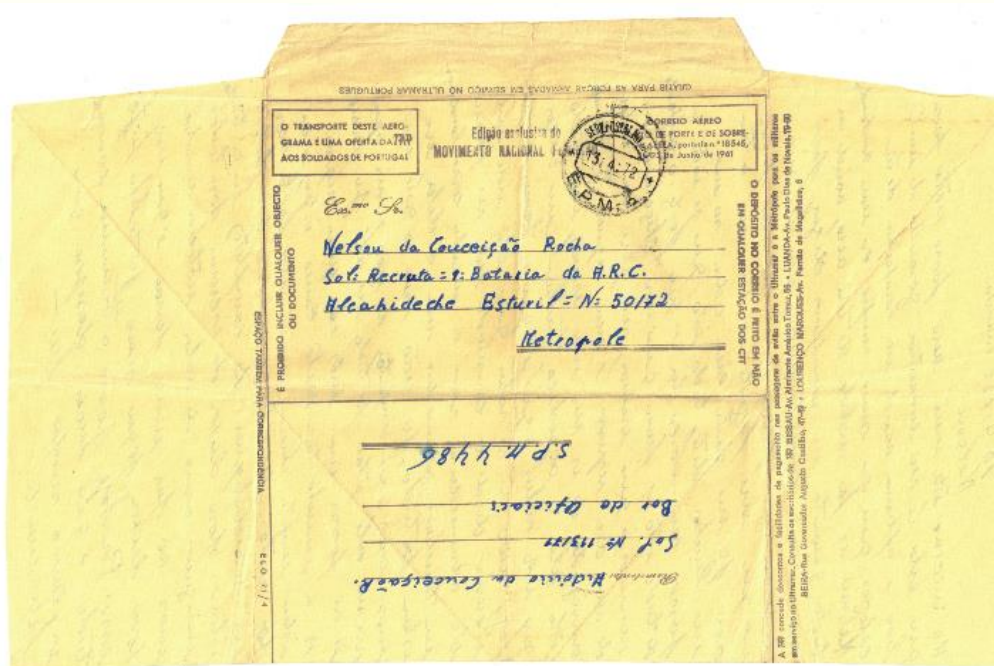
<sup>6</sup> Certa ocasião o patrão pediu ao Agostinho que lhe guardasse um pacote por alguns dias. Quando o foi reaver, disse ao criado “Olha que tinhas aí lá pra 300 contos.” Foi quando comprou uma casa no Porto com aquele dinheiro”. Rocha – *Nós, se fôssemos a contar*, p. 100.

<sup>7</sup> Rocha – *Nós, se fôssemos a contar*, p. 100-101.

cuidavam do gado, apanhavam mato para os currais, ajudavam a cavar as terras, a transportar pedra para os muros e casas, ou seja, dentro das suas limitações físicas faziam tudo o que os adultos faziam, trabalhando praticamente o mesmo número de horas.”<sup>8</sup>

Os filhos foram saindo cedo de casa, uns para servir, outros para serem *apadrinhados* por tios estéreis. Uma das filhas emigrou para a República Federal da Alemanha. Só três deles completaram os 18 anos ainda residindo em casa dos pais.

Em junho de 1971 o filho António embarcou para a guerra, para servir em Angola. Antes do embarque, veio a casa despedir-se da família. No fim, o pai e o irmão Nelson acompanharam-no até às imediações do lugar. Nesse dia Agostinho voltou a chorar. Em janeiro de 1972, estava o António em Angola, e também o Nelson partiu para o serviço militar.



*Aerograma enviado por António da Conceição Rocha a seu irmão Nelson em abril de 1972. O primeiro estava destacado em Angola, o segundo cumpria o serviço militar em Alcabideche*

A construção da memória social tem os seus paradoxos: criou-se e enraizou-se nalguns cidadãos, mesmo tendo vivido em condições de pobreza como as que apontámos, e persistiu, localmente em Mansores e não só, uma memória mitificada e etiológica com narrativas como aquela que afirma ter Salazar vivido consagrado ao País e morrido pobre, deixando os cofres cheios de ouro, uma espécie de síndrome de Estocolmo reforçada pela narrativa de que depois vieram *comunistas* e *socialistas* que desbarataram a riqueza do país. Esta memória ignora, por exemplo, que “cerca de 60% do salário dos moçambicanos a trabalhar, forçadamente, nas minas de ouro da África do Sul era entregue diretamente em ouro ao Estado Português, e o estado pagava uma parte aos trabalhadores, em moeda local, vindo o resto direto para os cofres da metrópole”<sup>9</sup>. E ignora que as ditaduras, como foi o caso do Estado Novo, são altamente corruptas; a propósito, testemunhou-nos Domingos da Conceição Moreira (n. 1946), mansorense destacado para Moçambique na Guerra Colonial, que aqueles foram tempos bons para muitas das altas patentes militares, que em cada comissão de dois anos

<sup>8</sup> Samara; Henriques - “Breves retratos de Portugal no tempo de Salazar”, in *Circular Informação*, Associação de Professores de História, Setembro 2014, p. 17.

<sup>9</sup> Varela – *História do Povo na Revolução*, p. 22.

ganhavam para comprar um apartamento em Lisboa; havia roubos de bens nos quartéis... usava-se de sobrefaturação, desviava-se de combustível..., etc.<sup>10</sup>.

### 1.1.2 Tempos de guerra e repressão

A célebre propaganda “Livro-vos da guerra, mas não sei se vos livro da fome” a respeito da II Guerra Mundial terá então gerado sentimentos de gratidão em muitos cidadãos que, anos mais tarde, entre 1961 e meados da década seguinte, viram os seus filhos compelidos a dedicar três a quatro anos de vida ao serviço das Forças Armadas, muitos deles em cenário de guerra nas então designadas províncias ultramarinas, muitos perdendo a vida. Nascidos em Mansores, 58 jovens militares estiveram destacados em Angola, Moçambique e Guiné entre 1961 e 1975. Antes deles, nos anos 50, dois conterrâneos haviam servido na Índia e um cumpria o serviço militar em Angola. Um outro foi destacado para São Tomé e Príncipe.

Ao contrário do que ocorrera na Grande Guerra, não houve mortos entre os jovens de Mansores destacados para a Guerra Colonial, o que foi tido como uma graça, mas “noivas ficaram por casar”. Há memória de alguns destes combatentes terem sido gravemente feridos em combate, como é o caso de Manuel da Silva Neves Moreira (n. 1922), filho de António da Silva Neves<sup>11</sup> (1892-1970), heroico combatente na Grande Guerra.

Quer para os que embarcaram, quer para os que os viram partir, a experiência desta guerra foi dramática e intensa. Há memória de que toda a comunidade sofria sempre que corria notícia de que as Forças Armadas tinham convocado mais um soldado para a guerra. Enquanto serviam no Ultramar, os soldados mantinham-se em ligação com a terra através de correspondência regular, alguns casaram nessa altura por procuração, muitos criaram amizades e camaradagem que ficaram para a vida. Alguns admitem que por lá tiveram uma *boa vida*, por exemplo, cumprindo funções como padeiros, cozinheiros ou condutores, com vida de quartel e de cidade, sem ter chegado a ir para o mato. Para vários deles a guerra foi uma oportunidade para romper com o destino e os limites da aldeia e ganhar mundo.

A apreensão e o sofrimento da comunidade, consequência da Guerra, podem bem enquadrar-se neste testemunho de Jorge Wemans: “Eu fiz vários ‘campos de férias’ com malta dos liceus, no interior do País. Quando percorríamos as aldeias e falávamos com as pessoas aldeãs sobre a guerra, era simples, era só perguntar onde é que estavam os filhos e as conversas apareciam com naturalidade sobre a dificuldade de cultivar os campos. As duas grandes realidades eram a emigração e a guerra. E as pessoas estavam revoltadas contra a guerra.”<sup>12</sup>

Quanto a episódios de repressão política sobre a liberdade de expressão, ação e organização que tivessem ocorrido localmente, na freguesia, durante o Estado Novo, não encontramos o seu registo. A natureza rural e periférica da comunidade, a presença da autoridade do regedor e do pároco, a ausência de outras instituições locais, que não a Junta de Freguesia e a Paróquia, explicam-no em parte. Porém, o contraste com a Primeira República e com os anos da ditadura militar que antecedeu o Estado Novo é claro e não sabemos explicá-lo: nessas duas décadas, Mansores foi a única freguesia do concelho a ter um subposto da Guarda Nacional Republicana (GNR), com militares ali residentes e episódios de repressão sobre alguns fregueses; a luta entre facções políticas foi recorrente e registaram-se vários conflitos

---

<sup>10</sup> Este testemunho, empírico, é certo, não destoa de referências como as que referem que “a maior parte dos generais eram jovens oficiais dos anos 30 (...) com alguma fortuna, vivendo sobretudo em Lisboa, tinham pouca experiência de África, mas comandavam e tinham interesses económicos em empresas do Estado ou privadas”. Barreto – *Anatomia de uma revolução*, p. 33.

<sup>11</sup> Arquivo Histórico Militar – Boletins individuais do CEP, ref.ª PT/AHM/DIV/1/35A/2/43/40257.

<sup>12</sup> AAVV, *25 de Abril: permanências, ruturas e recomposições*. Coord. Centro de Estudos de História Religiosa. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 2024, p. 35-36.

eleitorais e a invasão de uma assembleia de voto pela GNR<sup>13</sup>; o pároco, resistente à proposta de pensão do Estado, recebeu diversas ameaças, inclusive o lançamento de uma bomba à sua residência, etc.

Não há memória social de ter havido em Mansores expressões de resistência e luta contra a ditadura ou de oposição pública à guerra. Nem de casos concretos de informadores da PIDE/DGS. Note-se, ainda assim, que localizámos o registo de um mansorense que colaborou com a PIDE/DGS: Manuel Moreira Ferreira (n. 1927), que foi inspetor daquele organismo do regime, não na Metrópole, mas em Angola<sup>14</sup>.

## 1.2. Durante

### 1.2.1 O dia da revolução e os meses do período revolucionário

Em abril de 1974 Nelson da Conceição da Rocha (n. 1951) servia o exército português, integrado na Regimento de Artilharia de Costa, no Quartel de Oeiras. No dia 25 desse mês estava de licença em Mansores. Enquanto de madrugada uma coluna militar saída da Escola Prática de Cavalaria de Santarém se dirigia a Lisboa a fim de virar o regime, este militar de licença dirigia-se, acompanhado pelo irmão de 13 anos e pelos bois da família, para um dos campos que faziam de renda, a fim de virar a terra. Na manhã desse dia “... andavam o Nelson e o Abílio a lavar no campo dos Preseirões e a Maria Júlia veio das Agradar a notícia de que houvera uma revolução, e disse ao Nelson, que na ocasião estava de licença da tropa: ‘Vai depressa!’, ao que este respondeu: ‘Não vou. Estou de licença!’”.<sup>15</sup> E não foi mesmo. Só se apresentou no quartel quando terminou a licença<sup>16</sup>. Eis o bucolismo de um jovem soldado de mãos nas *cabritas* do arado a lavar a terra, a mais de 300 km de distância de Lisboa, no exato momento em que seus camaradas de armas tomavam a capital na revolução que não menos bucolicamente se designou de *revolução dos cravos* e que para muitos é *o dia mais importante da história de Portugal*<sup>17</sup>.

Aquele *dia inicial inteiro e limpo* e o seu rescaldo contaram, porém, com a participação ativa de jovens militares que se vieram a ligar a Mansores. Natalino Oliveira Ferreira da Silva<sup>18</sup>, que

---

<sup>13</sup> Cf. *Defesa de Arouca*, n.º 14, 03-04-1926, p. 1-2.

<sup>14</sup> *Relação dos agentes, pessoal administrativo e auxiliar da Ex-PIDE/DGS*, Lisboa, Ministério da Administração Interna, Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos, 1975, p. 50.

<sup>15</sup> Rocha – *Nós, se fôssemos a contar*, p. 57.

<sup>16</sup> Em entrevistas que lhe fizemos, contou-nos que, regressado ao quartel, nos primeiros tempos participou com os seus camaradas em várias ações de recolha de bens em edifícios que não recorda se eram da PIDE, mas o que bem recorda foram os meses que se seguiram aos acontecimentos de Abril, marcados por relaxamento da disciplina militar nos quartéis, furtos de armas, munições e géneros alimentares, etc.

<sup>17</sup> Segundo uma sondagem publicada pelo jornal *Expresso* a 19 de abril de 2024, para 65% dos portugueses “25 de Abril é o dia mais importante da história de Portugal”. Estes resultados são duvidosos, dado o *timing* em que foi feita a inquirição (vésperas do cinquentenário da revolução) e, mais, se nos lembrarmos que em 2006 numa votação aberta promovida pela RTP António de Oliveira Salazar foi votado como o maior português de sempre, com 41% de votos, seguido de Álvaro Cunhal, com 19,1% de votos (Programa Grandes Portugueses, cuja final decorreu na noite de 25 para 26 de março de 2006, cf. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p21257>).

A este propósito, temo-nos deparado com historiografias que, mesmo validadas por entidades públicas, deixam muito a desejar quanto ao seu rigor, e.g.: “O 25 de Abril de 1974 foi o acontecimento mais relevante na história do último quartel [sic] do século XX português, a partir do qual o país passaria a estar assente em princípios como o da Democracia, garantido assim os Direitos Humanos, que incluíam a Liberdade nas suas diversificadas formas: liberdade de opinião e de expressão, ao trabalho, acesso educação, entre outros, e acima de tudo, direito à vida.” Texto divulgado no *website* do Museu Municipal de Vila Franca de Xira e acessível em <https://www.museumunicipalvfxira.pt/pages/6936> [consult. 19-05-2024].

<sup>18</sup> Nasceu na vizinha freguesia de Fajões, mas no período em que cumpriu o serviço militar na Marinha namorava já em Mansores, onde em 1977 casou e desde então reside.

entrevistámos a 24 de abril de 2024, estava, 50 anos antes, ao serviço na Base Naval de Lisboa, vulgo Alfeite, onde cumpriu a maioria dos seus 51 meses de serviço militar. Conseguira livrar da ida à guerra, graças à intervenção de um *padrinho*, e tirar a especialidade de motorista. Na manhã de 25 de abril<sup>19</sup> de 1974, segundo testemunhou, conduziu um autocarro com cerca de 40 fuzileiros *adidos*, atravessando a Ponte Salazar em direção à Rua António Maria Cardoso, em Lisboa, para ajudar à rendição da PIDE/DGS. Quando chegou a Alcântara, só circulavam viaturas militares. Durante o resto da manhã e início da tarde fez várias viagens entre a Rua António Maria Cardoso e a prisão de Caxias transportando no autocarro dezenas de colaboradores da PIDE/DGS, algemados. Um deles, lembra, chorava e evocava ter dois filhos e temer o que lhe poderia acontecer. Uma imagem que guarda muito fresca na memória é a do contraste entre a tristeza dos que entregava algemados em Caxias e a alegria dos que dali saíam em êxtase; uns a ser libertados, outros a ser aprisionados.

Regressemos a Mansores. A notícia do golpe militar chegou à freguesia através da rádio. Segundo testemunhos orais que recolhemos (não há registos textuais, sonoros ou gráficos coevos), o sentimento foi de apreensão e temor. “O povo ficou assustado...”, “Ai, Jesus...”, suspirava-se, segundo nos relataram. Nada que se assemelhasse aos festejos havidos nas grandes cidades. António Fernando Pereira Miranda (n. 1964) era uma criança de 10 anos em abril de 1974. Frequentada a 4.ª classe na escola da Serra da Vila, inaugurada no ano em que nascera. Segundo testemunhou, no dia 25 de abril, “levava o leite ao posto e tive informação (...) que tinha havido uma revolução em Lisboa (...) essa revolução, de certa maneira, dizia a senhora, era uma guerra civil e tinha interferência direta na cidade do Porto. Eu (...) tinha familiares na altura na cidade do Porto (...) Esses familiares estavam em perigo, que ia acontecer uma revolução no Porto e iam destruir a ponte D. Luís. O exército (...) tinha ordens precisas para bombardear a ponte D. Luís (...) isto criou grande celeuma dentro da família, preocupação (...) e depois na passagem por casa de um familiar que na altura tinha televisão, a primeira coisa que constatámos é que o televisor dizia ‘última hora’ e essa era uma mensagem muito forte (...)”<sup>20</sup>.

Nos tempos que se seguiram à revolução, o país, desde os grandes centros às pequenas aldeias, foi *invadido* por múltiplas iniciativas de sensibilização cívica e política: ações de esclarecimento do Movimento das Forças Armadas, comícios de partidos políticos, artigos de opinião na imprensa sobre política, liberdade e democracia, pinturas murais, etc. Não consta que em Mansores tenha havido ações públicas neste sentido, mas lembramo-nos dos apelos ao voto e de siglas e acrónimos de partidos políticos que permaneceram por anos pintados em paredes e portas da freguesia. A *libertação* foi sentida, sobretudo no que toca ao fim da Guerra.

Mas se do impacto imediato na freguesia não se fala, também ao nível do concelho parece que as *novas* já chegaram *velhas*. É que o único jornal em publicação no concelho e, portanto, o que mais penetração tinha nas casas da freguesia, o semanário *Defesa de Arouca* – fundado em 1926 e alinhado com o regime –, com publicação aos sábados, omitiu qualquer menção à revolução na sua edição de 27 de abril<sup>21</sup>. Os artigos e as publicidades dominantes da edição prendem-se com a agricultura. Na p. 4 há uma caixa com alusão ao “Concelho [*sic*] de Ministros” de 23 de abril presidido pelo Prof. Dr. Marcelo Caetano.

---

<sup>19</sup> Temos algumas dúvidas, cruzando as fontes, se todos os episódios narrados por esta testemunha terão ocorrido a 25 ou a 26 de abril. Leia-se Oliveira; Santos - A ocupação da sede da PIDE/DGS em 1974.

<sup>20</sup> Entrevista concedida à associação 4540 Jovem, disponibilizada em <https://www.facebook.com/4540jovem/videos/787338776657191>

<sup>21</sup> *Defesa de Arouca*, n.º 959, 27-04-1974.

Só a 4 de maio o jornal noticia a revolução, sob um editorial “Viva Portugal!”<sup>22</sup>, claramente defensivo e sem qualquer comprometimento ideológico com a nova ordem. Assume que “muitas vezes aplaudimos os servidores do regime deposto nas inúmeras medidas que adotou de inegável vantagem para o progresso do País e bem-estar da grei portuguesa, não esquecendo os benefícios dispensados ao próprio concelho.” Espera que a nova situação possa gerar “um surto de progresso ainda maior” e “que prossiga no mesmo ritmo, o processo de desenvolvimento e prosperidade da pequena pátria que é esta nossa terra – a nossa Arouca bem amada” (sublinhados nossos). A edição de 4 de maio publica ainda o programa de ação da Junta de Salvação Nacional.



1.ª página da Defesa de Arouca de 27-04-1974

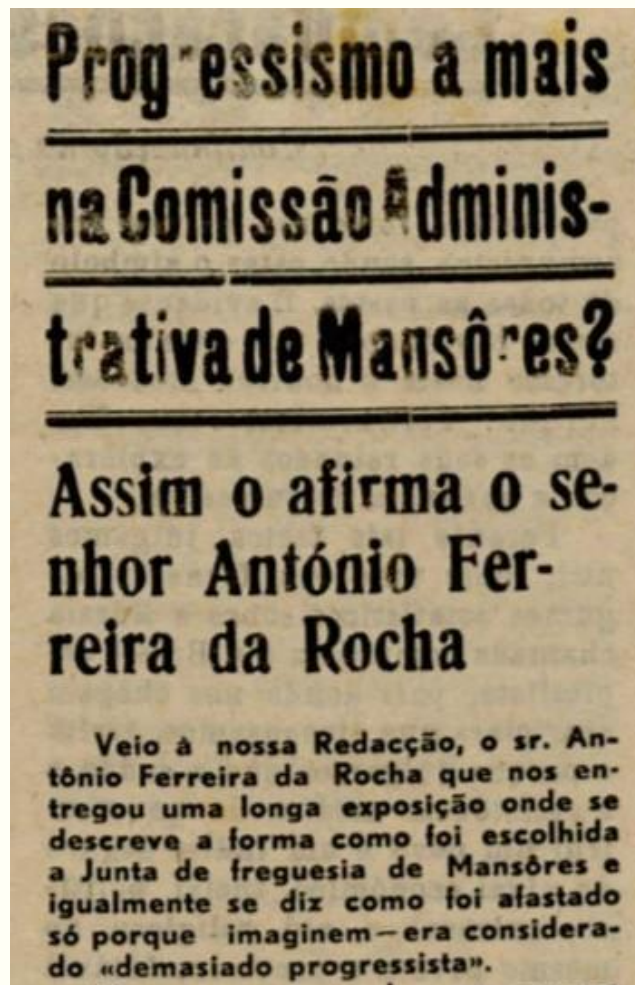


1.ª página da Defesa de Arouca de 04-05-1974

### 1.2.2 O comportamento cívico, político e eleitoral

Após a revolução de Abril, os executivos autárquicos foram-se demitindo ou sendo demitidos, mas alguns demoram vários meses a sê-lo. As atas das sessões da Junta de Freguesia de Mansores de 1974 nada dizem da revolução. A Junta continuou a reunir após abril, se bem que com menos frequência, e sem fazer qualquer registo acerca da mudança de regime. Só a 5 de dezembro de 1974 tomou posse a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, presidida por Sebastião da Conceição Martins. Houve somente uma pequena polémica na formação da Comissão Administrativa, porquanto a 4 de janeiro de 1975 a *Defesa de Arouca* publicou um texto intitulado “Progressismo a mais na Comissão Administrativa de Mansões? Assim o afirma o senhor António Ferreira da Rocha” em que consta que o dito António Ferreira da Rocha teria sido inicialmente indigitado, mas depois afastado da Comissão Administrativa. Esta comissão cessou funções após as primeiras eleições livres para a Assembleia de Freguesia, realizadas a 12 de dezembro de 1976.

<sup>22</sup> *Defesa de Arouca*, n.º 960, 04-05-1974, p. 1.



Defesa de Arouca. 04-01-1975, p. 4.

Essas foram as primeiras eleições democráticas e universais autárquicas. No caso da Assembleia (e Junta) de Freguesia, ganhou por maioria absoluta a Candidatura Democrática Independente de Mansores e saiu derrotado o PPD/PSD, não havendo sequer candidaturas de esquerda. No caso das eleições para a Câmara Municipal, os votos dos eleitores da freguesia no PPD/PSD e no CDS, somados, ficaram muito perto dos 90%.

Concorrentes	Votos	%	Mandatos
GR.I	295	53,15	4
PPD/PSD	227	40,90	3
Em branco	16	2,88	
Nulos	17	3,06	
<b>Votantes</b>	<b>555</b>	<b>73,61</b>	
Abstenções	199	26,39	
<b>Inscritos</b>	<b>754</b>		
Total de mandatos			7

*Eleições de 12 de dezembro de 1976 para a Assembleia de Freguesia*

Concorrentes	Votos	%
PPD/PSD	334	60,18
CDS	154	27,75
PS	33	5,95
FEPU	12	2,16
Em branco	14	2,52
Nulos	8	1,44
<b>Votantes</b>	<b>555</b>	<b>73,61</b>
Abstenções	199	26,39
<b>Inscritos</b>	<b>754</b>	

*Eleições de 12 de dezembro de 1976 para a Câmara Municipal*

Em abril de 1975 e em abril de 1976, as eleições para a Assembleia (Constituinte e da República) tiveram os resultados que se podem ver nos quadros seguintes.

Concorrentes	Votos	%
PPD	426	62,83
CDS	156	23,01
PS	46	6,78
PCP	9	1,33
MDP/CDE	6	0,88
MES	5	0,74
FEC(M-L)	2	0,29
PUP	2	0,29
Em branco	26	3,83
Nulos	0	0,00
<b>Votantes</b>	<b>678</b>	<b>96,31</b>
Abstenções	26	3,69
<b>Inscritos</b>	<b>704</b>	

*Eleições de 25 de abril de 1975 para a Assembleia Constituinte*

Concorrentes	Votos	%
AD	641	86,27
PS	51	6,86
PDC	11	1,48
UDP	8	1,08
PCTP/MRPP	6	0,81
APU	5	0,67
PSR	4	0,54
UEDS	0	0,00
Em branco	3	0,40
Nulos	14	1,88
<b>Votantes</b>	<b>743</b>	<b>93,58</b>
Abstenções	51	6,42
<b>Inscritos</b>	<b>794</b>	

*Eleições de 25 de abril de 1976 para a Assembleia da República*

Não havendo na freguesia publicações periódicas, coletividades ou movimentos sociais ou profissionais, não subsistiram, além dos referidos resultados eleitorais, registos escritos que permitam medir o comportamento cívico e político da comunidade local. A fonte textual mais próxima da qual se pode tentar inferir o ambiente local vivido nos meses que se seguiram à revolução é a imprensa local, mas sendo de âmbito concelhio, não representa uma freguesia apenas. Por exemplo, o já referido jornal *Defesa de Arouca* noticia a 11 de maio a substituição do diretor, noticia a 18 de maio a realização de um comício em Arouca, noticia a 22 de junho a demissão do presidente da Câmara Municipal, refere-se a 13 de julho a um comício havido na freguesia de Canelas (a 30 km de distância de Mansores), mas nestes e nos meses seguintes nada noticia sobre ações ocorridas na freguesia de Mansores e relacionadas com a mudança de regime.

### 1.3. Depois

#### 1.3.1 Impactos sociais e económicos

Num notável exercício de registo de memória social sobre a construção do movimento camponês nas regiões do Centro e Norte nos meses e anos que se seguiram a 25 de abril de 1974, Vasco Paiva menciona por diversas vezes ocorrências e envolvimentos das comunidades do território de Arouca no contexto dos movimentos e organizações de agricultores dos anos 1974 a 1975. “Em 1 de junho [de 1974] realizou-se um comício popular em Arouca, com a presença de 1.000 pessoas, dirigido pelo Padre João Rodrigues (...) em que exigiram a devolução dos baldios”<sup>23</sup>. Porém, a questão dos baldios afetava particularmente as comunidades de freguesias de outra zona do concelho; em Mansores a partilha dos baldios fizera-se genericamente entre 1876 e 1917<sup>24</sup>. Mesmo que ainda em 2011, segundo registo da Câmara Municipal de Arouca<sup>25</sup>, existisse em Mansores uma área baldia residual, de cerca de 10ha, esta pertencia à Junta de Freguesia. Nos anos quentes da democratização do país, a

<sup>23</sup> Paiva – *O desbravar dos caminhos*, p. 23.

<sup>24</sup> Arquivo da Junta de Freguesia de Mansores – *Processos de partilha dos baldios*; ANTT – *Livros de desamortização e foros*, liv. 5, fl. 175-179v.

<sup>25</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE AROUCA – *Relatório de Estado do Ordenamento do Território de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal, 2011.

questão dos baldios colocou-se, pois, bem perto, mas, ainda assim, fora do perímetro da freguesia.

Também a questão da extinção dos foros não se verificou em Mansores no pós-25 de Abril, pese embora tenha levado à criação, em julho de 1975, de um assim designado “Movimento de Extinção dos Foros” com significativas ações no Centro e Norte<sup>26</sup>. Na freguesia não se pagavam foros relevantes em 1974. Porém, até 1973 os orçamentos e as contas da Junta tinham entre as suas poucas rubricas de receita uma rubrica relativa aos foros dos montes<sup>27</sup>. Ainda, recuperámos a história contributiva do foro do “campo da Cortinha”, no lugar do Vale, Mansores, paradigmático do grau de minúcia da economia de minifúndio da região. Em tempo da Monarquia este campo pagava um foro à Confraria do Santíssimo Sacramento de Mansores; com o advento da Primeira República e com a Lei da Separação, o campo foi expropriado e passou para a propriedade do Estado, a quem o enfiteuta (rendeiro) tinha de pagar o foro. Mais tarde, a propriedade foi comprada; contudo, o proprietário, apesar de ter o domínio útil da propriedade, teve de manter o pagamento anual do foro ao Estado. Em 1972, o proprietário requereu, através da repartição de Finanças de Arouca, a remissão do foro e do laudémio a que estava obrigado. Tendo-lhe sido autorizada, celebrou com o Estado um auto de remissão no dia 30 de janeiro de 1974, portanto, às portas da mudança de regime ocorrida em 1974<sup>28</sup> e dois anos antes do Decreto-Lei n.º 195-A/76, de 16 de março, que determinou a abolição dos foros sobre prédios rústicos.

Importante e impactante foi o surgimento da previdência rural. Em Mansores, nos anos 70, a Agricultura continuava a ser a principal atividade económica. Mas, recordemos, à entrada para 1974 “os agricultores, por lei, não tinham direito a abono de família (...) as reformas eram baixas, verificava-se uma discriminação entre homens e mulheres e as viúvas nem sequer tinham pensão”<sup>29</sup>. A *Defesa de Arouca* anunciou na edição de 1 de junho de 1974 várias medidas sociais em preparação pelo Governo, entre as quais o aumento significativo das pensões mínimas de reforma e invalidez e o projeto de substituição dos sistemas de previdência e assistência, porque “O novo regime é o regime do povo. E o povo das nossa aldeias, o povo que desconhece, infelizmente, todos os meandros da política, irá pouco a pouco aperceber-se da injustiça que durante tantos anos lhe norteou a vida”<sup>30</sup>. Em resposta a esta injustiça, nasceu em Coimbra, em 1975, o Movimento de Agricultores para uma melhor Previdência Rural, e a sua ação também se estendeu ao distrito de Aveiro, sendo que a Casa do Povo de Arouca foi uma das 12 que deram contributos para o caderno reivindicativo que aquele movimento aprovou no 1.º Encontro sobre Previdência Rural realizado em fevereiro de 1977<sup>31</sup>. Da ação deste Movimento, mesmo que não a tenhamos documentado, presumimos que beneficiaram diretamente os muitos agricultores de Mansores, para os quais até então a previdência social era limitadamente prestada por via da Casa do Povo de Arouca.

Voltemos ao testemunho de António Fernando Pereira Miranda. Na primavera de 1974 estava na chamada 4.ª classe, e era dos mais novos da turma; antes da revolução, a professora previa levar a exame da 4.ª classe apenas uma seleção de alunos que entendia mais bem preparados, porque a taxa de aprovação tinha consequências diretas no seu salário, pelo que António, testemunha o próprio, fazia parte do grupo que não iria a exame e estaria destinado a

---

<sup>26</sup> Paiva – *O desbravar dos caminhos*, p. 32-38.

<sup>27</sup> Arquivo da Junta de Freguesia de Mansores – *Livros de atas da Junta de Freguesia e Registo de contas de receita e despesa*.

<sup>28</sup> O processo conducente à remissão do foro está no Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, cód. ref.: ACMF/Arquivo/DGFP1/AVE/ARO/FOROS/027.

<sup>29</sup> Paiva – *O desbravar dos caminhos*, p. 70.

<sup>30</sup> *Defesa de Arouca*, n.º 964, 01-06-1974, p. 3.

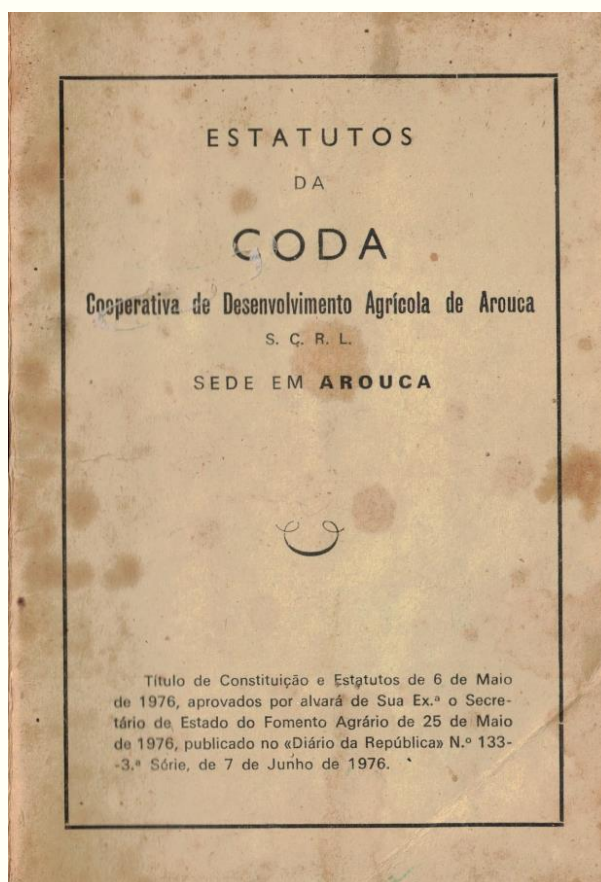
<sup>31</sup> Paiva – *O desbravar dos caminhos*, p. 75.

reprovar. A revolução valeu-lhe, pois permitiu que todos os alunos fossem a exame. Foi e passou. Sendo de condição social pobre (o pai morrera e a mãe tinha poucos recursos para sustentar uma prole numerosa), foi-lhe oferecida a possibilidade de frequentar um colégio salesiano que à época funcionava em Arouca; aproveitou a oportunidade, estudou com apoios públicos e tornou-se professor. É dos pouquíssimos conterrâneos da sua geração que frequentaram o ensino superior e, portanto, um exemplo concreto de ascensão social por via da educação.

### 1.3.2. Os retornados e o projeto da Cooperativa de Desenvolvimento de Arouca

O ano de 1975 ficou particularmente marcado, também em Arouca, pela chegada dos *retornados*. A Câmara Municipal criou um gabinete para apoio à criação de emprego e pequenos negócios por parte destes cidadãos chegados das Províncias Ultramarinas.

Em meados de 1976 foi criada na vila de Arouca, por iniciativa de alguns desses *retornados*, uma cooperativa chamada Cooperativa de Desenvolvimento Agrícola de Arouca, a qual ficou conhecida pelo seu acrónimo, CODA.



Capa de exemplar dos estatutos da CODA

A CODA, embora sempre tivesse por objetivo representar todo o concelho de Arouca, esteve particularmente ligada à freguesia de Mansores por várias razões. Sublinha-se que fez em Mansores o seu maior investimento, comprando um terreno e projetando nele um grande complexo de transformação de madeiras; e o seu principal mentor e primeiro presidente da direção foi António Teixeira Pereira da Conceição, natural de Mansores e também ele um *retornado*.

A cooperativa pretendeu envolver-se nas atividades económicas de maior expressão do concelho: a agropecuária e a silvicultura, assessorando os agricultores, promovendo o

escoamento dos seus produtos e integrando também a valência típica das cooperativas de consumo. Teve planeadas as seguintes *secções*: compra e venda, serviços de procuradoria, máquinas agrícolas, construção civil, coelhos, frutas, vinhos, madeiras e farinhas e rações; serviços de carpintaria, serralharia, transportes e compra e venda de mercearias; armazéns distribuídos pelas freguesias para compras e vendas, uma fábrica de latas e de transformação de frutos, outra de farinhas e rações, uma adega de vinhos e uma indústria de transformação de madeiras.

A CODA teve muitos projetos e concretizou alguns deles. Mas contraiu empréstimos que não conseguiu pagar, acumulou dívidas fiscais e três anos depois de criada já não tinha atividade e estava a decidir em assembleia se devia transferir para outra instituição o terreno e o projeto de transformação de madeiras adquirido em Mansores.

Era um projeto totalizante, de certo modo, um projeto gizado por pessoas habituadas a empreendimentos de sucesso nas terras largas e prósperas do Ultramar, mas incapazes de desarmar as desconfianças e o fechamento das comunidades de Arouca daqueles tempos, secularmente habituadas a gerir familiar e integralmente os seus próprios processos de sobrevivência económica. Teve resistências de pessoas e instituições já vocacionadas para o apoio à agricultura local e não foi capaz de se adaptar às difíceis circunstâncias com que se deparou.

António Teixeira Pereira da Conceição envolveu-se em polémicas na imprensa, nomeadamente polemizando com um articulista de pseudónimo *Zé da Vila*, na sequência da publicação regular na *Defesa de Arouca*, entre junho e setembro de 1976, de um boletim chamado *Notícias da CODA*. Da leitura do boletim e da polémica na imprensa compreende-se a relação da CODA com o drama dos *retornados*. Tomemos este texto de sua autoria:

“Como a ideia inicial [da CODA] foi dos retornados, e como os RETORNADOS são alvo fácil para todas as calúnias e maledicências mercê duma mentalização feita nesta gente ignorante por sabidos políticos aliados do Diabo desde há muito tempo; vai daí, é com base na ‘classe dos retornados’ que pretendem à viva força criar (neste País sem classes) que são assestados os ataques contra a CODA. Imaginávamos que, nesta altura, já seria possível falar-se apenas na CODA e esquecer-se esta maldita palavra RETORNADOS que ainda há de ser dor de consciência para muito boa gente. Pois atualmente os associados da CODA que não são retornados devem ser cerca de 80% do total; e cerca de 30% dos trabalhadores da CODA não são nem nunca foram colonialistas, retornados, exploradores de pretos ou brancos, nem sequer emigrantes. Antigamente os tais retornados ou colonialistas, quando cá vinham passar as suas férias, em bons carros e com dinheiro, viam os seus sapatos lambidos pelas mesmas pessoas que hoje quase vomitam ou morrem de síncope só em olhar para eles, porque eles foram miseravelmente traídos e roubados e estão pobres; essas pessoas dedicam-se agora inteirinhas a adular e lamber as botas aos nossos irmãos emigrantes chegados do Brasil, da França, da Alemanha ou de outro lado qualquer. Dizem que ‘estes’, sim, estes são diferentes. Basta apreciar a maneira diferente como uns e outros são tratados em qualquer lado, duma maneira especial naquilo a que na nossa terra chamam pensões. Que estes nossos irmãos tenham os olhos bem abertos, que se deixem de generosidades com tal gente ou escumalha, pois serão traídos, abandonados e mesmo condenados se infelizmente amanhã lhes caírem em cima desgraças, como a nós sucedeu. E, em muitos casos, será a própria família, que agora os mete no coração, que os virá a pôr fora da porta, a meter em palheiros ou currais e, por cima, a inventar as maiores calúnias contra eles a fim de sossegarem as suas próprias consciências.”<sup>32</sup>

Quase meio século passado, não podemos ficar indiferentes a esse grito de dor e abandono.

---

<sup>32</sup> *Defesa de Arouca*, 09-07-1976, p. 4.

Mesmo criada dois anos após a revolução de Abril, a CODA chegou tarde. Já em 1944 fora criada, na sede do concelho, a Cooperativa Agrícola dos Produtores de Lacticínios de Arouca, a terceira da região e uma das fundadoras da LACTICOOP<sup>33</sup>, e o Grémio da Lavoura continuava ativo. A cooperativa arouquense trouxera, entre fins dos anos 60 e inícios dos anos 70, grande dinamismo ao setor leiteiro da freguesia, agindo como intermediária da LACTICOOP, tirando o protagonismo que fora da Lacto-Lusa, de Vale de Cambra, e construindo postos de recolha de leite, um em cada um dos seguintes lugares: Avitureira, Agradas, Estrada, Ribeira e Vila, além de promover a criação de duas ordenhas mecânicas coletivas, uma na Bouça e outra na Mata. E, voltando a 1944, quase por premonição, também nesse ano foi criada, com sede em Mansores, uma outra cooperativa, denominada Cooperativa Agrícola dos Agricultores Exploradores de Árvores Florestais do Concelho de Arouca, a qual nem sequer há memória de que tenha chegado a ter atividade, e a sua existência esfumou-se no tempo<sup>34</sup>. Por tudo isto, não só, mas também, a CODA não singrou.

Em entrevista que realizámos a 14 de maio de 2024 a José Artur de Almeida Gomes, outro *retornado*, que integrou desde a primeira hora os corpos sociais da CODA e foi funcionário daquela cooperativa, ficámos a saber que a CODA teve um arranque fulgurante e promissor: abriu cinco lojas no concelho, onde vendeu rações, adubos e outros bens; comprou frutas, hortícolas e outros produtos aos pequenos agricultores e revendeu-os em mercados do Porto; adquiriu uma linha de engarrafamento mecanizado de vinho e comercializou vinho da região; edificou algumas moradias, etc. Segundo nos testemunhou o entrevistado, em certo momento a CODA foi informada de que teria de alterar a sua natureza jurídica, convertendo-se em Sociedade para continuar a ser elegível para os empréstimos bancários de que necessitava; porém, António Teixeira Pereira da Conceição persistiu na figura da Cooperativa e isso implicou o fim do financiamento à mesma.

### 1.3.3. As casas económicas

A 25 de abril, não de 1974, mas de 1918, o Governo publicou o decreto n.º 4137, estabelecendo várias providências atinentes a promover a construção de casas económicas a fim de alojar as “classes menos abastadas”. A vaga de *retornados* trouxe também a Mansores, na segunda metade dos anos 70, o então chamado *problema da habitação*, que foi à época um dos temas mais presentes na sociedade e na política nacional. O Governo, aliás, criou um programa específico para a resolução deste problema. Foi no quadro deste programa que esteve prevista em 1977 a construção, no sítio do *viso* das Agradas, de uma pequena urbanização de sete casas pré-fabricadas, também chamadas casas económicas<sup>35</sup>. O processo arrastou-se e em inícios de 1985 foi tornado público que vários moradores se opunham à sua implementação<sup>36</sup>. Simultaneamente, chegou a estar pensada a construção de blocos

---

<sup>33</sup> Paiva – *O desbravar dos caminhos*, p. 184-85.

<sup>34</sup> COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS AGRICULTORES EXPLORADORES DE ÁRVORES FLORESTAIS DE AROUCA, *Estatutos*, S.I., [1944]. Os estatutos foram aprovados por alvará do Ministro da Economia, de 21 de julho de 1944, publicado no Diário do Governo n.º 174, 2.ª série, de 28 de julho do mesmo ano, nos termos do Decreto n.º 4.022 de 29 de março de 1918.

<sup>35</sup> *Jornal de Arouca*, n.º 10, 16-06-1977, p. 3.

<sup>36</sup> O Arquivo da Junta de Freguesia de Mansores conserva um processo com um ofício da Direção Geral dos Serviços de Urbanização, a planta topográfica do local onde iriam ser instaladas as casas pré-fabricadas e o abaixo-assinado que deu entrada na Câmara Municipal de Arouca a 5 de julho de 1978 e no qual um conjunto de habitantes do lugar onde estavam projetadas as casas pré-fabricadas protestavam e se expressavam lesados pelo projeto, advogando que: a urbanização iria inutilizar um caminho e “iríamos ser prejudicados por pessoas de fora do lugar e possivelmente de fora da freguesia, quando um morador do lugar das Agradas pediu para construir uma casa neste sítio e lhe foi negada a venda do terreno para a mesma.”

residenciais para cerca de 60 moradias em local próximo do complexo madeireiro da CODA. Mas, também este projeto não saiu do papel.



Excerto da planta topográfica do local onde iriam ser instaladas as casas pré-fabricadas. Arquivo da Junta de Freguesia de Mansores

SETE MORADIAS NO VIZO — AGRAS — podemos dar a informação concreta de que breve vão ser iniciadas as terraplanagens, acessos, esgotos, etc., para que tudo esteja pronto de modo às sete moradias poderem começar a ser instaladas no próximo dia 1 de Julho.

BLOCOS RESIDENCIAIS: — estão em bom andamento as diligências para a construção de blocos residenciais (em princípio 60 moradias) nas proximidades da CODA. Neste momento estamos na fase de decidir se essas moradias hão-de ser simplesmente para alugar, ou se em regime de resgate com amortização mensal, até serem propriedade de quem as habite, isto é, um regime de propriedade resolúvel.

Excerto de notícia do Jornal de Arouca, n.º 10, 16-06-1977, p. 3

#### 1.4. Síntese

Como apontámos, Mansores era em 1974 uma comunidade rural, mal servida de comunicações e distante de grandes centros, sem fábricas, habituada a sobreviver à custa da pequena agricultura familiar de minifúndio e de outros ofícios de autossubsistência e, à semelhança do resto do país, beneficiou da viragem política ocorrida com a revolução de abril desse ano. A ausência de conflitos bélicos, a maior liberdade de expressão, de organização, de circulação e de empreendedorismo por parte dos cidadãos, e os incentivos financeiros do Estado e da União Europeia, entre muitos outros aspetos, concorreram para que o pós-25 de Abril tenha sido o período com maior desenvolvimento económico e mais mudanças sociais na Freguesia.

Querendo conhecer a receção e a memória construída localmente a respeito da revolução de abril de 1974, partimos da perceção de que tinha havido – à data e ao longo das décadas seguintes – uma quase indiferença ou apatia da comunidade de Mansores a respeito deste acontecimento fundador da Democracia em Portugal. Com algumas sugestões de enquadramento, procurámos compreender o contexto local que recebeu aquele evento histórico e identificámos matizes e evidências de ações e reações locais. Apresentámos as tendências políticas da comunidade à época, em que a expressão eleitoral dos partidos de esquerda foi residual.

Apresentámos alguns exemplos das mudanças trazidas pelo novo regime político, particularmente a nível económico e social, e dois casos concretos de projetos (a CODA e as casas económicas) que, mesmo gorados, foram expressão local de problemas nacionais.

Não trouxemos à reflexão as expressões religiosas da comunidade, enquanto instâncias de sentido e de sociabilidade. Mas concluímos com um apontamento: enquanto noutras terras se anunciavam e realizavam comícios, assembleias de trabalhadores, greves e soluções de governo, a *Defesa de Arouca* anunciava a 25 de maio de 1974 o programa da festa de Santa Quitéria a realizar em Mansores no dia 2 de junho: de manhã profissão de fé e missa solene; durante a tarde, arraial e concerto musical. Em 2024, o programa da festa, também ocorrida a 2 de junho, parece decalcado do programa de 1974.

A 25 de agosto de 1975 um violento incêndio fustigou a freguesia de Mansores, propagando-se a partir da zona entre o monte Castelo e a Serra Grande. Esse, sim, foi o verdadeiro “verão quente” que se sentiu lá na terra... foi apagado pelos bombeiros e populares, se bem que já na altura tenha beneficiado da ajuda de avionetas de combate a incêndios, *a custas do Estado*, supomos.

Se durante décadas parece não ter sido evocada ou celebrada localmente a memória pública de Abril, o ano de 2024 tem sido ali especialmente favorável à recuperação e à construção da sua memória social e cultural. A esse respeito, assinalam-se as seguintes ações:

- De 24 de abril a 5 de maio esteve patente na sede da Junta de Freguesia a exposição “Construir a Liberdade”, promovida pela comunidade escolar local, e cuja preparação foi uma excelente oportunidade para partilha de memórias por parte de quem viveu antes, durante e nos anos que se seguiram à revolução e para aquisição dessas memórias por parte de quem as não viveu.
- A 1 de maio a Associação Cultural e Recreativa de Mansores promoveu um encontro “Conversas com café” dinamizado por Celso Portugal Ferreira da Silva, membro da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Arouca empossada em novembro de 1974 e um dos autarcas mais longevos do concelho.
- A 16 de junho, por iniciativa da Junta de Freguesia, foi inaugurado um Memorial com a inscrição dos nomes dos 101 cidadãos naturais da freguesia ou que nela fixaram residência e identificados como tendo sido destacados para combate em conflitos militares, entre a Guerra da Restauração e a Guerra Colonial. Este Memorial deu especial destaque aos combatentes na Guerra Colonial, que são 71 desses 101. Veja-se, neste livro, o capítulo que lhe é dedicado.
- Entre outras dinâmicas, este breve estudo é, também ele, um humilde contributo para essa memória.



Cartaz das “Conversas com café”  
(1 de maio de 2024)



Cartaz da exposição “Construir a Liberdade”  
(24 de abril a 5 de maio de 2024)

## 2. Participação de mansorenses em conflitos militares

*Miraculosa Rainha dos céus  
Sob o teu manto tecido de luz,  
Faz com que a guerra se acabe na terra  
E haja, entre os homens, a paz de Jesus!...*  
(Carlos de Moraes)

A guerra e o serviço militar daqueles que são chamados a fazer a guerra parecem-nos muito distantes, coisas do antigamente e de terras longínquas, a que acedemos apenas pela mediação dos ecrãs e com as quais não temos nada a ver. Mas não é bem assim. Desde logo, o território português, no séc. xx, passou por duas revoluções em que os militares foram protagonistas (revolução republicana de outubro de 1910 e revolução de abril de 1974) e por duas guerras (grande guerra de 1914-1918 e guerra colonial de 1961-1974); houve portugueses nos campos de concentração nazis; no séc. xix Portugal sofreu as invasões francesas, foi palco de uma revolução liberal e de uma longa guerra civil. Isso foi ontem. E também foi aqui, em Mansores, e daqui saíram militares combatentes e nem todos regressaram.

Faz agora meio século, o nosso país saía de um conflito militar que obrigara muitos dos jovens desta freguesia a embarcar para combater na assim chamada guerra colonial ou guerra do ultramar; muitos deles ainda vivem para contá-la. Contemos também nós um pouco da história do serviço militar feito por mansorenses, registemos no metal e na pedra os seus nomes, para que se lembrem sempre e nos lembrem que a paz e a democracia são frágeis e têm de ser cuidadas. Imaginemos o que terá sido o drama de tantos homens, alguns já com filhos, vendo-se forçados a deixar a família para serem lançados na desumanidade da guerra, com irmão a matar irmão. Serviram a pátria. Imaginemos também a dor daqueles que viam os seus partir sem saber se regressariam<sup>37</sup>.

A localização de Mansores não fez da freguesia um ponto especialmente central nos percursos de conquistas e batalhas militares, se bem que um elemento matricial e, portanto, identitário, da povoação (o seu próprio nome, Mansores<sup>38</sup>) se deve à conquista militar e ocupação do território na idade média pelos povos do norte de África que conquistaram estas terras. Já as povoações vizinhas assistiram a vários confrontos que ficaram na história, devendo-se tal à sua maior proximidade em relação a vias de comunicação de maior importância.

### Período medieval

Mansores, enquanto tal, começou a existir no séc. xi, precisamente na altura em que se encerrava um longo conflito militar que envolveu a região entre 716 e 1058, conflito esse que opôs os cristãos peninsulares aos povos muçulmanos vindos do norte de África. Nesse período ocorreu, em 1035, na vizinha localidade de Cesar, que pertencia ao mesmo território que Mansores, uma batalha em que as tropas cristãs do rei de Leão, Bermudo III, saíram vitoriosas

---

<sup>37</sup> Um exemplo ilustrativo: “O filho António foi destacado para a guerra do Ultramar, para servir em Angola. Antes de embarcar, veio de motorizada à Avitureira despedir-se da família. No fim, o pai e o irmão Nelson acompanharam-no até à volta do Barrocal. Quando o António partiu, o pai meteu-se pelo caminho em direção ao Barrocal, a chorar.” Cf. Rocha – *Nós, se fôssemos a contar*, p. 57.

<sup>38</sup> O topónimo Mansores é um antropónimo: tem origem no nome árabe Mançor ou Mansur e pela terminação em es significa “os filhos (ou descendentes) de um Mançor”. *Mançor* significa, em árabe, Vitorioso. A atribuição deste nome à freguesia pode ter relação com Almançor (ca. 938-1002), líder político e militar muçulmano.

sobre o inimigo muçulmano. Segundo a *Chronica Gothorum*, a 23 de março de um ano que os especialistas consideram ter sido 1035, “o rei D. Bermudo teve uma vitória sobre os mouros, lutou com eles e aprisionou-lhes aí o rei Cémia na povoação de Cesar, no território do castelo de Santa Maria.” Que consequências terá tido esta batalha na nascente povoação de Mansores? E, que concluir ao constatar que estamos prestes a celebrar 1.000 anos desta batalha ocorrida na nossa terra, hoje, nestes tempos da tão falada islamização da Europa e da tão temida expansão do terrorismo que usa o Islão?

Dos muitos conflitos que se travaram nos séculos seguintes, nomeadamente no quadro da emergência e afirmação do reino de Portugal, ignoramos se alguns deles tiveram impacto direto em Mansores, por exemplo em termos de recrutamento de camponeses para servir em combate.

### **Serviço militar obrigatório**

Em 1599 a *lei das armas* estipulou que, em geral, em Portugal os homens com idade entre 18 e 60 anos de idade, sem doenças físicas ou mentais, podiam ser requisitados para prestar serviço militar<sup>39</sup>. O serviço militar obrigatório, porém, foi instituído apenas no séc. XIX e terminou em 2004. A inspeção militar, com vista à seleção para o cumprimento do serviço militar, foi, até finais do séc. XX, vivida pelos mancebos das povoações rurais portuguesas como um *rito de passagem* à vida adulta. Também em Mansores.

Os jovens iam à inspeção, geralmente em grupo, no ano em que eram convocados e no dia marcado. A inspeção fez-se durante muitas décadas no edifício dos paços do concelho de Arouca; mais tarde no Centro de Recrutamento e Mobilização da região militar. Feita a inspeção, podiam ficar em estado de *apurado*, *esperado* ou *livre*. Ficar *apurado* significava de certo modo o reconhecimento de plena masculinidade e robustez e, enquanto tal, era motivo de orgulho, embora também de apreensão, nos tempos de guerra, por significar o risco de ter de combater. Ficar *livre*, ou como se dizia, *livrar da tropa*, causava certa tristeza no que significava a identificação de alguma característica não conforme aos padrões físicos e psíquicos exigidos para se poder cumprir o serviço militar, mas era também sinal de alívio nas alturas de guerra. Prática comum era a dos *pedidos*, vulgo *cunhas*, daqueles que tinham meios para tal e pretendiam *livrar da tropa*. Outra prática para fintar o serviço militar obrigatório passava pela emigração durante a adolescência. Era ter de escolher entre o risco de morrer, a obrigação de matar ou a necessidade de fugir. Hoje, um pouco por toda a Europa, incluindo em Portugal, o regresso do serviço militar obrigatório é uma possibilidade em cima da mesa e é uma séria possibilidade.

### **Guerra da Restauração (1640-1668)**

A guerra da restauração iniciou-se com a revolta de 1 de dezembro de 1640, que, aproveitando os efeitos de uma sublevação ocorrida na Catalunha, pôs termo à soberania espanhola ou filipina do reino de Portugal que se prolongava desde 1580. Durante esta guerra da restauração travaram-se várias batalhas nas quais os exércitos de Espanha tentaram recuperar o poder sobre Portugal, até que em 1668 foi assinado o tratado de paz conhecido por Tratado de Lisboa. A guerra durou, portanto, 28 anos.

Em 1647, o Corregedor das comarcas de Coimbra e Esgueira foi encarregado de recrutar nessas duas comarcas soldados para a Guerra da Restauração. Estes soldados tinham a

---

<sup>39</sup> Cf. Costa – *São Salvador de Vilar de Andorinho*, p. 249.

designação de *soldados auxiliares*. Conserva-se ainda hoje um rol dos soldados alistados<sup>40</sup>. Segundo esse rol, dos 181 soldados recrutados na Vila da Feira, e entre aqueles que serviram às ordens do capitão André Soares Mascarenhas, consta a referência de dois soldados recrutados na freguesia de Mansores. São dois conterrâneos nossos que, como se escreve na ata que está no fólio 3 deste rol, serviram Sua Majestade “porque tudo será em benefício e alívio dos povos”. Estes soldados foram: António Duarte, do lugar das Póvoas, de 40 anos; e Brás João, do lugar da Avitureira, de 39 anos.

São os primeiros dois mansorenses acerca dos quais localizámos registo documental que evidencia terem sido recrutados para defender a Pátria. Não localizámos outra informação biográfica, como seja a sua filiação, descendência ou data de morte, ou até se a sua mobilização e a sua participação efetiva em operações militares no terreno terão sido factos históricos. Mas, as fontes permitem pelo menos presumir essa possibilidade. A propósito, o lugar da Avitureira está documentado a partir de inícios do séc. XVI e existe, enquanto o lugar das Póvoas está documentado nos séc. XVII e XVIII e teria alguma relevância na altura, mas a partir de finais do séc. XVIII deixa de ser referido e ignoramos onde se situaria.

### **Guerra Peninsular ou invasões francesas (1807-1811)**

No contexto da guerra peninsular, vulgarmente conhecida como *invasões francesas*, o reino de Portugal foi invadido pelo exército francês por três vezes, a primeira em 1807-1808, a segunda em 1809 e a terceira em 1810-1811.

Na segunda invasão, sob o comando do marechal Soult (Nicolas Jean de Dieu Soult), as tropas francesas atacaram o Norte do país entre março e maio de 1809. Ocuparam o Porto a 28 de março e depois fizeram incursões a sul do Douro. Foi nesse contexto que a 17 de abril de 1809 os invasores cercaram a povoação de Arrifana, matando mais de 60 pessoas como retaliação à emboscada sofrida por um piquete de cavalaria. Lembramos que nessa data Mansores e Arrifana pertenciam à mesma unidade administrativa, ao mesmo território: a vila de Oliveira de Azeméis. Também por esses dias se travaram nas proximidades da freguesia de Mansores combates entre os invasores franceses, por um lado, e militares e milicianos portugueses, por outro: tendo as forças francesas tentado penetrar no vale de Arouca, foram aí travadas em combates que se prolongaram por nove dias<sup>41</sup>; o palco principal destes combates foi o sítio da Farrapa (Chave), sendo que a defesa também estaria montada noutros pontos estratégicos de acesso ao território de Arouca, como o vale de Rossas e o Carvalhal, em Tropeço.

### **Companhias de ordenanças e guerras liberais (1832-1834)**

Em 1570, D. Sebastião fez uma reorganização militar do reino, criando as capitánias-mores, que se subdividiam em companhias de ordenanças. A base da constituição das capitánias-mores era a Terra (vila, concelho, honra, etc.). O capitão-mor era escolhido pelas jurisdições de cada terra; as terras tanto podiam ser do rei como de senhorios nobres ou eclesiásticos. O capitão-mor nomeava todos os oficiais das companhias, sendo ajudado por um sargento-mor. As companhias de ordenanças deveriam ser compostas no mínimo por 250 homens, comandados por um capitão, um alferes, um sargento e 10 cabos de esquadra. Cada companhia dividia-se depois em dez esquadras, cada uma liderada por um cabo de esquadra. Cada companhia tinha também um meirinho e um escrivão.

---

<sup>40</sup> BNP – *Fundo Geral de Manuscritos*, códice n.º 8569. Os soldados de Mansores vêm referidos no fólio 57. Este documento é referido em Pombo – Comarca de Esgueira.

<sup>41</sup> Cf. Simões Júnior – Arouca: subsídios para a sua monografia. *Defesa de Arouca*, 07-04-1989, p. 8; França – *Cartas baianas (1821-1824)*, p. 236.

As companhias de ordenanças, com modulações variáveis, perduraram por cerca de dois séculos e meio. Os cidadãos de Mansores que integraram estas companhias, como soldados, capitães ou alferes, fizeram-no em companhias das terras às quais à época pertencia a freguesia: a vila da Feira até 1799; a vila de Oliveira de Azeméis após essa data. Encontrámos registos de dois cidadãos que, residentes em Mansores, integraram estas companhias.

- Manuel de Pinho de Almeida Pereira Cabral e Vasconcelos (1743-1816). Foi alferes de ordenanças de Oliveira de Azeméis. Ainda hoje a sua casa, no lugar da Estrada, e a sua descendência são conhecidas como *casa do Alferes*.

- António Joaquim da Fonseca Landim Castro Portugal (1795-1868). Capitão da 5.ª companhia de ordenanças de Oliveira de Azeméis. Ainda hoje a sua casa, no lugar da Estrada, e a sua descendência são conhecidas como *casa do Portugal*.

No contexto das guerras liberais que decorreram entre 1832 e 1834, além da intervenção das companhias de ordenanças, tiveram um papel central as milícias espontâneas. Uma das milícias que fizeram história nas guerras liberais foi a milícia formada em 1832 pelo lendário frei Simão de Vasconcelos, natural de Cesar, o qual foi intercetado perto de Mansores (em Soutelo, Chave) antes de ter sido capturado a caminho de Viseu<sup>42</sup>.

### **Grande Guerra de 1914-1918**

Marco incontornável da história contemporânea e consagrada como a Primeira Guerra Mundial, a Grande Guerra de 1914-1918 envolveu muitas nações, entre as quais Portugal, que “mobilizou mais de 100.000 homens, dos quais mais de 18.000 para Angola, cerca de 30.000 para Moçambique, e mais de 56.000 para França. Em todas as frentes se travaram combates, mas os efetivos portugueses só participaram numa batalha, a Batalha de La Lys, na Flandres, no dia 9 de abril de 1918. No total, Portugal perdeu 7.760 homens, a que se somaram mais de 16.000 feridos e mais de 13.000 prisioneiros e desaparecidos”<sup>43</sup>.

Embora os combates se tenham travado a milhares de quilómetros de distância, esta guerra teve impacto muito concreto em Mansores. A partir sobretudo da série de boletins individuais de soldados conservada no Arquivo Geral do Exército, identificámos 25 soldados naturais de Mansores e enviados para combate na Grande Guerra e um outro soldado, nascido em Escariz, mas que estabeleceu residência em Mansores. São heróis que não podiam ficar esquecidos. Pertencendo ao distrito de Aveiro, estes soldados integraram o Batalhão ou Regimento de Infantaria n.º 24. 11 combateram em França, integrados no Corpo Expedicionário Português<sup>44</sup>; quatro combateram em Angola<sup>45</sup>; e 11 combateram em Moçambique<sup>46</sup>. Estão referenciados no quadro 1 abaixo.

---

<sup>42</sup> Frei Simão de Vasconcelos, natural de Cesar, monge cisterciense em Alcobaça, abandonou a Ordem e em 1832 organizou uma guerrilha liberal, a qual, deslocando-se a Arouca, foi intercetada. Uns fugiram, outros foram capturados, entre os quais o próprio frei Simão de Vasconcelos, que, com 13 outros guerrilheiros, foi condenado à morte e fuzilado a 17 de outubro de 1832. Tem ascendência comum com a família do *Alferes da Estrada*, de Mansores.

<sup>43</sup> Memorial aos mortos na Grande Guerra, acessível em <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/>.

<sup>44</sup> Abel Correia dos Santos Lima; Alberto Pinho Moreira; Amadeu Correia dos Santos Lima; António Alves de Almeida; António da Silva Neves; António Joaquim Fernandes; Augusto Correia dos Santos Lima; José Francisco do Meio (nascido em Escariz); Manuel de Paiva; Manuel Joaquim Moreira; e Ricardo Alves de Araújo Neves e Silva.

<sup>45</sup> António Alves Moreira; António Correia Borges (que também dava pelo nome de António Francisco Borges); Joaquim Francisco da Silva; e Manuel Moreira Alves.

<sup>46</sup> Alfredo Tavares Pereira; António Alves de Araújo; António Francisco da Rocha; António Gomes Moreira; António Pereira dos Santos Lima; David Gomes Álvares de Castro (destacado para Macau, mas efetivamente combatente em Moçambique); Domingos Correia da Conceição; José de Almeida; José Joaquim Brandão; Manuel Coelho de Oliveira; e Manuel Francisco de Almeida.

Tanto quanto temos registo, faleceram durante o cumprimento do serviço militar dois cidadãos naturais de Mansores: António Alves de Araújo e José Joaquim Brandão, tendo todos os demais regressado vivos e sem registo de ferimentos graves.

A título de curiosidade, refira-se que, segundo os dados de embarque e desembarque:

- O primeiro soldado mansorense a partir foi Manuel Moreira Alves, que embarcou para Angola a 3 de dezembro de 1914 e desembarcou em Lisboa a 3 de fevereiro de 1916, antes de qualquer um dos outros soldados de Mansores embarcar;
- Nove dos 11 soldados que combateram em Moçambique embarcaram no mesmo dia: 28 de maio de 1916;
- Seis dos 11 soldados que combateram em França embarcaram no mesmo dia: 23 de fevereiro de 1917;
- Três dos quatro soldados que combateram em Angola embarcaram no mesmo dia: 17 de dezembro de 1917 e regressaram também os três no mesmo dia. Foram os últimos soldados mansorenses a regressar daquela guerra e desembarcaram em Lisboa a 16 de fevereiro de 1920.

Não há memória coletiva viva em Mansores sobre a participação dos nossos conterrâneos na Grande Guerra, e por mais de um século não se fez cá algum monumento ou evocação dessa participação. Contudo, há um *monumento* muito singelo, que presumimos ser datado da época e que ainda se conserva: uma inscrição numa rocha no caminho da Esganela, com a seguinte data: “3.5.1916”. Consta, e é verosímil, que um dos soldados, ao ali passar nesse dia para embarcar em Lisboa, gravou na rocha essa data; é bastante provável que tenha sido um dos nove soldados que embarcaram em Lisboa a 28 de maio de 1916 com destino a Moçambique; quiçá, poderá ter sido António Alves de Araújo, nascido na Ribeira e falecido durante a viagem de regresso de Moçambique.

Dignas de registo, tanto quanto apurámos, são as circunstâncias de 1) António da Silva Neves, após ter sido mobilizado para Angola durante a Grande Guerra, ver o filho Manuel da Silva Neves Moreira ser igualmente destacado para Angola, mas já no contexto da Guerra Colonial, e ambos com registo de heroicidade; 2) Amadeu Correia dos Santos Lima, após ter integrado o Corpo Expedicionário Português, em França, ver o filho Albino Correia dos Santos Lima ser igualmente destacado para combate, no caso, na Guiné, no contexto da Guerra Colonial.

**Quadro 1 - Mansorenses combatentes na Grande Guerra de 1914-1918**

Nome	Nascimento	Falecimento	Filiação	Destacado para	Embarque / desembarque
Abel Correia dos Santos Lima <sup>47</sup>	12-03-1888 (Vila)	11-12-1972 (Fermedo)	Joaquim Correia dos Santos Lima Libânia de Jesus	França	? ?
Alberto Pinho Moreira <sup>48</sup>	20-02-1895 (Agras)	? (?)	João Pereira Ramos Margarida Joaquina Moreira	França	23-02-1917 01-04-1918
Alfredo Tavares Pereira <sup>49</sup>	28-08-1893 (Avitureira)	25-01-1977 (Avitureira)	José Tavares Maria Emília da Conceição	Moçambique	28-05-1916 21-11-1917

<sup>47</sup> AGEx, ano 1888, proc. n.º 333. O registo deste soldado no Arquivo Geral do Exército não refere a sua participação na Grande Guerra. Porém, uma outra fonte (AMA – *Relação das pensões a pagar no mês de Agosto de 1919 dos expedicionários à França. Regimento de Infantaria n.º 24 – Aveiro*) refere um soldado “Abel dos Santos” nascido em Mansores e que terá participado no CEP à França. Embora, com reservas, reconhecemos a possibilidade de tratar-se de Abel Correia dos Santos Lima, pelo que, à condição, o integramos nesta relação de soldados destacados para a Grande Guerra.

<sup>48</sup> AGEx, ano 1895, proc. n.º 10345.

<sup>49</sup> AGEx, ano 1893, proc. n.º 4789.

Amadeu Correia dos Santos Lima <sup>50</sup>	24-06-1895 (Vila)	06-12-1971 (Casal)	Ricardo Correia dos Santos Lima Bernardina Henriques de Lima	França	23-02-1917 10-09-1918
António Alves de Almeida <sup>51</sup>	19-10-1895 (Ribeira)	28-01-1925 (Ribeira)	? Margarida de Almeida	França	20-01-1917 19-05-1919
António Alves de Araújo <sup>52</sup>	18-12-1892 (Ribeira)	21-07-1917 [f. a bordo do vapor "África"]	Manuel Alves de Araújo Ana Ermelinda de Almeida	Moçambique	28-05-1916 [f. na viagem de regresso]
António Alves Moreira <sup>53</sup>	15-06-1896 (Estrada)	30-06-1971 (Estrada)	José Alves Moreira Maria Gomes de Oliveira	Angola	17-12-1917 16-02-1920
António Correia Borges <sup>54</sup>	08-08-1896 (Serra da Vila)	12-09-1953 (Vila)	António Francisco Borges Maria Correia de Lima	Angola	17-12-1917 16-02-1920
António Correia dos Santos Lima <sup>55</sup>	14-04-1893 (Vila)	21-02-1927 (Vila)	Ricardo Correia dos Santos Bernardina Henriques de Lima	Moçambique	28-05-1916 03-07-1919
António da Silva Neves <sup>56</sup>	02-05-1892 (Casal)	25-11-1970 (Costa)	Manuel José da Silva Neves Margarida da Conceição Neves	França	14-07-1917 31-05-1919
António Francisco da Rocha <sup>57</sup>	27-11-1894 (Ribeira)	24-09-1982 (Ribeira?)	Manuel Francisco da Rocha Margarida Joaquina	Moçambique	28-05-1916 14-02-1917
António Gomes Moreira <sup>58</sup>	03-02-1892 (Ribeira)	14-02-1970 (Ribeira)	José Gomes Moreira Inês de Jesus	Moçambique	28-05-1916 14-02-1917
António Joaquim Fernandes <sup>59</sup>	20-02-1895 (Estrada)	17-09-1961 (Estrada)	Agostinho Joaquim Fernandes Cristina Maria Soares	França	16-05-1917 03 ou 04-04-1919
Augusto Correia dos Santos Lima <sup>60</sup>	30-03-1891 (Vila)	13-04-1956 (São Martinho de Bougado, Santo Tirso)	Joaquim Correia dos Santos Lima Libânia de Jesus	França	21-04-1917 01-05-1919
David Gomes Álvares de Castro <sup>61</sup>	24-05-1896 (Agras)	23-07-1962 (Escariz)	Manuel Gomes Álvares de Castro Margarida Emília de Jesus	Macau	18-10-1917 10-05-1918

<sup>50</sup> AGEx, ano 1895, proc. n.º 8956. Em meados de 1924 emigrou para o Brasil, tendo posteriormente regressado a Mansores.

<sup>51</sup> AGEx, ano 1895, proc. n.º 10559. Integrou a 4.ª bateria do Regimento de artilharia n.º 2. Em final de 1921 emigrou para o Brasil, mas pouco mais de três anos passados faleceu, em Mansores.

<sup>52</sup> AGEx, ano 1892, proc. n.º 4307. De regresso à metrópole, embarcou em Lourenço Marques a 28 de junho e faleceu a 21 de julho de 1917, a bordo do vapor 'África', em viagem de Cabo Verde para Lisboa (AGEx – *Processos individuais de militares*, ano 1892, proc. 4307). Morreu vítima de paludismo a 21-07-1917, tendo sido sepultado no mar (Memorial aos mortos na Grande Guerra: <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/>).

<sup>53</sup> AGEx, ano 1896, proc. n.º 11093. Irmão de Manuel Moreira Alves, também combatente. Sua esposa chamava-se Deolinda e viviam na residência paroquial.

<sup>54</sup> AGEx, ano 1896, proc. n.º 11094. Em finais de 1929 emigrou para o Brasil, tendo depois regressado à pátria. Os registos militares e os registos de pedido de emissão de passaporte para emigração para o Brasil referem-no como António Francisco Borges, embora os registos paroquiais o refiram com o nome de António Correia Borges, que o próprio usava preferencialmente, pelo que aqui se adota também como preferencial.

<sup>55</sup> AGEx, ano 1893, proc. n.º 6591.

<sup>56</sup> AGEx, ano 1892, proc. n.º 2466. Integrou o Regimento de Artilharia n.º 6 (3.ª secção de metralhadoras). Recebeu um louvor "porque encontrando-se mantendo a ligação das linhas em este comando deu provas de grande coragem e dedicação pelo serviço fazendo por várias vezes as comunicações debaixo de bombardeamento e mostrando sempre boa vontade no desempenho da sua missão" (AHM – Boletins individuais do CEP, ref.ª PT/AHM/DIV/1/35A/2/43/40257).

<sup>57</sup> AGEx, ano 1894, proc. n.º 7021.

<sup>58</sup> AGEx, ano 1892, proc. n.º 2463.

<sup>59</sup> AGEx, ano 1895, proc. n.º 8957. Integrou a Companhia de Pontoneiros. O boletim refere a sua mãe como Cristina Gomes.

<sup>60</sup> AGEx, ano 1891, proc. n.º 441. Integrou o Batalhão de Sapadores de Caminhos-de-Ferro.

<sup>61</sup> AGEx, ano 1896, proc. n.º 11095. Embarcou para servir na província de Macau, desembarcando a 17 de novembro em Moçambique, onde ficou a aguardar transporte para Macau. Mas não terá seguido para Macau, pois,

Domingos Correia da Conceição <sup>62</sup>	20-09-1888 (Estrada)	05-01-1957 (Estrada)	António da Conceição Margarida Correia de Lima	Moçambique	28-05-1916 05-10-1918
Joaquim Francisco da Silva <sup>63</sup>	30-12-1896 (Agras)	24-04-1983 (Mafamude, V.N. Gaia)	António Francisco da Silva Maria Joaquina	Angola	17-12-1917 16-02-1920
José de Almeida <sup>64</sup>	15-05-1892 (Ribeira)	11-11-1978 (Penafiel)	? Margarida de Almeida (solteira)	Moçambique	28-05-1916 14-02-1917
José Francisco do Meio <sup>65</sup>	13-11-1890 (Vér, Escariz)	25-12-1982 (Avitureira)	Manuel Francisco do Meio Mariana Gomes de Almeida	França	23-02-1917 23-08-1918
José Joaquim Brandão <sup>66</sup>	13-09-1892 (Agras)	20-05-1917 (Moçambique)	António de Pinho Brandão Maria Rosa	Moçambique	?
Manuel Coelho de Oliveira <sup>67</sup>	23-09-1890 (Casal)	? (?)	António Coelho de Oliveira Maria Rosa	Moçambique	28-05-1916 21-11-1917
Manuel de Paiva <sup>68</sup>	17-09-1894 (Estrada)	15-11-1925 (Estrada)	Victorino Paiva Rosalina Rosa	França	23-02-1917 22-06-1919
Manuel Francisco de Almeida <sup>69</sup>	11-02-1891 (Costa)	11-01-1981 (Casal)	José Francisco de Almeida Ana Emília de Almeida	Moçambique	28-05-1916 21-11-1917
Manuel Joaquim Moreira <sup>70</sup>	05-11-1895 (Casal)	13-06-1967 (Rio de Janeiro, Brasil)	Bernardino Joaquim Bernardina Rosa Gonçalves	França	23-02-1917 18-06-1919
Manuel Moreira Alves <sup>71</sup>	01-05-1893 (Estrada)	05-07-1957 (Estrada)	José Alves Moreira Maria Gomes de Oliveira	Angola	03-12-1914 03-02-1916
Ricardo Alves de Araújo Neves e Silva <sup>72</sup>	26-03-1895 (Ribeira)	15-11-1971 (Mafamude, V. N. Gaia)	Manuel Alves de Araújo Neves e Silva Maria Joaquina de Pinho e Oliveira	França	23-02-1917 20-03-1919

estando em Moçambique, entrou em operações contra os alemães, e é possível que tenha sido ferido, pois regressou pouco depois, para ser presente à Junta de Saúde das Colónias.

<sup>62</sup> AGEx, ano 1888, proc. n.º 335.

<sup>63</sup> AGEx, ano 1896, proc. n.º 11097.

<sup>64</sup> AGEx, ano 1892, proc. n.º 2469. Embora tendo falecido em Penafiel, foi sepultado em Mansores, sua terra natal.

<sup>65</sup> Foi ferido em combate a 14-09-1917. Não sendo natural de Mansores, casou na Avitureira, onde viveu e deixou descendência.

<sup>66</sup> Não localizámos o processo deste soldado no Arquivo Geral do Exército. Porém, segundo uma outra fonte (Memorial aos mortos na Grande Guerra: <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/>), um soldado de nome José Joaquim Brandão, natural de Mansores, morreu de infeção palustre interna, a 20 de maio de 1917, enquanto servia em Moçambique, tendo sido sepultado no cemitério de Mocímboa da Praia. Após cruzamento da informação com os registos de batismo da paróquia de Mansores julgamos tratar-se do cidadão aqui referenciado. A reforçar este entendimento está a carta enviada, a 3 de junho daquele ano, a Domingos Correia da Conceição, em que é referido: “cá soubemos no dia 27 que morrera o José do Bernardino” (ver abaixo, carta n.º 43).

<sup>67</sup> AGEx, ano 1890, proc. n.º 342.

<sup>68</sup> AHM – Boletins individuais do CEP, ref.º PT/AHM/DIV/1/35A/2/14/12029.

<sup>69</sup> AGEx, ano 1891, proc. n.º 444. Atirador de 1.ª classe. Domiciliou-se na Serra da Vila e depois na Mouta, onde viveu a maioria de sua vida, vindo a falecer no Casal em casa de uma sobrinha.

<sup>70</sup> AGEx, ano 1895, proc. n.º 8959. Emigrou para o Brasil em final de 1921, tendo-se aí fixado. Por ocasião da sua morte, a *Defesa de Arouca* (edição de 08-07-1967) publicou a seguinte notícia: “Falecimento / Manuel Joaquim Moreira / Depois de uma breve enfermidade, faleceu, aos 72 anos de idade, no passado dia 13 de junho na cidade do Rio de Janeiro, onde residia há longos anos, o sr. Manuel Joaquim Moreira, onde era muito estimado. Foi ex-combatente da 1.ª Grande Guerra Mundial, onde se destacou, por diversas ocasiões, por atos de bravura e heroísmo. / O extinto era natural do lugar do Casal, da freguesia de Mansores, filho do sr. Bernardino Joaquim e de D. Bernardina Rosa Gonçalves, já falecidos, e marido de D. Elisa Gomes Soares, também natural do lugar da Bouça, de Mansores. Deixou filhos e netos, residindo alguns em Brasília. / Com grande acompanhamento, seu funeral foi realizado no dia seguinte para o Cemitério de São Francisco Xavier (Caju), onde repousa em jazigo perpétuo.”

<sup>71</sup> AGEx, ano 1893, proc. n.º 4794. A 27 de abril de 1916 apresentou-se a fim de integrar a expedição a Moçambique, tendo, porém, sido declarado incapaz para servir no Ultramar.

<sup>72</sup> AGEx, ano 1895, proc. n.º 8960. A 01-05-1917 passou ao regimento de obuses de campanha. Em agosto de 1919 integrou a Guarda Nacional Republicana, onde fez carreira. Mudou residência para Vilar de Andorinho (Vila Nova de Gaia).



*Partida de Lisboa das primeiras tropas para a guerra, em setembro de 1914.  
(Joshua Benoliel, Arquivo Histórico Militar, PT AHM/FE/CAVE/JB/GR 1/0578)*

### **Monarquia do Norte (1919)**

Em plena Primeira República portuguesa, e pouco depois de terminada a Grande Guerra, deu-se, a 19 de janeiro de 1919, uma contrarrevolução na cidade do Porto, a qual restaurou a monarquia naquela cidade, com adesão generalizada da região Norte do país. Todavia, passado um mês toda a ação revoltosa havia sido definitivamente neutralizada. Combatendo ao serviço do exército que recuperou o domínio republicano da região Norte estiveram pelo menos dois mansorenses:

- José Gomes da Conceição<sup>73</sup>. Soldado n.º 620. [n. 05-12-1896 (Vila); f.? (?)]. Filho de Custódio Gomes da Conceição e de Miquelina de Jesus. Entre 21 de janeiro e 21 de fevereiro de 1919 “fez parte da coluna de operações conta os rebeldes monárquicos no Norte”.

- Alfredo Joaquim Moreira<sup>74</sup>. Soldado n.º 766. [n. 20-08-1897 (Casal); f.? (?)]. Filho de Bernardino Joaquim e de Bernardina Gonçalves. Entre 21 de janeiro e 21 de fevereiro de 1919 “fez parte da coluna de operações conta os rebeldes monárquicos no Norte”, tendo participado nos combates ocorridos em Frossos (Albergaria-a-Velha) a 29 e 30 de março, em Salreu a 10 de fevereiro e em Estarreja a 11 de fevereiro. Casou em Fervedo a 9 de janeiro de 1943.

<sup>73</sup> AGEx – *Processos individuais de militares*, ano 1896, proc. 11098.

<sup>74</sup> AGEx – *Processos individuais de militares*, ano 1896, proc. 13636.

## Guerra Colonial (1961-1974)

A Guerra Colonial – ou Guerra do Ultramar – estendeu-se entre 1961, altura em que se iniciaram os conflitos armados em Angola, e 1974, por ocasião do chamado processo de *descolonização* e da independência das antigas províncias ultramarinas. O governo, para travar essa guerra, aumentou o período de serviço militar obrigatório, intensificou o recrutamento e mobilizou um grande contingente de soldados, sobretudo para Angola, Guiné e Moçambique. Face às circunstâncias, para escapar ao serviço militar e à guerra, muitos adolescentes e jovens de Mansores emigraram, alguns viajando clandestinamente para Espanha e daí embarcando para o Brasil.

De Mansores, foram mobilizados para o Ultramar para servir nesta guerra 62 jovens, segundo conseguimos apurar. Este é um número lato, no sentido em que inclui pelo menos um mansorense (António Teixeira Pereira da Conceição) que cumpriu o serviço militar em Angola antes da eclosão da Guerra e dois mansorenses (Albino Gomes da Conceição e Alfredo dos Santos Pereira) que cumpriram o serviço militar na Índia antes da anexação de Goa.

No Casal há dois arruamentos com referência aos combatentes: a Rua dos Combatentes e a Travessa dos Combatentes.

**Quadro 2 - Mansorenses combatentes na Guerra Colonial de 1961-1974**

Nome	Nascimento	Filiação	Destacado para
Adelino dos Santos Fernandes	20-01-1949 (Agras)	Alfredo Joaquim Fernandes Margarida Emília de Jesus	Angola
Albano Moreira da Rocha	09-04-1952 (Agras)	António Francisco Rocha Maria Emília Moreira	Angola
Albino Adalberto Cabral Teixeira	31-05-1950 (Vila)	Antero Francisco Teixeira Maria Madalena Pereira da Silva	Guiné
Albino Correia dos Santos Lima	08-04-1941 (Casal)	Amadeu Correia dos Santos Lima Deolinda Moreira de Lima	Guiné
Albino de Oliveira Correia	17-09-1940 (Bouça)	Manuel Correia Maria Joaquina de Oliveira	Angola
Albino Gomes da Conceição	21-12-1935 (Avitureira)	António da Conceição Maria Gomes da Conceição	Índia
Albino Tavares de Oliveira	11-04-1943 (Casal)	Maria Tavares de Oliveira	Guiné
Alfredo de Lima Alves Moreira	14-12-1946 (Estrada)	António Alves Moreira Maria Miranda de Lima	Moçambique
Alfredo dos Santos Pereira	03-06-1935 (Agras)	António José Pereira Maria Emília de Jesus	Índia
Álvaro de Jesus Fernandes	05-02-1942 (Agras)	Alfredo Joaquim Fernandes Margarida Emília de Jesus	Guiné
Amadeu de Almeida Teixeira	16-03-1950 (Ribeira)	Domingos Agostinho Teixeira Angelina de Almeida	Moçambique
Amaro de Oliveira Tavares Moreira	26-01-1953 (Avitureira)	António Tavares Moreira Maria Rosa de Oliveira	Angola
Américo Jesus Moreira	05-01-1946 (Casal)	Alfredo Joaquim Moreira Inês de Jesus	São Tomé e Príncipe
Antero de Pinho da Conceição	16-06-1940 (Estrada)	Manuel Francisco da Conceição Maria Aurora de Pinho	Angola
António Correia da Conceição	19-09-1940 (Estrada)	José Correia da Conceição Maria Correia da Conceição	Angola
António da Conceição da Rocha	04-01-1950 (Avitureira)	Agostinho Gomes da Rocha Guilhermina Rosa da Conceição	Angola
António da Conceição de Almeida	20-03-1950 (Agras)	Ângelo Jorge de Almeida Elvira Gomes da Conceição	Angola
António da Conceição dos Santos	15-10-1935	Manuel Francisco dos Santos	Angola

	(Bouça)	Preciosa da Conceição	
António da Conceição Fernandes	21-04-1951 (Bouça)	Alfredo Fernandes Maria da Conceição	Guiné
António de Lima Oliveira	05-01-1949 (Espinheiro)	Mário da Conceição Oliveira Silvina Moreira de Lima	Angola
António Manuel de Almeida Pinto	30-08-1952 (Casal)	Alfredo Vaz Pinto Júnior Helena Emília de Almeida	Angola
António Moreira Gonçalves	27-01-1948 (Estrada)	José Manuel Gonçalves Conceição Emília Moreira	Guiné
António Moreira Portugal	13-05-1948 (Estrada)	José Guedes de Castro Portugal Maria de Pinho Moreira	Angola
António Portugal Alves	14-01-1951 (Casal)	Avelino Gomes Alves Adelaide Guedes de Castro Portugal	Moçambique
António Teixeira Pereira da Conceição	05-12-1923 (Agras)	Alberto de Almeida Pereira da Conceição Angelina Teixeira de Almeida	Angola
Arlindo dos Santos Paiva	26-09-1949 (Agras)	Manuel de Carvalho Paiva Miquelina Emília dos Santos	Angola
Armando Moreira da Rocha	11-08-1948 (Agras)	António Francisco da Rocha Maria Emília Moreira	Moçambique
Arnaldo Gomes de Pinho	02-05-1950 (Estrada)	Agostinho da Rocha Pinho Emília Gomes dos Santos	Guiné
Artur Moreira de Castro Portugal	14-12-1943 (Ribeira)	Adriano Gomes de Castro Portugal Olívia Rosa Moreira	Angola
Avelino Neves Moreira Leite	08-06-1948 (Casal)	Rodrigo Moreira Leite Maria Emília Neves	Angola
Custódio Morais Vaz	12-04-1945 (Avitureira)	João António Vaz Rosa de Morais	Angola
Carlos Alberto Correia de Lima	14-12-1947 (Vila)	Alberto Correia dos Santos Lima Cristina Fernandes de Lima	Angola
Domingos da Conceição Moreira	09-03-1946 (Estrada)	Avelino Gonçalves Moreira Adelaide da Conceição	Moçambique
Domingos de Jesus da Silva	20-07-1949 (Agras)	Alberto Moreira da Silva Luciana Emília de Jesus	Guiné
Domingos de Oliveira Correia	13-09-1951 (Casal)	Manuel Correia Maria Rosa de Oliveira	Angola
Evaristo da Conceição Ferreira	09-10-1949 (Craсто)	Manuel Ferreira Maria Gomes da Conceição	Angola
Fernando de Almeida da Conceição	16-02-1939 (Vila)	David Gomes da Conceição Zeferina Emília de Almeida	Guiné
Fernando dos Santos Amorim	09-05-1951 (Casal)	Elísio de Amorim Laurinda Joaquina dos Santos	Moçambique
Florentino de Oliveira	15-02-1948 (Casal)	Angelina Rosa de Oliveira	Guiné
Germano da Silva Moreira	14-09-1951 (Ribeira)	Álvaro de Pinho Moreira Maria Ferreira da Silva	Moçambique
Germano Moreira Gonçalves	19-11-1953 (Estrada)	José Manuel Gonçalves Conceição Emília Moreira	Angola
Joaquim Gomes da Silva	06-05-1950 (Agras)	Américo Gomes da Silva Francelina Gomes de Pinho	Angola
Joaquim Portugal da Silva	09-06-1941 (Mata)	Albino Joaquim da Silva Elvira Moreira de Castro Portugal	Angola
José Almeida Teixeira	19-05-1946 (Ribeira)	Domingos Agostinho Teixeira Angelina de Almeida	Moçambique
José de Jesus Duarte	01-12-1947 (Casal)	Agostinho Joaquim Duarte Júlia Rosa de Jesus	Angola
José de Oliveira Santos	07-02-1951 (Bouça)	Adriano Francisco dos Santos Maria Emília de Oliveira	Guiné
Júlio de Paiva Correia	19-10-1948 (Estrada)	António Correia Joaquina Aurora de Paiva	Moçambique

Lausberto Portugal da Silva	04-06-1946 (Mata)	Albino Joaquim da Silva Elvira Moreira de Castro Portugal	Moçambique
Luís Gonçalves Miranda	08-09-1942 (Espinheiro)	Alberto Alves de Miranda Rosa Joaquina Gonçalves	Angola
Manuel Correia dos Santos Lima	23-11-1940 (Vila)	Alberto Correia dos Santos Lima Cristina Fernandes de Lima	Moçambique
Manuel da Conceição Almeida	08-06-1953 (Agras)	Ângelo Jorge de Almeida Elvira Gomes da Conceição	Moçambique
Manuel da Silva Neves Moreira	24-01-1922 (Costa)	António da Silva Neves Maria Rosa de Jesus	Angola
Manuel de Jesus Moreira	13-11-1948 (Casal)	Alfredo Joaquim Moreira Inês de Jesus	Guiné
Manuel de Almeida da Conceição	01-05-1944 (Vila)	David Gomes da Conceição Zeferina Emília de Almeida	Guiné
Manuel dos Santos Paiva	18-05-1946 (Agras)	Manuel de Carvalho Paiva Miquelina Emília dos Santos	Angola
Manuel Fernando Gomes	25-07-1943 (Estrada)	Manuel Alves Gomes Maria Rosa Gomes	Guiné
Mário da Conceição Martins	28-01-1941 (Avitureira)	José Francisco Martins Angelina da Conceição	Guiné
Maximino de Lima Alves Moreira	14-02-1945 (Estrada)	António Alves Moreira Maria Miranda de Lima	Moçambique
Moisés Gomes de Oliveira	03-01-1951 (Bouça)	Manuel dos Santos Oliveira Palmira Gomes	Guiné
Moisés Moreira de Paiva	25-01-1949 (Espinheiro)	José Dias de Paiva Felisbela Moreira de Jesus	Guiné
Serafim da Conceição Neves Cardoso	28-10-1948 (Ribeira)	Joaquim Cardoso Neves e Silva Bernardina Conceição	Guiné
Ventura da Silva Moreira Leite	30-07-1949 (Vila)	Luís Moreira Leite Henriqueta Moreira da Silva	Angola

**Quadro 3 - Combatentes na Guerra Colonial de 1961-1974 que, não sendo naturais de Mansores, ali estabeleceram residência**

Nome	Nascimento	Filiação	Destacado para
Abílio de Sousa Gomes Duarte	20-01-1948 (Lameira Branca, Escariz)	Franklim Gomes Duarte Arminda Rosa de Sousa	Angola
António Teixeira dos Santos	10-04-1939 (Tropeço)	António Feiteira dos Santos Alexandrina Teixeira da Silva	Moçambique
João Amadeu da Costa Rocha	19-03-1950 (Cimo de Vila, Nogueira do Cravo)	Manuel Gomes da Rocha Inácia de Melo e Costa	Guiné
Joaquim Jesus dos Santos	20-04-1950 (Mosteirô, São Miguel do Mato)	Justino Gomes dos Santos Maria Rosa de Jesus	Angola
José Gomes de Oliveira	31-10-1939 (Caçus, Escariz)	Joaquim dos Santos Oliveira Elisa Rosa Gomes	Índia
Justino da Silva Paiva	09-11-1953 Faldreu (Tropeço)	Manuel de Paiva Joaquina Rosa da Silva	Moçambique
Júlio de Campos Gomes	18-09-1945 (Fermado)	Porfírio Luís Gomes Francelina Campos	Angola
Leonel de Paiva Carvalho	24-05-1942 (Alagoas, Escariz)	Alberto Ferreira de Carvalho Ana Gomes de Pinho	Moçambique
Manuel da Silva Almeida	04-10-1948 (Vacaria, Carregosa)	Manuel Bastos de Almeida Adelaide Joaquina da Silva	Cabo Verde

A MINHA GUERRA 'SÉRIE ESPECIAL'

JOSÉ OLIVEIRA ESTEVE EM GOA

# PRESOS

## "ELE ESTAVA NA FILA PARA MORRER, COMO NÓS, E SALVOU 1800 HOMENS"

**CATIVEIRO** ◉ Militares que foram feitos prisioneiros pela União Indiana não esquecem o capitão Ferreira da Silva, que evitou serem todos fuzilados

MANUELA GUERREIRO

**A**o longo do dia fomos recuando, recuando. Eu era quase sempre o último a passar porque o meu carro levava gásóleo para quem precisasse. Pelo caminho fomos destruindo as pontes para eles não atravessarem. Acabámos por ficar encurralados pelo mar, em Mormugão. Até que o nosso comandante disse: 'Morrer por morrer, mas vale ir morrer a Portugal.' Foi quando hastearam a bandeira branca no quartel-general. É desta forma que José Oliveira recorda a invasão de Goa pela União Indiana em dezembro de 1961.

José tinha 21 anos, era cozinheiro e estava destacado no Quartel de Bicholim, no Norte de Goa, a poucos quilómetros da fronteira, por onde o invasor entrou em força. Os portugueses eram poucos e não tinham armamento. Foram recuando e acabaram prisioneiros, algo que não agradou ao regime de então. Salazar queria que as tropas lutassem até à morte.

Seguiram-se cinco longos meses de cativeiro. José começa por recordar a má alimentação - "feijão-frade com bichos" - e a falta de higiene. "Dormia no chão, andava imundo, matava percevejos de noite e comia para não morrer. Era um vida muito ingrata."

**O herói de Pondá**

Mas o mais penoso do cativeiro aconteceu a 19 de março de 1962, no Campo de Pondá,



Jose Oliveira num ambiente descontraído, entre amigos, dias antes da invasão

**DORMIA NO CHÃO, ANDAVA IMUNDO, MATAVA PERCEVEJOS DE NOITE E COMIA PARA NÃO MORRER"**

quando os prisioneiros foram perfilados na parada para serem fuzilados. Os indianos queriam vingança a tentativa de fuga de três prisioneiros que foram denunciados por um fuzil português. Quando as armas já estavam apontadas e só faltava disparar valeu-lhe a intervenção do capitão Ferreira da Silva. "Alguns já tinham desmaiado. Ele estava na fila para morrer, como nós, e salvou 1800 homens." José regressou em maio. Passado 60 anos, sente-se alguma revolta: "O que o Estado fez connosco foi esquecer-nos." \*

**CARO EX-COMBATENTE, A GUERRA COLONIAL FAZ PARTE DA NOSSA HISTÓRIA. CONTE-NOS A SUA. ESCREVA PARA: GERAL@CMJORNAL.PT**

QUEM?

NOME  
JOSÉ OLIVEIRACOMISSÃO  
INDIA (GOA - 1960/1962)FORÇA  
COMPANHIA DE CAVALARIA  
N.º 6, DO PORTO\*INFO  
82 ANOS, CASADO, CINCO  
FILHOS, 11 NETOS E DUAS  
BISNETAS

ONDE?



SAIBA MAIS

**1961**

As primeiras horas de 19 de dezembro, as colunas militares indianas entraram em Goa pelo Norte e pelo Sul. Os territórios mais pequenos de Damão e Diu foram também atacados.

As tropas portuguesas tinham armas do tempo da Grande Guerra - e com munições em 190 mau estado que era frequente as balas não surtirem efeito. O poder bélico das forças indianas era esmagador.

Leia o QR Code e ouça o podcast de "A Minha Guerra"



FICHEIROS DA GUERRA COLONIAL

Reportagem do Correio da Manhã, na edição de 4 de abril de 2022 com testemunho de José Gomes de Oliveira, combatente e prisioneiro de Guerra em Goa

### 3. Memorial aos combatentes da freguesia de Mansores

*Juro, como português e como militar, guardar e fazer guardar a Constituição e as leis da República, servir as Forças Armadas e cumprir os deveres militares. Juro defender a minha Pátria e estar sempre pronto a lutar pela sua liberdade e independência, mesmo com o sacrifício da própria vida.*

Juramento de bandeira (Decreto-lei 236/99, de 25 de junho, Artigo 7.º)

Reproduz-se neste capítulo, com ligeiras adaptações, a informação que produzimos e disponibilizámos no website da Junta de Freguesia de Mansores a respeito do *Memorial aos combatentes* instalado em 2024 no lugar da Vila, daquela localidade<sup>75</sup>.

O *Memorial* foi idealizado por José António Rocha, quanto aos conteúdos, com apoio de Márcia Moreira quanto à disposição gráfica. A ideia foi, em abril de 2023, proposta à Junta de Freguesia de Mansores, que assumiu a sua concretização. Por fim, a execução foi adjudicada à Grampedra e a inauguração ocorreu a 16 de junho de 2024.

No memorial estão inscritos os nomes de 101 cidadãos que se sabe (e nalguns casos se presume com base nas fontes) terem sido recrutados e mobilizados para cenários de guerra. A eleição dos nomes assentou em evidências documentais (e nalguns casos em indícios plausíveis) e em testemunhos orais confiáveis. Destes 101 cidadãos, 91 são naturais de Mansores e 10 fixaram-se nesta freguesia por casamento. E destes mesmos 101 cidadãos, dois participaram na Guerra da Restauração, 26 foram enviados para a Grande Guerra, dois combateram a Monarquia do Norte e 71 foram mobilizados para a Guerra Colonial.

Algumas notas se impõem a respeito de prováveis ausências e de prováveis erros nos nomes inscritos no memorial e nas informações complementares constantes nas tabelas do capítulo anterior. Estes 101 nomes são aqueles que as fontes nos permitiram recolher; terão havido outros cidadãos de Mansores mobilizados para conflitos militares, que não conseguimos identificar. Os seus nomes talvez fiquem irremediavelmente submersos nas brumas do tempo, quem sabe se emergirão um dia? Quiçá a publicidade do Memorial espoete, acelere a sua emersão; será irónico, pois contribuirá simultaneamente para a completude do objetivo do Memorial e para a perceção da sua incompletude.

Em muitos casos as fontes para a formulação dos nomes foram os registos paroquiais; ora, nem sempre os nomes com que os cidadãos foram registados permaneceram em uso com formulação absoluta; era frequente haver oscilações. Damos três exemplos: António Correia Borges surge em vários documentos como António Francisco Borges; Manuel da Conceição Almeida surge no registo de batismo como Manuel Gomes de Almeida; e Manuel da Silva Neves Moreira foi batizado como Manuel da Silva Neves. A par disso, nalguns casos poderemos ter lido mal as fontes. Enfim, em último caso, o nome é um metadado, pelo que o que interessa efetivamente é a pessoa que representa.

Uma nota ainda sobre o conceito de Memorial. Quando adotámos este conceito, fizemo-lo na intenção de nos distanciarmos (na designação do objeto expositivo, e em coerência com a sua materialidade), do conceito de monumento. Isto nunca pretendeu ser um monumento! Procurámos algo minimalista que assinalasse os nomes e fizesse memória, daí a categorização como memorial, mesmo cientes de que uma das aceções da palavra é a de “*monumento erguido em homenagem ou memória de algum acontecimento ou pessoa(s)*” (Infopedia). Ora, há na tradição memorialista a consagração do conceito de *memorial* em sentido restrito de

---

<sup>75</sup> Veja-se <https://www.if-mansores.pt/ver-post/memorial-combatentes>.

*memorial aos mortos em combate* ou *memorial aos mortos ao serviço* da Pátria, e não em sentido lato de memorial aplicável aos combatentes em geral. O sentido que usamos é o lato.

A materialidade do memorial corresponde a um bloco de granito com 2,5 metros de altura por 1,08 metros de largura, parcialmente integrado no alicerce, sobre o qual foi aplicado um painel de aço com dimensões 2 metros de altura por 1 metro de largura. No painel estão recortados os nomes dos cidadãos militares identificados. Procurou-se, pois, em termos de materiais selecionados, transmitir um conceito minimalista e sóbrio, que aponte para os valores da verticalidade, da resistência e do serviço. Em termos de conteúdos, apostou-se na força das palavras escritas, não umas palavras quaisquer, mas palavras que dizem nomes de pessoas, que são os referenciais primeiros das suas identidades. Porque *verba volant, scripta manent*, como se lê, nem a propósito, na divisa das armas adotadas pelo Arquivo Geral do Exército, a recordar-nos o valor que só o documento escrito tem.

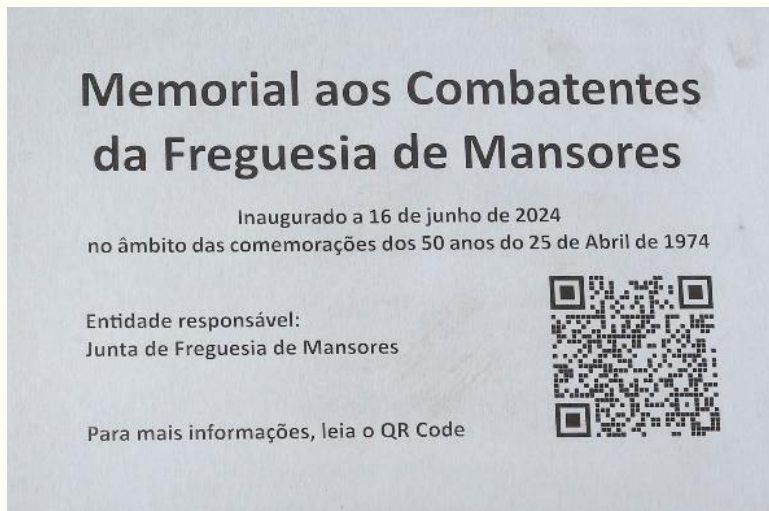
Por via da combinação de materiais telúricos (granito, rocha abundante e emblemática da nossa freguesia; e aço, liga metálica composta sobretudo por ferro) e dos nomes escritos, foi propósito dos proponentes deste memorial homenagear a sua terra natal, na figura dos seus militares combatentes. Uns travaram já o seu último combate sobre a Terra; os demais travá-lo-ão, e o nome de todos e de cada um permanecerá inscrito no aço, a lembrar aos viandantes que foram e quem foram os mansorenses que um dia a Pátria chamou a ser nossos defensores.



*Antigos combatentes de Mansores com o promotor do Memorial e autarcas locais no dia da inauguração (16 de junho de 2024)*



*Testemunho de José Gomes de Oliveira, combatente e prisioneiro de Guerra em Goa (16 de junho de 2024)*



*Placa alusiva ao Memorial*

## 4. Cartas para Domingos Correia da Conceição em tempos de Guerra

*Não faz ideia o prazer e a alegria que a sua carta veio dar ao meu pobre coração, porque me vejo preso como um passarinho que anda esvoaçando sem que lhe deem liberdade.*

(Domingos Correia da Conceição)

### 4.1. Domingos Correia da Conceição (1888-1957)

Domingos Correia da Conceição nasceu no lugar da Estrada, freguesia de Mansores, a 20 de setembro de 1888, uma quinta-feira. Foi batizado uma semana depois na igreja paroquial da freguesia. Eram seus pais António da Conceição e Margarida Correia de Lima<sup>76</sup>. Seus avós paternos, José da Conceição e Teresa Maria de Oliveira, eram do lugar da Estrada; seus avós maternos, João Correia dos Santos Lima e Ana Francisca, eram do lugar da Vila. Foi seu padrinho o tio materno Domingos Correia dos Santos Lima, de Cabeçais, e foi sua madrinha a avó materna.

Tinha, ao que apurámos, irmãos: Maria Correia da Conceição<sup>77</sup> (n. 10-11-1877; f. 14-01-1955); Deolinda Correia da Conceição<sup>78</sup> (n. 18-04-1886; f. 16-03-1958); Carlos [Correia] da Conceição (n. 02-04-1892; f. 25-08-1968)<sup>79</sup>; e José (n.?). Cresceu em casa de seus pais, no lugar da Estrada, dedicando-se à lavoura.

A 25 de fevereiro de 1911, com 22 anos de idade e ainda solteiro, nasceu-lhe a primeira filha; a mãe era Belmira de Pinho (n. 07-03-1890; f. 04-02-1941), também solteira, e sua vizinha. Três dias depois apresentaram-se na igreja paroquial e aí batizaram a filha com o nome de Maria<sup>80</sup> e trataram de organizar o casamento.

Casaram a 28 de março de 1911, uma terça-feira. Foram testemunhas António da Conceição, pai do nubente, e Ricardo da Rocha Pinho (1887-1955), irmão da nubente. Segundo os registos do batizado da filha e do casamento, tanto Domingos como Belmira não sabiam assinar; presume-se daí que não soubessem à altura ler e escrever.

O seu processo militar (folha de matrícula) conserva-se no Arquivo Geral do Exército<sup>81</sup>. Daqui podemos recolher algumas informações sobre a sua identidade, biografia e percurso militar. Teria de estatura 1,59 m, olhos e cabelo castanhos e uma cicatriz nas costas da mão esquerda próximo do dedo mindinho. A menos de um mês de completar 20 anos de idade, ainda solteiro e sem filhos, no dia 24 de agosto de 1908 assentou praça como recrutado para servir no contingente dos cidadãos nascidos em Mansores em 1888, ficando com o n.º 4.

A 11 de novembro desse ano de 1908 foi incorporado no 1.º batalhão do regimento de infantaria n.º 6. Concluiu a instrução de recruta a 29 de abril de 1909 e em 1910 passou a atirador de 1.ª classe. A 29 de junho de 1911, já homem casado, regressou a casa e a 4 de outubro do mesmo ano passou ao regimento de infantaria n.º 24, ficando, ao que supomos, na reserva. Neste período (1908-1911) em que cumpriu o serviço militar obrigatório teve alguns dias de licença, detalhadamente registados na sua folha de matrícula: 19 dias em 1908, 30

<sup>76</sup> O seu nome ocorre por vezes como Margarida Correia dos Santos Lima.

<sup>77</sup> Foi mãe solteira de José Correia da Conceição, o qual veio a casar com Maria [Correia] da Conceição, sua prima, porquanto filha, a primeira, de Domingos Correia da Conceição e de Belmira de Pinho.

<sup>78</sup> Casou com Fausto Joaquim Duarte (n. 07-12-1889; f. 15-12-1960).

<sup>79</sup> Casou com Júlia Correia de Lima (n. 20-10-1897; f. 13-04-1981), sua prima.

<sup>80</sup> Maria [Correia] da Conceição (n. 25-02-1911; f. 20-03-1989). Casou com José Correia da Conceição e residiu no lugar da Estrada.

<sup>81</sup> Arquivo Geral do Exército, Processos do ano de 1888, proc. n.º 335.

duas em 1909 e 149 dias em 1910; terá sido num destes dias de licença, por finais de maio de 1909 que concebeu a primeira filha.

Entretanto, a sua filha, Maria, viu nascer dois irmãos: Carlos<sup>82</sup> (n. 27-09-1912; f. 12-07-1928) e Adelaide<sup>83</sup> (n. 08-01-1915; f. 11-09-2007).

A 9 de março de 1916 a Alemanha declarou guerra a Portugal, e foi necessário desde logo defender as colónias africanas. A 27 de abril desse ano de 1916, Domingos Correia da Conceição, já pai de três filhos, apresentou-se no quartel de Mafra, onde permaneceu até que um mês depois, a 28 de maio, embarcou para Moçambique, território onde desembarcou a 5 de julho. Fez a viagem na companhia de oito mansorenses: Alfredo Tavares Pereira, António Correia dos Santos Lima, António Francisco da Rocha, António Gomes Moreira, José de Almeida, Manuel Coelho de Oliveira, Manuel Francisco de Almeida e António Alves de Araújo (este último morreria na viagem de regresso).

Domingos Correia da Conceição permaneceu em Moçambique dois anos e quase três meses. Enquanto ali esteve, um outro mansorense (José Joaquim Brandão) desembarcou e veio a falecer naquele território.

A 24 de agosto de 1918, Domingos Correia da Conceição embarcou de regresso à metrópole, e a 5 de outubro desembarcou em Lisboa<sup>84</sup>. A 31 de dezembro terminou o tempo de serviço nas tropas ativas e foi de licença para Mansores, assim se mantendo até 21 de junho de 1919, quando finalmente passou à reserva.

Não consta no seu registo que tenha tido condecorações ou louvores, nem condenações. Registe-se que segundo a folha de matrícula esteve sujeito a tratamento hospitalar durante 78 dias em 1918, o que não coincide com as referências que a mulher, Belmira lhe faz em cartas de março (carta 35) e maio (carta 40) de 1917.

Tiveram uma quarta filha, Flora (n. 05-08-1922; f. ca. 2010)<sup>85</sup>.

Poucos registos ficaram da sua vida cívica. Sabemos que foi um dos nove mansorenses que a 2 de fevereiro de 1925 subscreveram a reclamação interposta à Comissão Central de Execução da Lei da Separação, com várias acusações contra o pároco, Pe. Manuel António Fernandes<sup>86</sup>. Sabemos também que era capaz de colocar os seus talentos de carpinteiro ao serviço da comunidade, como ficou registado a propósito da visita pastoral de D. António Augusto de Castro Meireles, bispo do Porto, a Mansores, em maio de 1936, quando ajudou a compor o arco erigido para receber o prelado<sup>87</sup>.

Domingos Correia da Conceição viuviu a 4 de fevereiro de 1941. Voltou a casar, a 1 de agosto de 1942, com Adelaide de Sousa, natural de Real (Castelo de Paiva), de quem viuviu a 16 de agosto de 1954.

Faleceu no lugar da Estrada, em Mansores, a 5 de janeiro de 1957.

---

<sup>82</sup> Faleceu prematuramente, com 15 anos.

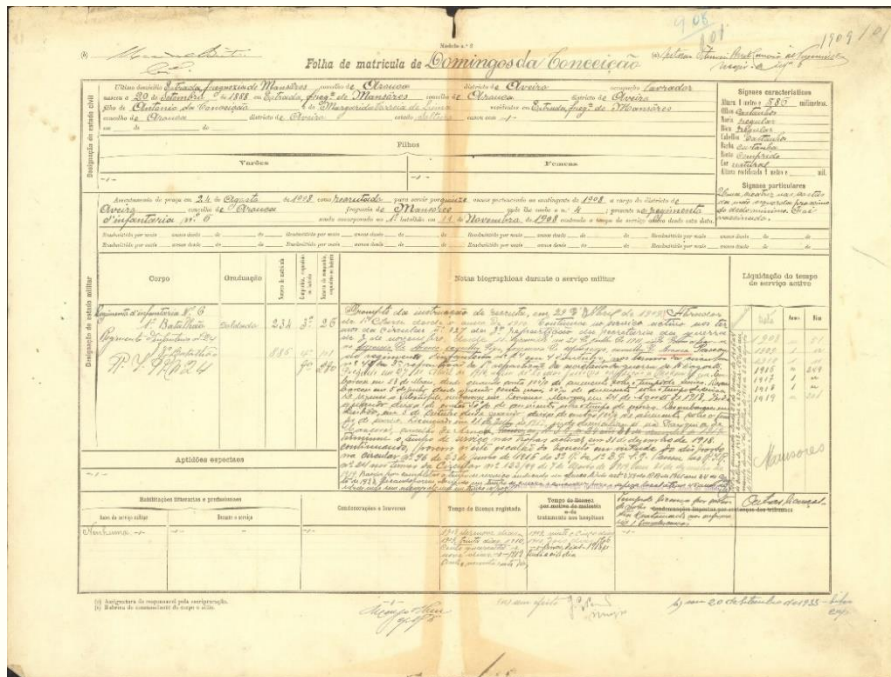
<sup>83</sup> Casou com Avelino Gonçalves Moreira Leite e residiu no lugar da Estrada.

<sup>84</sup> Dos mansorenses que combateram em Moçambique e sobreviveram, António Correia dos Santos Lima foi o único que ali permaneceu mais tempo que Domingos Correia da Conceição.

<sup>85</sup> Casou Germano Miranda e posteriormente, já com uma filha, emigrou para o Brasil. Faleceu em São Paulo em torno do ano de 2010.

<sup>86</sup> ACMF - Direcção-Geral da Justiça e dos Cultos, Proc. 1613, L. 6, Fl. 71. Cód. ref.: ACMF/Arquivo/DGJC/AVE/ARO/PROCD/002.

<sup>87</sup> Defesa de Arouca. 16-05-1936, p. 3.



Folha de matrícula de Domingos Correia da Conceição conservado no Arquivo Geral do Exército



Casa onde habitou Domingos Correia da Conceição

#### 4.2. A história e os autores das cartas

57 das cartas que se publicam foram recebidas e acumuladas por Domingos Correia da Conceição durante o serviço militar: 11 recebeu-as em Mafra, onde passou alguns meses antes de embarcar para Moçambique; 46, recebeu-as enquanto combatente em Moçambique. A única carta que, além dessas 57 cartas, é da autoria por Domingos Correia da Conceição, publica-se no final; foi endereçada a sua esposa, Belmira Correia de Pinho. Todas estas 58 missivas, e algumas outras de que se preservaram apenas pequenos vestígios da folha, sem o

conteúdo, permaneceram na família, sendo hoje a coleção detida por Domingos da Conceição Moreira, seu neto. Em fevereiro de 2024 as cartas foram reproduzidas e posteriormente transcritas, sendo agora publicadas.

Aqueles que remeteram cartas a Domingos Correia da Conceição foram:

<b>Nome</b>	<b>Relação</b>	<b>Cartas (n.º)</b>	<b>Cartas (quant.)</b>	<b>Notas</b>
António Correia Borges (1896-1953)	Primo	12	"1"	Não escreveu propriamente uma carta, mas sim uma breve mensagem incluída em carta de Carlos Correia da Conceição.
António da Conceição (?-?)	Pai	6, 9, 10, 17, 20, 23, 25, 28, 36, 42, 45, 49, 53, 56	14	
António Francisco da Rocha (1894-1982)	Amigo / camarada	8	1	
António Gomes Moreira (1892-1970)	Amigo / camarada	26, 32	2	Na carta n.º 32 o autor assume escrever em companhia de José de Almeida.
Avelino da Rocha Pinho (1898-1969)	Cunhado	27, 30, 34, 39, 43, 57	2	As cartas 27, 30 e 39 são assinadas por "Avelino de Pinho", que presumimos ser o mesmo indivíduo.
Belmira Correia de Pinho (1890-1941)	Esposa	2, 3, 5, 7, 11, 13, 14, 15, 16, 19, 22, 33, 35, 38, 40, 44, 47, 48, 50, 52	20	Não sabia escrever.
Carlos [Correia] da Conceição (1892-1968),	Irmão	12	1	A carta que escreveu inclui, no final, uma breve mensagem de António Correia Borges, primo do autor principal e do destinatário da carta.
Margarida Correia de Lima (?-?)	Mãe	54	1	
Margarida de Pinho (?-?)	Cunhada	4	1	
Maria, Carlos e Adelaide	Filhos	41	1	
Verónica Gomes da Conceição (1865-1946)	Vizinha	1, 18, 21, 24, 29, 31, 37, 46, 51, 55	10	Cartas autógrafas

Os “autores” materiais das cartas eram em muitas ocasiões outros que não os seus “autores” intelectuais ou efetivos, pois na verdade a maioria das cartas não são autógrafas, isto é, foram escritas, não pelos autores-correspondentes, que não sabiam escrever, mas por alguém a seu pedido. A esposa, Belmira, não saberia ler nem assinar, pelo que se refere nalguns registos paroquiais e as cartas de que é a autora têm distintas caligrafias. Há passagens em que é assumido que o escriba não é o remetente: “foi a Margarida da Serra da Vila que a escreveu” (carta n.º 9); “cunhado Fausto (...) escrevente desta carta” (cartas n.º 23 e 42); “Meu tio não se admire por esta carta ser diferente na letra porque ela foi principiada pelo Albino e terminada por este seu sobrinho (...) Abel” (carta n.º 52).

Entre os correspondentes destacam-se Belmira Correia de Pinho, com 20 missivas, António da Conceição, com 14 epístolas, e Verónica Gomes da Conceição, com 10 cartas. Esta Verónica Gomes da Conceição, nascida no Rio de Janeiro, quando seus pais aí eram emigrantes, mas residente no lugar da Estrada, foi a única pessoa sem relações familiares com Domingos Correia da Conceição que lhe escreve regularmente e a quem, intui-se, Domingos Correia da Conceição mais terá escrito, além de a seus familiares. Embora tivesse mais 23 anos que Domingos, as cartas que lhe remete manifestam a admiração e confiança mútua. É autora material das cartas que assinava e trisavó do escriba destas linhas.

### 4.3. A grafia, o conteúdo e o contexto das cartas

As cartas revelam uma generalizada ausência de pontuação, que seria comum à época. Optámos, nesse aspeto, por introduzir parágrafos, vírgulas e pontos finais quando necessários para facilitar a leitura. Também, apresentam uma (orto)grafia que, conforme a grafia em uso na época, se caracterizava, desde logo, por uma considerável escassez de acentos gráficos, se comparada com a ortografia atual, para não falar, obviamente, da maior base etimológica, se comparada com a tendência fonológica trazida pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AOLP) de 1990. Assim, optámos por transcrever as cartas sob dois critérios:

1) Numa primeira leitura, respeitámos a ortografia original. O objetivo foi o de preservar e transmitir ao leitor a vivacidade e a força semiótica presente na grafia. As cartas evidenciam, grande parte delas, uma grafia de base tão fonológica e, portanto, ao arripio da ortografia de base etimológica que à época era fortemente etimológica. Por outras palavras, estas cartas revelam a criatividade e o pragmatismo dos seus autores: escreviam como falavam...<sup>88</sup>, o que materializa uma certa prática *avant la lettre* dos princípios do AOLP. Lembremo-nos de que estas cartas foram todas escritas por pessoas que aprenderam a escrever antes da entrada em vigor da Reforma Ortográfica de 1911, que viera reforçar em Portugal a grafia fonológica. Nesta primeira leitura, como critérios de transcrição: quando necessário à leitura do texto e à compreensão da construção frásica, introduzimos, entre parêntesis retos e *em itálico*, palavras de ligação; desenvolvemos entre parêntesis retos e *sem itálico* algumas abreviaturas e também expressões que presumimos constarem originalmente no texto, mas ilegíveis devido a lacunas; respeitámos a grafia usada, sem qualquer atualização (fizemo-lo para evidenciar a escrita fonológica praticada pelos escribas e os erros ortográficos, sem qualquer intenção pejorativa); introduzimos parágrafos e pontuação, para facilitar a leitura; e sinalizamos dúvidas ou impossibilidades de leitura e lacunas.

---

<sup>88</sup> Vejam-se acerca da distinção e da tensão entre as posturas ou princípios fonológico e etimológico a respeito da ortografia: Aldo Bizzocchi - A ortografia do português deve ser fonológica ou etimológica? Acessível em <https://diariodeumlinguista.com/2018/05/29/a-ortografia-do-portugues-deve-ser-fonologica-ou-etimologica/> [consult. 23-02-2024] e Ortografia da língua portuguesa. Acessível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ortografia da l%C3%ADngua portuguesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ortografia_da_l%C3%ADngua_portuguesa) [consult. 23-02-2024]

2) Numa segunda leitura, procedemos à atualização ortográfica conforme ao AOLP, à correção de erros ortográficos, pontuação e introdução de parágrafos de modo a permitir a leitura corrente das cartas; sinalizamos impossibilidades de leitura; normalizamos a fórmula da data das cartas; substituímos os vocábulos “vezitas” e “vegitas” pelo “beijitos”, por não estarem já aqueles em uso; e acrescentámos notas de rodapé para contextualização da leitura.

Quanto ao conteúdo e ao contexto histórico, social e cultural revelado pelas cartas, trata-se de registos literariamente muito pobres e íntimos, destinados a manter a ligação de Domingos Correia da Conceição à família, à aldeia e aos amigos. A fórmula de início é quase sempre a mesma, com ligeiras alterações, de acordo com a especificidade de cada correspondente, mas não foge muito deste exemplo de expressão usada por Belmira na carta n.º 16: “Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saúde.” As fórmulas de despedida são também simples e padronizadas. Porém, este conjunto epistolar é hoje, um século depois, um registo incrivelmente valioso e denso de vida; lê-lo é embarcar numa viagem no tempo e no espaço. Sintetizamos e elencamos alguns dos conteúdos das cartas.

### **Um país e o seu tempo**

As cartas afirmam e transparecem o crescendo da incerteza e do clima de medo perante a guerra em que Portugal se envolvera. E revelam uma permanente ansiedade coletiva perante a evolução da guerra. Lemos expressões de desgaste (da esposa, do pai, de outros familiares e vizinhos) perante os sucessivos anúncios do regresso de Domingos, sempre gorados. E um acumular de más notícias: dificuldades económicas, novas inspeções, apuramentos, recrutamentos, partidas e mortes. As palavras são de desânimo, contrabalançadas com esforços para animar o familiar ou amigo combatente.

Tomemos alguns excertos: “o povo anda todo alvoraçado com isto cada vez está pior” (carta n.º 2); “cá está tudo muito caro, quase não se pode viver. O milho não se compra abaixo de 1.000” (carta n.º 20); “está tudo muito caro, principalmente o milho, quase não se pode viver” (carta n.º 23); “Só o que cá esta é cada vez mais caros todos os géneros, estamos numa época assim até quando Deus Nosso Senhor quiser” (carta n.º 37); “e já veio outro aviso para ir os artilheiros e cavalarias e de todas as classes até ao dia 5 do corrente do ano de 1912 para cá” (carta n.º 2); “faltando cá você e todos mais que aí estão, até parece que anda meio mundo morto depois que foi essa expedição” (carta n.º 27); “e melhorem os maus tempos que nos vão atravessando” (carta n.º 32); “Com respeito às novidades de cá, são na mesma, cada vez pior. Já foram de cá bastantes rapazes para a França” (carta n.º 33); “daqui têm ido muitos rapazes para a França e já ca é constado que lá tenha havido combates e que já morreram alguns, mas por ora não se sabe se é verdade, se não. E das inspeções foram dos de 35 anos para baixo tiveram de ser todos inspecionados e ficaram todos apurados” (carta n.º 39); “Cá soubemos no dia 27 que morrera o José do Bernardino” (carta n.º 43).

### **A sociabilidade comunitária de uma aldeia rural**

As cartas revelam muito do espírito de solidariedade comunitária e do esforço de familiares e amigos para manter os conterrâneos combatentes a par das “novidades daqui”, como referiam. Manifestam grande preocupação com informar e perguntar sobre o estado de saúde (a palavra “saúde” ocorre 98 vezes). Foram no seu tempo como que um sacramento de re-ligação entre uma comunidade e um dos seus; e são hoje um belo testemunho da singeleza da vida naqueles tempos e lugares e um documento social. Pelo meio, não se coíbem os correspondentes de alguma intriga.

Tomemos alguns excertos: “recebe muitas recomendações do povo do lugar” (carta n.º 5); “estamos todos muito esmorecidos pela vossa falta, mas não somos só nós, são todos desta freguesia, não há ninguém que não tenha pena de vós” (carta n.º 7); “da Rosa, e ela está morta que tu venhas para a acabar as calças que ainda estão à tua espera” (carta n.º 38); “vão casar o Custódio do cantoneiro com uma filha do Manoel do Araújo da Ribeira, e também te conto que o teu primo António da Vila tirou uma filha do Salvador das Agradas, uma chamada Júlia, porque os pais dela não queriam que ela casasse com ele” (carta n.º 27); “vão fazer um caminho para passar das Agradas para o engenho da Terça, passar a presa da Regada e fazer uma ponte lá e tem outra justa ao rio da Barrosa e fizeram uma calçada da igreja para cima e fizeram uma grande avenida direita à capela, foi da esquina da casa do Custódio da Leira à esquina do cemitério.” (carta n.º 43); “e a novidade que te conto é que o António do Paiva, o novo, empenhou a Maria do Julião e agora não a quer porque o povo diz que também é do padre” (carta n.º 47); “foram os votos da Câmara muito guerreados e os da Junta ainda foram mais. Tem sido para aqui uma pândega com os influentes” (carta n.º 52).

São também ocasião para informar sobre novos nascimentos, casamentos e mortes (afinal, as principais idades da vida!): “e também já morreu o João da Vila” (carta n.º 16); “morreu a mulher do Regedor das Agradas” (carta n.º 20); “cá morreu uma tua sobrinha, filha do cunhado do Pinho, a mais novinha” (carta n.º 38); “cá morreu um filho da Deolinda, o mais novo” (carta n.º 47); “morreu o menino do Fausto, o mais novo com o sarampo” (carta n.º 49); “cá soubemos no dia 27 que morrera o José do Bernardino” (carta n.º 43); “o seu primo António tirou uma filha do António do Salvador e a Margarida ainda não se casou porque está à espera de tu ires ao casamento” (carta n.º 30); “o Alfredo do Crasto vai-se casar com a Ermelinda do Alferes” (carta n.º 56).

Têm passagens reveladoras de grande espírito de camaradagem e boa disposição. Entre os maiores amigos de Domingos contavam-se o cunhado Avelino da Rocha Pinho e António Francisco da Rocha (António do Alfaiate), da Avitureira. O primeiro refere na carta n.º 34: “Domingo, eu vou bebendo algum vinho, mas ainda hei de deixar algum para quando você vier apanhar uma bebedeira”, no que se entende um gesto de camaradagem e intimidade. Do segundo, reporta Belmira na carta n.º 43 que “manda dizer o António do Alfaiate que ainda não morrera, que ainda está na Avitureira e que não se esquecera, mas não sei se é de ti, se era dos cigarros que tu lhe davas”.

São ocasião para hoje revisitarmos o sistema de alcunhas, patronímicos e formas de tratamento em uso na época. São mencionados: Abel do Bouça; Alberto do Barrocal; Alfaiate da Avitureira; António da Chica; António da Cristina; António do Alfaiate; António do Alferes; António do Alvite; António do Bouça; António do Paiva; António do Portugal; António do Salvador da Mata; António do Sobrado; Custódio da Leira; Custódio do Cantoneiro; Domingos do Loiro; João da Luzia; João da Vila; Joaquim do Portugal; José da Tamanqueiro; José do Bernardino; Manuel da Antónia; Manuel do Araújo da Ribeira; Manuel do Beira-Mar; Manuel do Carrapato; Manuel do Vitorino; Melo velho; Padre do Coelho; Regedor das Agradas; Saraiva (a); Vitorino da Costa.

### **Uma família no seu tempo: trabalho e economia doméstica**

As cartas tratam frequentemente de assuntos familiares ligados à economia doméstica. Pela sua leitura ficamos a saber quais eram as culturas agrícolas e silvícolas dominantes. Claramente, as batatas em primeiro lugar; registámos 16 referências à plantação, ao tratamento e à produção de batata. Depois, o milho, o vinho, o linho e o centeio. Muito interessantes são as referências aos eucaliptos, constatando-se que estávamos numa altura em que a sementeira ou plantação desta espécie se intensificava; a certa altura, Belmira informa: “com respeito aos eucaliptos que tu mandaste semear, o teu irmão semeou-os todos

na terra dele e não semeou nenhuns na nossa terra, mas também eles não nasceram nem um (carta n.º 33)

Percebemos, além disso, o quão importante era na altura a entreatada entre familiares e vizinhos na execução dos trabalhos agrícolas. Estando Domingos ausente, o cunhado e amigo Avelino da Rocha Pinho ia-lhe reportando a evolução dos trabalhos agrícolas: “andamos cá com a lavoura como você sabe, são muitas quintas, dá muito trabalho, mas sempre se há de fazer” (carta n.º 39); “Domingos, cá tenho olhado por tudo conforme me tem mandado. Eu já fiz a poda e plantei as videiras e plantei os eucaliptos e semeei as batatas. Tenho olhado por o seu serviço como meu e no campo do Alferes em metade semeei centeio e a outra fazemos conta de semear linho” (carta n.º 57). Belmira, a esposa, por sua vez, também reportava: “a vaca parece uma touca, mas ela emaqueceu e foi fraca e deu pouco e o porco também não foi muito bom porque ele adoeceu e eu matei-o antes poucos dias do costume e este ano comprei uma porca e ela por ora está boa, mas antes comprei um porco e ele morreu.” (carta n.º 47).

Porém, havia um desentendimento familiar em relação a quem estava mandatado e efetivamente ajudava nos trabalhos. Algumas cartas, nomeadamente as cartas n.º 42, 44, 45 e 49 denunciam tensão na família, porquanto Belmira se socorria sobretudo da sua família de origem para apoio aos trabalhos agrícolas enquanto o sogro e o cunhado Carlos se sentiam desconsiderados e secundarizados em relação aos parentes diretos da nora e cunhada. Por exemplo, a certa altura o pai escreve-lhe que “mandaste dizer para o Carlos te ajudar a semear as batatas, mas ela queria semear na lua nova, mas nós dissemos que não; então ela marcou para o dia da podada do Sr. Visconde e ele como sabes teve de lá ir, não ajudou a semear e ela regula-se pela Margarida, o Carlos queria que ela as semeasse antes ou depois da podada, e ela não quis (carta n.º 36); e mais tarde, “com respeito às terras, pois a tua mulher lá faz o trabalho todo sem nos dar a saber e como tu sabes o Carlos sabe bem trabalhar nas terras, mas agora a tua cunhada não quer que ele lá faça nada a mais a Maria” (carta n.º 49).

### **Expressões de afeto e ansiedade pelo regresso**

Este acervo epistolar foi produzido e acumulado no contexto íntimo da família e da rede de amizade de um camponês de uma pequena aldeia do Norte de Portugal durante os anos de 1916 a 1918. Não era expectável ter sobrevivido e muito menos vir, mais de 100 anos depois, a ser exposto à leitura de todos. São, como acima referido, um documento social, mas que deve ser abordado com sentido de respeito pela intimidade pessoal e familiar dos seus autores e das pessoas nelas mencionadas. As cartas estão perpassadas por referências às relações, afetos e tensões entre membros da família nuclear e da família alargada de Domingos Correia da Conceição que se impõe serem lidas com sentido de respeito.

Os dois correspondentes que mais afeto demonstram são a esposa e o pai. Não conseguimos nós imaginar o que seria ter um marido ou um filho, já pai de três crianças, subitamente de arma na mão numa terra desconhecida do outro lado do mundo. Da esposa, Belmira, Domingos lia, por exemplo: “eu vou para comer e não posso em me lembrar a tua falta” (carta n.º 2); “dizer que tu que ias agora para África, para mim foi como quem deu uma facada em outra pessoa. Agora te remeto pelo correio o presunto e os rejões que tu me mandastes pedir para eu te mandar, mas o meu gosto era que tu os comesses cá ao pé de mim e dos nossos filhos” (carta n.º 3); “eu fazia gosto nos retratos, mas mais gosto fazia se tu viesses embora, que eu queria-te ao pé de mim, que eu não passo um instante que tu não me passes no meu sentido; que meu gosto é lágrimas que me rebentam pelos olhos fora” (carta n.º 5); “mas eu quando vi as botas e não vi o dono, do dia se me fez noite” (carta n.º 5); “que eu quando soube disso, o meu coração ficou tão triste como noite escura” (carta n.º 11); “e eu por me lembrar que me faltou meu marido, que para mim foi só lágrimas e tristezas” (carta n.º 14).

E, imaginemos o que terá sentido Domingos ao ler nesta epístola que lhe foi enviada em nome dos filhos: “Meu querido pai, nós cá passámos a Páscoa muito tristes por todos terem por quem chamar e nós, meu pai, não temos pai para nos chamar e para nos fazer carinho” (carta n.º 41).

Mas, a par de manifestações de afeto, correram também algumas suspeitas de menor decoro por parte da esposa de Domingos, que o pai deste tentou dissipar: “com respeito ao sinal que me perguntavas, verdade é o povo dizê-lo, mas eu creio que é tudo mentira, todo isto são boatos do povo, porque nada se vê” (carta n.º 10). E a própria Belmira vê-se obrigada a defender-se, ao escrever: “Domingos, com respeito ao que mandas dizer, que as esposas que trazem os maridos no caminho da África, que estou muito triste, pois tu bem sabes o gosto que não é nenhum” (carta n.º 15). E a vizinha Verónica Gomes da Conceição tranquiliza-o “agora a sua mulher tem muito bom portamento, traz os filhos muito limpos e dá lhes boa educação, sabe ocupar o lugar dela” (carta n.º 55).

### Alguns aspetos religiosos

Uma surpresa para nós foi constatar que a festa do Mártir São Sebastião era à época a mais importante festa em honra de um santo, se não na freguesia, pelo menos no lugar da Estrada. O Mártir São Sebastião, cuja festa litúrgica se comemora a 20 de janeiro, seria celebrado com grande vigor e destaque na altura. Contámos alusões ao Mártir São Sebastião, por vezes apenas referido como “o Mártir”. Referências há, como “aqui vai-se fazer uma festa ao Mártir e tu promete ao Senhor e Senhora, que é o que te vale” (carta n.º 6); “Domingos, faz uma festa ao Mártir para ver se termina a guerra” (carta n.º 7); e “para o domingo cá vai o povo da freguesia cumprir uma promessa ao Mártir São Sebastião” (carta n.º 8).

As cartas revelam-nos também que naquela altura a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, muito em voga na época<sup>89</sup>, se intensificara na freguesia. A 7 de maio de 1917, estávamos a 6 dias da designada primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima, António da Conceição escreve ao filho Domingos: “só te conto que cá se levantou a Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, pois tem entrado muita gente para a irmandade e eu também sou zelador e também te cá meti para a mesma irmandade e tu faz votos ao Sagrado Coração de Jesus para vires abraçar a família querida que sempre te espera” (carta n.º 42).

A propósito de “Nossa Senhora”, é interessante notar a discreta presença da Virgem Maria no conjunto das expressões e menções religiosas e devocionais. As expressões e jaculatórias mais comuns são “graças a Deus”, “graça de Deus”, invocações de “Deus”, de “Deus Nosso Senhor” e do “Mártir São Sebastião”... escasseiam as referências a Maria e à sua função no sistema devocional. É relevante assinalar-se este facto, porquanto estamos às portas da irrupção do fenómeno em torno do culto a Nossa Senhora de Fátima, cujo campo gravitacional se intensificou e impôs à Igreja e ao país em moldes que se poderiam comparar, *mutatis mutandis*, a uma re(li)gião do espaço-tempo designada buraco negro. Ainda assim, há referências, logo em 1916, como estas “nunca se esqueça de Nossa Senhora e do Santíssimo Sacramento” (carta n.º 1); e “quando soubemos que tu que ias para África, mas nós já pedimos a Nossa Senhora do Rosário para tu não ires” (carta n.º 4).

Mas, a vida religiosa não se limita à prática devocional. Quando na carta n.º 31, de janeiro de 1917, Verónica Gomes da Conceição reporta que “anda a freguesia toda em barulho devido ao padre do Coelho, veio à missa, mas o povo levantou-se todo e veio para fora da Igreja, ficou tudo sem missa. Agora estamos a ver que se fecha a igreja”, está a referir-se a um conflito

---

<sup>89</sup> Esta devoção foi impelida pela ação da Irmã (depois beata) Maria do Divino Coração, da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, e intensificou-se após a consagração do mundo inteiro ao Sagrado Coração de Jesus feita pelo Papa Leão XIII em 1899.

entre o pároco de então e o padre António Gonçalves Moreira (1869-1922?) que vinha já de 1912 e que já estudámos<sup>90</sup>. Este conflito entre dois clérigos era sintomático dos efeitos locais de uma separação religiosa imposta pela Primeira República em termos difíceis de aceitar pelas comunidades locais e causadora de uma Guerra Religiosa<sup>91</sup>, que precedeu, atravessou e se prolongou além da Grande Guerra de 1914-1917. Assinale-se ainda que era janeiro de 1917, estávamos a poucos meses de em Fátima eclodir um movimento religioso em cujo caldo se destacaram a questão da Guerra e os conflitos e as tensões entre o Estado e a Igreja.

#### 4.4. Transcrição das cartas conforme à grafia usada

##### Carta n.º 1 | 23-?-1916 | Verónica Gomes da Conceição

23 = 1916

Sr. Domingos,

Saude e graça de Deus e quanto do coração lhe dezejo, pois eu e os meus estamos todos bons, graças a Deus.

Sr. Domingos, aqui recebi a sua carta da data de 21 do corrente. Muito estimei saber de ci. Ao mesmo tempo sinto muito desgosto em me dizer que ja ahi estão os 3 bapores de guerra. Deus permita que esses ditos bapores não seijão para os levar e no cazo que seja todos habemos [de] pedir ao Sr. para que em breve beinhão todos gozar da nossa bella Patria que todos os dezejamos ca ver.

Pois nunca se esqueça de nossa Sr.ª e do Santissimo Sacramento para que seijão em nosso aocilio e nos livre deste terrivel flagelo que nos bai atravessando. Ao mesmo tempo tenho fé em Deus dos maus tempos ter melhoras; tanto habemos [de] pedir até que seijamos obetidos os nossos dezejios.

Sr. Domingos aqui ressevi a futografia do conbento de Mafra e todos os outros objetos que me fez eu o favor de me mandar pois de tudo isto muito lhe agardeço que são coizas muito emportantes. Agora o que eu lhe pesso é que onde quer que se encontre e se poder escrever. Eu e todos dezejamos ter noticias suas.

Resseba muitos complimentos meus e do meu marido e de toda a minha familia e toda a gente da sua amizade principalmente deste lugar e um abraço do meu filho da leira e tambem lhe recomendo muito a Rosa do Bouca e o seu compadre M[anu]el e toda a familia deles. Todos lhe dezejamos a melhor flecidade e que seijão em vreves dias a sua presença ao nosso lado. Com isto termino. Estou ao seu despor para o que lhe for preciso.

Adeus até a vista. Sua Amiga.

Veronica Gomes da Conceição

##### Carta n.º 2 | 01-05-1916 | Belmira Correia de Pinho

Mansores 1-5-1916

Dumingos,

---

<sup>90</sup> Rocha – Pe. Manuel António Fernandes (1881-1968), p. 11-14.

<sup>91</sup> Vejam-se as excelentes sínteses, quer a nível nacional, quer local, conseguidas por MOURA – *A guerra religiosa na I República* e Pinto – *A Primeira República no concelho de Arouca*.

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saude que é esse o meu maior desejo, pois a nossa [é] bôa, graças a Deus.

Domingos cá recebi a tua carta no Domingo aonde me dan muito gosto por saber noticias tuas e ao mesmo tempo por tu me mandares dezer que brevemente que vinhas para nos ajudar ao trabalho, mas eu não sei se isso será berdade ou não, mas eu penço que tu me mandas deser isso para me accontentar [a] mim e a tu[a] familia que tu bem podes emagenar [o] gosto em que eu tenho só por me lembrar a tua falta, mas Deus queira que tu em pouco tempo tu venhas embora, que eu estou sempre a esperar quando tu chegas cá e entres pela porta dentro.

Agora que tu mandas deser que eu que coma e beba e não cisme pois é para cismar o menos ca para mim eu penço isso que eu bou para comer e não posso em me lembrar a tua falta. Agora tu mandas deser para te mandar deser o que cá é passado e que o povo anda todo alboraçado com isto cada vez esta pior pois já foi avisado o Jose da Tamanqueiro para entrar no hospertal d'Arouca ou do Porto mas elle foi para o d'Arouca e ja veio outro [a]viso para ir os artilheiros e cabellarias e de todas as claces até o dia 5 do corrente do anno de 1912 para ca. Tambem sai o Jose do Bernardo para ahi ou para Aveiro e o Antonio da Chica e o Antonio do Salvador da Matta, mas não sei se vom mais ou não.

Com isto não te estou [a] maçar mais. Aceita um apertado abraço de cada um dos teus filhos e de mim aseita um saudoso abraço d'esta companheira,

Belmira Correia de Pinho

E tu recebe muitas recomendações de toda a minha familia e do teu pae e da tua mãe e dos teus irmãos todos e dos do Portugal e da sra. Verónica e de toda [a] familia e de todo [o] povo do lugar que estão sempre a perguntar por ti. Agora tu escreve para cá, para nós saber o que é passado.

Sou esta tua esposa(?) Belmira

### **Carta n.º 3 | s.d. [ant. 08-05-1916] | Belmira Correia de Pinho**

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber d'esta te vá encontrar de perfeita saude, que é esse o meu maior desejo. Pois a minha, ao fazer desta é bôa, graças a Deus e os nossos filhos estão bons, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta e ca vi tudo o que me mandastes dezer, pois algumas coisas que tu mandastes dezer ao mesmos tempos [?] pontos de deser que tu que hias agora para Africa para mim foi como quem deu uma facada em outra pessoa. Agora te remeto pelo correio o prejunto e os rejões que tu me mandastes pedir para eu te mandar, mas o meu gosto era que tu os comesses ca ao pé de mim e dos nossos filhos, mas já que não pode ser, Deus se compadeça de mim e que permita que venhas embora depressa.

Agora, as nuidades que ca hão são só tristeza e por enquanto não foi mais nenhum, mas agora, agora não sei se irão mais alguns, se não.

Com isto não te infado mais. Aseita muitas recomendações de todos os meus irmãos, toda a tua familia e aseita muitos veijos de cada [um] de nosso[s] filhos, de todo o povo do lugar e de um saudoso abraço do teu amigo Antonio do portugal e dos irmãos todos. E tu de mim recebe um saudoso abraço d'esta tua esposa muito amiga.

Belmira Pinho

**Carta n.º 4 | 08-05-1916 | Margarida de Pinho**

Mansores [8?]-5-1916

Cunhado Domingos

Muito estimo que ao receber d'esta te va encontrar de perfeita saude, pois é esse o meu maior desejo, meu e de toda a nossa familia, que a nossa e bôa, graças a Deus.

Domingos, ca recebi a tua carta e a li tudo quanto me mandastes dezer pois com respeito a teus filhos tu podes estar descansado que eles estão todos com saude e ca olhamos por eles como [se] tu ca estivesses e como filhos. Pois nós ca fiquemos muito tristes quando souvemos que tu que hias para Africa, mas nós já pedimos a nossa Sra. do Rosario para tu não ires, mas não sei se se seremos houvimos que tu já tenz cá muitas promeças por ti. Tambem já se ando a tirar as esmolos para se fazer uma festa ao Marter para Domingo. A Belmira ca recebeu um aviso para receber as encomendas n.º 1996 procedentes em Mafra mas como nós não savemos para o que é. Com isto não te estou a maçar mais.

Aseita muitas recomendações de nós todos e de toda a tua familia e um abraço de cada um dos teus filhos e da tua mulher e dos do lugar todo e o António do Portugal dis que não(?) cismes que [?] pede sempre(?) por ti que tem fé de tu vires em antes de pouco tempo e tu aseita um saudoso abraço d'elle e da familia d'elle.

Sou tua cunhada Margarida de Pinho

**Carta n.º 5 | 08-05-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores 8-5-1916

Domingos

Muito estimo que tu ao receber d'esta te vá encontrar de perfeita saude que é esse o meu maior desejo, pois eu e os nossos filhos estamos todos com saude graças a Deus.

Domingos ca recebi a tua carta no dia 8 e no mesmo dia te escrevo. E dentro d'ella vinhão 3 retratos grandes e 1 piqueno. Fui logo faser o que tu mandavas: entregar um ao teu pae e os outros fiquei com eles para fazer o que tu mandas, mas eu fasia gosto nos retratos mas mais gosto fasia se tu viesses embora que eu criate ao pé de mim que eu não passo um estante que tu não me passes no meu sentido; que meu gosto é lagrimas que me arebento pelos olhos fora que tu mandas votar o retrato piqueno numa medalha para eu votar no cordão, mas eu tenho pouco gosto de votar o cordão ao pescoço.

Domingos tu mandas deser que ja escreveras para ca 3 cartaz e que não tinhas recebido nenhuma, pois eu recebi a primeira no domingo a tarde e escrevi na segunda feira so se ella [se] perdesse nos correios, mas eu não tenho culpa disso. E tambem recebi um aviso para ir a Cabeçaes receber umas encomendas, mas o padrinho Ricardo disseme que falava com o padrinho Jose e elle que tirava tudo que la estivesse só se não cobesse dentro da malla e por isso foi o padrinho Jose que levou o aviso e trouxe umas votas tuas hoje mesmo, mas eu quando vi as votas e não vi o dono do dia se me fez noite.

Agora com isto não te estou [a] maçar mais. Recebe muitas recomendações de toda a nossa familia toda e um saudoso abraço de cada um dos nossos filhos e outro meu. Sou tua mulher (?) Belmira Pinho.

E tu recebe muitas recomendações do povo do lugar que está sempre a perguntar por ti. O Antonio do Potrugal mandate um saudoso abraço com todos os sentimentos que tem por ti. E o Antonio do Alfaiate não esta contente de tu não le escrever, que esta sempre a perguntar por ti. (?) mulher Belmira.

**Carta n.º 6 | 09-05-1916 | António da Conceição**

Domingos

Saude e quanto que te desejo, que nos vamos bons.

Ca recebi tua carta, e ao que dizes com respeito as terras eu cá faço o serviço todo como tu dizes. O lameiro, o Carlos vai la a miodo. Aqui vaissse fazer uma festa ao Martyr e tu promete ao Senhor e Senhora que e o que te vale. Recebe saudades de nos todos e um beijo de cada filho que as minhas e de tua mae só a vista.

Mansôres, 9-5-916

Teu pae, Antonio da Conceição

**Carta n.º 7 | 10-05-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mançôres 10=5=916

Meu crido espozo,

Primeiro que tudo estimo que estejas de saude em companhia de todos que for na tua Companhia: pois eu e nossos filhos estamos bons graças a deus para sempre.

Domingos, estas zangado por não te ter escrito, pois a culpa não e minha, tem sido de ellas não ter lá cjugado, que ja te escrevi 4 cartas e visto o que me dizes ainda não receveste nenhuma, portanto fui pedir ao Snr Manoel do Beira-Mar para elle me escrever esta em nome do Alfredo para vere se eras entregue, pois qual seria a minha qurajem que te não escrevesse depois de tu me escreveres e me mandares o teu retrato o qual eu muito estimo e espero que venhas o mais vreve pusivel, mas ade ser quando deus prometir. Nos todos pedimos a deus e a nossa Sinhora para que todos vos sejas felizes e para que deus vos traga a nossa crida terra com vida e saude, pois e o que nos todos dezijamos.

Agora tenho a dizerte que recevi a tua carta no domingo e ja te escrevi na segunda feira e na mesma te mandei dizer que não tinha gosto de votar o curdoão, portanto não voto o retrato pequenito no dito curdoão sem que tu venhas para nos dar mais algria que por em quanto estamos todos muito esmurcidos pella voça falta, mas não semos so nos, som todos desta freguesia, não [há] niquen que não tenha pena de vos.

Com esto termino. Aceita um abraço desta tua espoza e beijinhos dos nossos filhos e aceita a muinta saudades de toda a nossa familia e de todos os teus amigos em geral.

Sou esta tua espoza que suspiro pella tua vinda.

Dumingo faz uma festa ao Martel para ver se termina a gerra.

Belmira Correia de Pinho

**Carta n.º 8 | 13-05-1916 | António Francisco da Rocha**

Mançôres 13=5=916

Amigo Domingos,

Primeiro de tudo estimo que esta te vá encontrar de saude assim como todos os mais, pois eu fico bom, graças a deus.

Domingos, tu ficastes de me escrever, ate hojem não tenho recebido carta tua, tenho tido noticias tuas pellas cartas do Alfredo, não sei qual e u mutivo por que te [es]quisestes de mim ou [-] por não saveres o meu nome, mas preguntases ao Alfredo que elle te dizia. Mas pecote que me escrevas assim que esta receveres para eu te escrever diretamente por que não sei se sera por ellas cá não ter chigado por que constame que não tens recebido as da tua mulher e ella tem respondido a ellas todas. Se tu me tiveses ecarregado [pa]ra eu te escrever terias [si]do entrege [o] pacote que [n]ão te esquesas de mim. Com esto termino.

Aceita um abraço deste teu amigo que fica ao teu despor e daras outro abraço ao Alfredo e muintas saudades a todos mais que foram na tua companhia.

Antonio Francisco da Rocha

### **Carta n.º 9 | 13-05-1916 | António da Conceição**

Mansores, 13 de Maio

Meu querido filho ca recebi a tua carta i vi tudo [o] que me mandas dizer a respeito as terras qa ista a nosso cuidado i cá se faz como [se] tu istiveses. Ficei muito satisfeito de me mandar o teu retrato. Agora pecsote o favor, se elle nun custar muito dinheiro, uma lembrança do como tu mandaste a Belemira, que gostava muito de ter assim um papel.

As batatas do mamchan ja istão a nasser. A Belemira ja as ssachou. O Carlos tem ido a murjar o lameiro de Barroza de rriba. Muitas vezitas de toda a familia. Ja ca te iscrevi umas poucas de cartas tu mandas dizer que num es intrege dellas. Te mando as minhas bençons a mais as da tu mãe ca temos pormetidas muitas promessas. Dumingos, tu tem fé em deus i nas suas santas premissas, que não só a nós temos pedido como o povo da freguezia que pro dumingo ca vai o povo da freguesia cumprir uma promessa o martel S. sebastião. I agora tu i os teus companheiros que pesso tambem o martel que ca torne que tenho sempre i sempre fé em deus.

Com mais nada te incomodo. Aceita as bençõns de teu pai i mãe que todos os dias se lembra de ti. Aceita muitas vezitas de teus irmãos e irmãs e da Belemira e um abraço de cada menino. Aceita tambem vezitas da tia da Serra da Vila i do tio i do primo i primas.

Desculpa della ir mal notada, foi a Margarida da Serra da Vila que a iscreveu.

A tia da Serra da Vila pede que iscreva para o Antonio i escreve tambem para o Carlos. O Juze manda pedir que le iscrevas para elle.

Mansôres,

13-5-916

Teu Pae,

Antonio da Conceição

Disme se o teu primo Ant[onio] ainda esta no Hospital.

### **Carta n.º 10 | 20-05-1916 | António da Conceição**

Mansores, 20-5-1916

Dumingos, todo o meu dezeijo e que esta carta te va encontrar de perfeita saude assim como todos os teus companheiros, que ca eu e tua mãe e todos os nossos ficamos bem, graças a Deus.

Domingos, tenho-te a dizer que ca resebi a tua carta no dia 14 deste mes, tambem te conto que nesse dia se fez aqui uma festa au mártir S. Sebastião por causa da gera. Tambem ca recebi o cartão com o Edefiço que me tu mandaste, o cual te agardeso porque é uma obra muito importante. Tambem me dizias para o Carlos te solifatar as batatas, pois elle agora para a semana que bem lá bai a sulfatalas e as batatas do mouxom já estom a botar a felor e a Belmira já as regou esta semana.

Com respeito au teu serviso escozado sera istaresto a felijer; tudo se faz se Deus quizer porque tambem teinho fé em Deus que tu brevemente nos viras vezitar e de resto não te debes estar [a] apaixonar, porque não val a pena, e preciso sempre coraje para [a] luta da vida. Pois com respeito au sinale que me preguntavas, verdade é o povo dizelo mas eu quereio que é todo mintira, todo isto são boatos do povo porque nada se vê. Nada mais teinho para te contar daqui a tua mulher e meninos estão bons.

Com isto peso a Deus que te porteja e te abençoe e recebe a bensão deste que sou teu Pae e Mãe. Com isto um abraço da tua mulher e dos teus filhos e um abraso dos teus conhados e um do Carelos e outro da Maria, não escesedo da Diulinda. Um abraso do teu conhado Fausto. Lembransas de toda a familia, um saudoso abraso da tua mãe e outro deste que sou teu Pae.

Antonio da Conceição

#### **Carta n.º 11 | 20-05-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansorez 20-5-1916

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber d[esta] te vá encontrar de perfeita saude, que é esse [o] meu maior desejo. Pois a minha e a dos nossos filhos é bôa, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta que para mim foi um grande gosto por saver que tu ainda estavas hai, porque tu tinhas mandado dezer para a Sra Vironica que não escreve-se até segunda ordem, que eu quando soube disso, o meu coração ficou tão triste como noite escura, mas quando recebi a ultima carta e vi o que tu mandavas deser, ja eu fiquei mais contente por saver que tu que estava[s] ainda hai.

Domingos, mandas diser que eu demorava muito a escrever-te, pois niço não fallas berdade, que eu recebo as tuas num dia e escrevo logo no outro.

Com respeito o que tu mandas praguntar se a Sra. Veronica tinha recebido um libro ou não, ella recebeu e ficou muito contente com elle, disse ella que não escreveu por tu mandares diser que não escreve-se ate a segunda ordem.

Com isto não te estou [a] maçar mais. Aseita muntas recomendações de toda a nossa familia e tu aseita um saudoso abraço de cada um dos nossos filhos e outro meu e tu recebe muitas recomendações dos teus pais e do teu irmão e tambem do povo do lugar, que esta sempre a preguntar por ti. E também dos Portugal todos, o Antonio do Portugal manda-te um saudoso abraço, que nunca se esquece de ti. [?] tua mulher [?]

Belmira de Pinho

Recebe um abraço do Antonio do Alfaiate.

#### **Carta n.º 12 | 16-06-1916 | Carlos Correia da Conceição e António Correia Borges**

Mansores, 16-6-1916

Meu querido mano, em primeiro de todo saude e felicidade é o que eu te mais desejo, que eu felismente fico bom e toda a familia grasas a Deus.

Domingos, ca recebi a tua carta no dia 15 e vi quanto me dizias. Com respeito às espeções, elas ainda não foram aqui, não te posso comtar nada a esse respeito. Agora, com respeito as batatas, elas estão boas, as do Mouchão ja as sulfatei, mas as da preza, essas estao fracas, estou a espera que elas se ponho melhor para as sulifatar. Podes estar descançado que todo o teu trabalho eu olho por isso. As vinhas aqui estão bouas, à muito vinho, se ele escapar. Os senteios ja se curtaram cuazi todos são bons. Com isto ja findo.

Recomendações de todos os rapazes teus amigos, dos tios todos, do tio da Serra da Vila e da tia. De mim recebe um abraço banhado em lagrimas deste teu irmão lial.

Carlos Correia da Conceição

\*\*\*

Primo Domingos, saude e felicidade é o que eu te mais desejo, que eu fico bom. Primo, voute pedir que me escrevas, que em breve te escrevo a dezerte algumas noticias. Deste teu primo aceitas um abraço muito apertado.

Antonio Correia Borges. Serra da Vila

### **Carta n.º 13 | 16-06-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Dumingos,

Muito estimo que tu ao receber d'esta te vá encontrar de perfeita saude, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de saude, graças a Deus.

Dumingos, ca recebi a tua carta, que para mim foi grande gosto que tive por saver noticias tuas, que eu houvia deser tanta coisa que tu não emagina como eu andava por saver nuvidades tuas.

Agora, com respeito as vatatas do campo da presa, éllas este anno nasseram muito mal e as que nasseram estão fracas; mas não são só as nossas, por ca estão todas assim, parese-se que le tem dado o vicho da peçonha; e os aualitros este anno secaram a cais todos, mas foi todos assim.

Agora, tu mandame dezer se ficas hai ou vais para outra parte, porque contase que vom mais ainda e ja foram avisados todos os homens [de] 20 a 45 annos de idade que hainda não tivesse hido as espeções para hir dar o nome d'elles a o dia 15 d'este mez para hir as espeções juntos com os outros da mesma idade, mas ca só eram does filhos da Seraiva, o Augusto e o Jose e alberto do Barrocal; e tambem ja vieram avisos para todos os praças e reservas para hir dar o nome delles e para aquelles que souvese ler ou tivesse esames, mas desconfiase que jeija para hir aprender os essercicios para ser promovidos para cabos ou sargentos, que tambem foi avisado o genro do Alfaiate da Avitureira para hir boluntariamente para cabo, mas elle não quis hir, não se save o que isto dará.

Tu recebe muitas recomendações dos meus irmãos todos e teus paes e dos teus irmãos e tu recebe muitos veijos e abraços dos nossos filhos. De mim aceita um abraço desta tua mulher muito amiga de gema(?).

Belmira Correia de Pinho

Antonio do Portugal manda-te um saudoso abraço e de toda a familia d'elle e de todos [os] do lugar que estão sempre a preguntar por ti.

Mansores, 16-06-1916

Belmira

O filho do Victorino da Costa ja veio, não se sabe se elle vem livre ou não.

**Carta n.º 14 | 27-07-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 27-7-1916

Muito estimo que tu ao receber d[est]a te vá encontrar de perfeita saude, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saude e toda a nossa familia estão tôdos de saude, graças a Deus.

Duminguos, ca recebi duas cartas tuas no dia 26, ambas no mesmo dia, aonde eu e toda a nossa familia fiquemos contentes por saver noticias tuas, mas ao mesmo tempo fiquei triste por me lembra[r] o dia 27 que era o dia da festa em que todos se reune a familia uma ponde a outra e eu por me me [sic] lembrar que me faltou meu marido que para mim foi só lagrimas e tristesas, mas eu tenho pedido a Deus que para o anno que vem que tu ja esteja[s] na minha companhia.

Duminguos, tu mandas-me dezer [que] chegaraz hai muito gordo e bonito, poiz eu faço ideia d'isso, mas nisso é o contrario que isso é para me accontentar. E com respeito ós ensertos, pegaro todos e as ramadas das bideiras amaricanas tem menos uvas do que o anno passado. E com respeito as batatas eu ja te mandei deser nas cartas que te escrevi para ahi, que eu ja te escrevi duas cartas que te espeliquei tudo [o] que me mandas deser. Penção, ja recebi does meses. E com respeito o linho da Ribeiro de Moinho, deu todo, mas a rrola(?) não prestou para nada. E a nossa filha Adelaide já falla, já chama pela mae e pae.

Com isto não te estou a maçar mais. Aseita muntas recomendações dos teus paes e dos teus ermãos e dos meus tambem, dos nossos qunlhados e de todos do logar que estão sempre a perguntar por ti. E também dos Portugal todos, o Antonio manda-te um saudoso abraço, que nunca se esquece de ti.

Tu recebe um abraço do Carrelos e outro da Micas e um beijo da Adelaidinha. E tu de mim recebe um saudoso abraço d'esta esposa muito grande do coração.

Belmira da Pinho

Antonio do Alfaiate manda-te muitas recomendações. Tu faz recom... [sic] muitas recomendações [a]o Tavearez de meu mando e da Guida. E a mãe d'elle está muito triste do que elle mando dezer que até [o] povo faz caçoado d'elle. E tu manda-me deser o que vós estais ahi a fazer. Os rapazes que entraro na espeção este anno na espeções ficaro todos aprovados de 20 a 45 annoz som no mez de Outubro bom todos a espeção. Ca as coisas estão muito mas.

Sou tua mulher Belmira

**Carta n.º 15 | 16-08-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 16-8-1916

Duminguos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saude, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saude.

Duminguos, ca recebi a tua carta que para mim foi um grande gosto por saver que tu has saude e que tivestes saude na tua viagem. Duminguos, com respeito ó que mandas deser, que as

esposas que trase os maridos no caminho da Africa, que estou muito triste, poiz tu vem sabes o gosto que não é nenhum.

Dumingos, com respeito a forramenta, nós cá ja a tínhamos engiminado e o Abelino ja a tinha montado por duas veses. E com respeito as vatatas, eu ja te mandei dezer nas cartas que te escrevi para hai que ja foram, que ja foi tudo espelicado.

Dumingos, [o] Adelino despediume das Leirinhas e eu entregueilas. E ele tambem ja despediu o Costa e elle tambem quer sair.

[O] Manuel do Victorino veio com dois mezes de licença e o Antonio da Cheristina com um mez.

Com isto não te estou a maçar mais. Aseita muitas recomendações dos teus paes e dos ermãos todos do lugar e um abraço do Antonio Portugal e da familia. E aseita muitas recomendações de todos os meus ermãoz e cunhados. E tu aseita um abraço e beijo de cada um dos nossos filhos e tambem arecebe saudoso abraço d'esta tua espoza Belmira de Pinho

### **Carta n.º 16 | 17-08-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 17-8-1916

Dumingos,

Muito estimo que tu ao receber d'esta te vá encontrar de perfeita saude, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saude.

Dumingos, como tu já saves que o filho do Jose Alves veio ca [e] disse que tu le devias 5:000 reis. Como ja te mandei deser, elle veio cá primeiro [e] eu arranjei-lhe 2:000 reis, e agora veio ca e pediu o resto. O teu pae foi que os arranjou. Agora tu mandame deser se eu tenho de o dar ao teu pae ou elle tos dera. Como tu mandastes deser ao teu pae que arranjasse e que lhe o desse agora eu sei disso. Com respeito as vatatas da Presa, ellas este anno foram fracas, só deram 12 alqueires, estam muito picadas de cancaro, estam [a] apodrecer.

Com respeito as novidades de ca sam muito mas, já acavou o asucre e o que havia já o era 900 reis cada killo, o milho a 2:000 mil reis cada alqueir, mas é ca e fôra de ca já é 2:400 reis. E o povo cá está muito atremoisado porque a guerra está cada vez pior; dezem que vom 22:000 mil homens para a França e as espeções começaram n'este mez. E também ja morreu o João da Villa e o filho do Antonio do Alferes está cada vez pior e talvez não escape. Agora tu escreve quanto mais miodo melhor porque ca contase tanta coisa que não save.

Agora tu recebe muitas recomendações de toda a tua familia e dos meus ermãos todos, dos nossos cuinhadoz e do Antonio do Portugal e da familia toda e de todos do lugar que estam sempre a perguntar por ti.

O Ricardo mandate deser que esta muito contente de tu em todas as cartas que tu escreves de falar sempre d'elle, mas que ainda era o mesmo que era dantes, que lembra ainda dos quartilhos de vinho que vovias mais elle na Villa. Que tu não se [sic] esquecesses d'elle, [que e/e] se lembra de ti todos os dias.

E um abraço do Avelino e recomendações do Manuel do Carrapato. E tu recebe um saudoso abraço de cada um dos nossos filhos e de mim recebe um saudoso abraço, desta tua mulher muito amiga.

Belmira de Pinho

**Carta n.º 17 | 28-08-1916 | António da Conceição**

Mansores, 28 de Agosto de 1916

Meu bom filho e imprimeiro de tudo dezeijo esta carta te va encontrar de perfeita saude, que eu e toda a nossa familia e tua mulher e filhos ficamos bons grasas a Deus.

Dumingos te parteço que aqui resevi a tua carta no dia 26 do mes de Agosto, sabado da festa. Ora, debes imaginar a alegria que nos veio dar por ao menos saber notisias tuas porque mesmo [esteu ançiozo] nesta todos se lembro das familias e eu principalmente por me lembrar que estas em uma terra tão lonjinha, mas para o anno que bem se Deus quizer já ca ades estar em nossa companhia para fazermos uma festa mais alegre do que a deste anno.

Dumingos, pedes-me para eu te olhar pelas coizas, pois escozado é estares-te [a] afelijir com isso, pois o serviso todo se tem feito e todo tem corrido muito bem. Novidades daqui tambem há poucas, só te conto que aqui forão as espeçoes do[s] rapazes de 20 annos e te conto que ficarão todos aporados e o Antonio da Serra da Vila tirou n.º 1 infantaria.

Com isto nada mais teinho a contar. Resebe muitas lembranças de teus irmaos e irmaes principalmente do Carelos e recados dos teus conhadados e do teu conhado [da] Villa e dos tios e tias e recebe um abraso da tua mae e tu recebe um saudoso abraso e a bênção de este que sou teu Pae.

Antonio da Conceição

Peso que me mandes dizer se fostes entregue de uma carta que te mandei e recomendo que me escrevas o mais breve que possas porque sempre gostava de saber o teu passado.

Adeu[s], ate a vista.

**Carta n.º 18 | 01-09-1916 | Verónica Gomes da Conceição**

Sr. Domingos,

Saude e graça de Deus é quanto eu do coração lhe dezejo, assim como aos seus companheiros, eu e toda a minha familia e sua mulher e seus filhinhos, bai tudo bem graças a Deus.

Sr. Domingos, ca resevi a sua estimada carta [e] bi quanto me dizia. Muito estimei saber de ci. Fiquemos com muita satisfação por mandar dizer que ate a data não ter habido novidade alguma. Deus queira que nunca haja novidade. I que em breves dias voltem a nossa velha Patria, pois e o que nós todos esperamos. Temos muita fé em Deus nosso Sr. que habemos ser obtidas, pois creiame que nunca nos podemos esquecer dos seus pedidos que nos tem feito, cada vez com mais ferbor pedimos a Deus que os portejão no meio de todas as coizas que lhes for necessarias en seu aosilio.

Aseite muitos cumprimentos do meu marido e do meu filho da Leira e de todos os meus filhos e filhas e toda a minha familia. I tambem lhe recomenda muito a Roza do Bouça e o seu compadre e toda a familia dele. Pesso o favor de me recomendar a todos os seu[s] colegas e a meu sobrinho Antonio do Sr. Ricardo muito deseção saber dele e de todos. Tremino [e] estou [ao] seu dispor.

Aseitem mil saudades desta que é intima sua Amiga,

Varonica Gomes da Conceição

1 setembro 1916

Mançores

**Carta n.º 19 | 28-09-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 28-9-1916

Domingos,

Muito estimo que ao receber d'esta te vá encontrar de perfeita saude, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos e os nossos parentes estamos todos de perfeita saude, graças a Deus.

Domingos, ca recebi a tua carta e eu e toda a nossa familia fiquemos muito contentes por tu teres saude e ao mesmo tempo mandares dezeres que para o Natal que tencionavas haver embora maiz os teus camaradas. Pois deixa-llo que isso assim fosse que eu ja tenho pedido a Deus nas minhas orações para tu não teres por ahi prigo nenhum, que o povo do lugar ficou todo muito contente em houvir deser que tu que vinhaz embora, pois tu já ca tens sido muito desejado por todos, maz por mim ainda muito mais.

Com isto não te enfado maiz. Aseita muitas recomendações de todoz os nossos cunhadoz e cunhadaz e dos Portugal aseita outro abraço do Antonio do Portugal e de todos a rapaziada de cá e [de] todos [os] do lugar.

E recebe um veijo e um abraço de cada um dos nossos filhos. De mim recebe um saudoso abraço desta tu[a] espoza (?)

Belmira de Pinho

**Carta n.º 20 | 26-10-1916 | António da Conceição**

Mansores, 26-10-1916

Domingos,

Em primeiro de todo desejo que esta carta te va encontrar de uma prefeita saude, que eu e tua mae e toda a familia ficamos bons grasas a Deus.

Domingos, participo-te que aqui resebi uma carta tua no dia 23 deste mes de Outubro, a cual tudo vi o que me mandabas dizer, pois dizeme que estavas bem, pois e o que eu mais desejo já que és obrigado a andar por esas terras nossas desconhecidas mas debes de ter sempre coraije e esperansa de voltares [a] abrasar a familia que sempre te espera.

Mandaste-me dizer que ainda só receberas uma carta nossa, pois nós temoste escripto ja uma proção dellas, não sei se ellas ahi não bão ter. Escozado é tu te afelejires cá com a familia, pois tua mulher e filhos estão boões, os piquenos de cada ves mais feros e grandes.

Novidades daqui só te conto que morreu a mulher do Regedor das Agradas e cá esta tudo muito caro aquaze não se pode viver. O milho não se compra abaixo de 1.000 e dai muito para sima.

Com isto resebe lembransas do Carrelos e da Maria e da Diulinda e do teu cunhado Fausto e recebe um abraso de tua mãe e outro deste teu Pae Antonio da Conceição e a bênção que a vida te desejo.

**Carta n.º 21 | 04-11-1916 | Verónica Gomes da Conceição**

4 9bro 1916

Sr. Domingos,

Saude e gosto da sua bida e quanto eu do coração lhe dezejo, assim como toda [a] minha familia. Pois eu e todos os meus e sua Esposa e seus filhinhos, está tudo bem, graças a Deus.

Ca resevi a sua cartinha, muito estimei saver de ci como savem todos gostãõ de saver noticias dessa grande terra.

Sr. Domingos, eu e todos os nossos teinho muita fé em Deus nosso Sr. que hamdem voltar a esta nossa terra. Pedimos todos para que nossa Sra. do Rozario os portejãõ a todos em giral, principalmente os da nossa terra. Deus queira estejam todos em çosego como dizem na sua carta i todo o nosso gosto era que besem depreça embora.

Com isto resseva um saudozo abraço do meu filho da Leira e tambem lhe recomenda muito o meu marido e os meus filhos e filhas todas. Resseva muitas saudades do seu conhado do Bouça e da Roza que muito dezejãõ a sua binda. Deus queira que seja breve, que tanta falta aqui fazem a toda a gente. Tambem lhe peço se vir o meu sobrinho Antonio e a todos os nossos conhecidos teinha muita fé em Deus e não se aflija com nada daqui; como ja disem bai todo muito bem.

Aseitem muitos cumprimentos meus e do Abel do Bouça e da Palmira e da Conceição e de todos e tambem de toda a sua familia.

Estou ao seu dispor para o que lhe for preciso. Sou sua amiga, Varonica Gomes da Conceição  
Mançores

#### **Carta n.º 22 | 17-11-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 17-11-1916

Dumingos,

Muito estimo que tu ao receber d'esta te vá encontrar de perfeita saude, que é o que eu mais desejo e toda a nossa familia. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saude, e toda a nossa familia tambem estão todos de saude, graças a Deus.

Dumingos, ca recebi uma carta tua que foi escrita no dia 18 de setembro que e a bi tudo o que me mandastes dezer. Pois eu fiquei muito contente por tu me mandares dezer que tens tido saude, pois é esse o meu maior desejo. Só o que eu fiquei mais triste foi em tu me mandares dezer que andas um pouco cançado, mas eu tenho pedido a Nossa Sra. do Rozario para ella te dar força para tu ca tornares, pois eu estou haver a quando tu chegas ca, porque eu houvi deser que ja vieram alguns e por isso ja era tempo para tu tambem vires embora.

Com respeito as novidades de cá, som como até aqui. E com isto não te estou a maçar mais. Aseita um saudoso abraço do Antonio do Portugal e da familia e tambem do nosso compadre do Bouça e da familia e do Abel e de todos os nossos cunhados todos e de teu pae e da tua mãe (?) e tambem recomendações do Manuel do Avelino e da Guida e de todos do lugar, que estão sempre a perguntar por ti.

Recebe um abraço e beijo de cada um dos nossos filhos todos. De mim recebe um saudoso abraço d'esta tua esposa Belmira de Pinho.

#### **Carta n.º 23 | 20-11-1916 | António da Conceição**

Mansores, 20 de Novembro 1916

Dumingos,

Em primeiro logar todo o meu maior dezeijo e [que] esta carta te vá encontrar de perfeita saude em compainha de todos os rapazes desta terra, que eu e tua mãe e toda a nossa familia ficamos bons, grasas a Deus.

Domingos, participo-te que aqui resebi a tua carta, a cual fiquei muito satisfeito por saber noticias tuas porque sempre gosto saber notisias de meus filhos.

Novidades desta terra são poucas, só te conto que aqui vae o tempo muito de inverno e tambem está tudo muito caro prncipalmente o milho, aquaze não se pode viver. O mais vai tudo como antigamente. Tua mulher e filhos ficão boos. Como sabes, estamos prestes a xigar ao Natal, pois muito desejava que tu cá estivesses junto connosco, mas já que se dá o caso de não poder ser posso botar ao ceu para tu ter saude e muito brebe nos veinhas vezitar que ançiozos te esperamos.

Passa recados aus rapazes que ahi estão desta terra e au Antonio do tio Ricardo se elle estiver na tua companhia e tu recebe muitas lembransas do Carelos e da Maria e da Diulinda e tambem se recomenda contigo teu cunhado Fausto, que a vida te deseija que é escrevente desta carta e recebe um abraso de tua mãe que a venção de remeto um saudoso abraso deste que sou teu Pai.

Antonio da Conceição

#### **Carta n.º 24 | 20-11-1916 | Verónica Gomes da Conceição**

Mancores 20 9bro 1916

Sr. Domingos,

Muito estimo que esteja de prompta saude. Eu e toda a minha familia estamos bõns, assim como sua mulher e seus filhinhos e seu pai e sua mãe estamos todos de saude, graças a Deus.

Sr. Domingos cá ressevi a sua carta, vi todo quanto me dizia. Muito sentimos de não nos mandar dizer nesta ultima carta que vinhão embora. Sr. Domingos, teinha sempe muita fé em Deus, como sabe a terra é para os homens e com serteza já deus lhe treminou esses trabalhos, por isso teinha coraijem e sempre com fé viva em Deus, que nós todos pedimos nas nossas orações a Deus que os proteja no meio das dificoldades que os apoquentão, pois temos fé em deus de em breve belo aqui nesta terra.

Não pencem aqui nesta terra, que sua mulher e seus meninos bai tudo muito bem sem mais pequena novidade. Fasa favor de dar um abraço ao meu sobrinho Antonio. O Pai e a Mãe e irmãos estão todos de saude.

Aseite um abraço do meu filho da leira e outro do meu marido e tambem dos meus filhos e filhas todos e resseva tambem um abraço do seu conhado do bouça e d[a] irmão Rosa e do Abel e da Conceição e da palmira e de toda a familia e de todos tem saudades de ci.

Resseva um abraço do seu pai e mãe e dos seus irmãos todos.

De mim resseva mil saudades desta que está as suas ordens.

Varonica Gomes da Conceição

Adeus

#### **Carta n.º 25 | 19-12-1916 | António da Conceição**

Mansõres 19 de Dezembro de 1916

Domingos,

Ontem recebi tuas [cartas] com datas de setembro e [o] maior praser que tive foi saber que estavas de saude, assim como os teus am[ig]os, pois nos até a data ficamos todos de saude e

tua mulher e filhos. Dises nas tuas cartas que vinhas a conçada, mas não para a deste ano. Seria uma sorte para ti e para nos se cá estivesses para [a] Paschua.

Com respeito as inspeções, ainda não foram, não voltas a escreverme. Pesso [que] me digas como está teu primo Ant[óni]o, pois ele não escreveu desta vez.

Com isto pesso [que] me recomendes a todos os teus am[igos]. E noz, recebe muitas saudades assim como de tua mulher e filhos e de teus irmãos e irmãs e tios e tias e da Sra. Baronica [e] filhos e daqui um abraço.

Teu pai e amigo

Antonio da Conceição

#### **Carta n.º 26 | 21-12-1916 | António Gomes Moreira**

21-12-1916

Amigo Correia, o que eu estimo é que esta minha carta o va encontrar de uma perfeita saude e todos os nosos amigos e companheiros, que eu bou indo, grasas a Deus. Nos viemos por Mosambique e onde estava o Alfredo e mais o Juze e tambem embarcaram no mesmo navio e tambem fomos para beira e chiguemos a llourenso marques no dia 16 e estivemos no meiu do mar e tivemos outra janta no bapor aonde saieu o almeida para aspital i mais para as ilhas, pouco ca ficou, mas eu i o Alfredo e u Joze estamos llibres encoanto não for outra Janta e talvez vamos para a matropa se Deus quesar.

E bose fara muitas recomendações a todos os nossos camaradas e aus do 140. E fara o que eu lhe pedi, que eu farei o mesmo, so se não poder.

Entim[ad]o e amigo Antonio Gomes Moreira.

#### **Carta n.º 27 | 21-12-1916 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores, 21 de Dezembro de 1916

Domingos, dezeijo que esteija no goosso de uma perfeita i felis saude que a noça au fazer de esta e boua grassas [a] Deus.

Domingos ca recebemos uma carta que foi escripta 25 de setembro a coal fiquemos muito sastifeitos por çaber nuticias suas e por saber que estava de saude e anciozo para bir ajodar a buber o vinho e nos ainda mais para bir ajodar a buber no dia [de] Reis e para ajodar a festa como dos mais anos porque faltando ca boçe e todos mais que ai stan até parece que anda meio mundo morto despois que foi êça espidição; ficou ca tudo muito triste, mas Deus queira que binnhão depreça para ber se torna o tempo que era dantes, de nos tornarmos outra bes ambos dois porque esta a fazer muita falta.

E com isto termino e aceite muita recomendação [da] noza familia e muitos beijos dus seus filhos e um saudoso abraço da Belmira e recomendação do Ricardo e da mulher e um abraço da Margarida e outro do Abelino e um abraço ao tabas da gida e du irman e descope por ir mal com isto nada mais sou, quem çabe.

Abelino de Pinho

#### **Carta n.º 28 | 22-01-1917 | António da Conceição**

Mansores, 22 de Janeiro de 1917

Domingos,

Partesipo-te que toda a nossa familia e eu ficamos bons, assim como dezeijo que tu esteijas e todos os teus comanheiros.

Domingos, teinho-te a dizer que aqui resebi uma carta que muito satisfeito fequi por saber notisias tuas porque sempre gosto saber de tua saude.

Tambem te conto que cá foi a festa do Martir S. Sebastião, pois foi na forma do costume, só tive pena de tu cá não istares, mas ade ser para o ano que vem e o nosso Carelos. Novidades daqui só te conto que se vão cazar o Costodio do cantoneiro com uma filha do Manoel do Araujo da Ribeira, e tambem te conto que o teu primo Antonio da Vila tirou uma filha do Salvador das agras, uma chamada Julia porque os Paes de ella não quirião que e ella caza-se com elle. Com isto não tenho mais que te contar. Resebe lembransas do Carelos e tuas irmãs e de teu cunhado Fausto. Resebe um abraso de tua mãe e um saudoso abraso deste que sou teu Pae.

Antonio da Conceição

Lembransas de teus irmãos, do Ricardo e do José e da mulher e muitos beijos dos filhos dele e tambem do teu afillhado. Recordações de tua mulher e beijinhos dos teus meninos, que estão todos bons.

**Carta n.º 29 | 22-01-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

22-1-1917

Sr. Domingos,

O que eu mais estimo é que ao ressever esta carta esteja de perfeita saude assim como todos os seus colegas, pois eu e toda a minha familia e sua estamos todos de saude, graças a Deus.

Sr. Domingos, ca ressevi a sua carta que muito estimei saver de ci. Fiquei muito contente de me dizer que estavam todos de saude, pois e todo o nosso gosto era belo aqui, mas temos fe em Deus de os aqui ver o mais breve unidos a suas familias. Mandou-me dizer que muito me agradecia eu estar pronta para o que a sua mulher precisar, pois creia que eu sou sempre a mesma para o que me ocopar. Pesso sempre nas minhas orações a Deus para os proteger em todo. O [que] nós queríamos era que quando esta ahi chegassem que já tivessem bindo embora.

Aseitem muitos cumprimentos do meu marido, dos meus filhos e filhas todos e hum abraço do meu filho da leira. Resseva um abraço da sua Mulher e beijinhos dos seus filhinhos que estão muito lindos.

Também lhe recomenda muito o seu conhado do Bouça e Roza e toda a familia delle, todos esperam a sua binda em breves dias...

**Carta n.º 30 | 23-01-1917 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores, 23-1-1917

Domingos,

Muito estimo que au receber estas duas linhas mal notadas que o ba encontrar no gozo de uma perfeita e felis saude que nos e toda a familia ficamos bõns, graças a Deus.

Domingos, participo que ca areçebemos uma carta que tinha a data 30 10 1916 e recebemos outra a coal foi escripta 22 . 11 e ca bimos todo coanto mandou dizer e fiquemos muito

satisfeitos por saber que estava de saúde. A respeito aos milhos do ano passado foram muito bom e o milho do campo do Alfes rendeu 12, e ainda morreu algum, mas o outro foi bom. Agora tenho a dizer-lhe que ca tenhe uma prima a mais; o seu primo Antonio tirou uma filha do Antonio do Salvador e a Margarida ainda não se casou porque esta a espera de tu hies ao casamento e a respeito o abraço da Palmira ou da coanda bier ou eu dou-lhe eu porque mesmo pertenceme a mim.

Domingos, tenho [a] dizer que o sapateiro bio ca e curtiu uma cambra dar (?) e te allí não a deixava ganhar ferruge e agora esta a nicalo; tem saído e tem ce enchido de farroje; eu tem a limpado, mas não tem balido nada e com isto não enfado mais. Receba um caudôço abraço da sua esposa, de seus filhos e do Ricardo, da mulher do conhado do bouça e da familia e ca foi nomiado para a festa do martele para o anno.

Aceite um abraço meu.

Abelino de Pinho

### **Carta n.º 31 | 25-01-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

25-1-1917

Sr. Domingos,

Muito estimo que ao ressever esta carta que esteja de perfeita saúde, é quanto eu do coração lhe dezejo. Cá ressevi a sua carta, vi quanto me dizia. Manda-me dizer que já ressevera duas cartas de sua familia sem ressever carta minha. Pois eu a todas lhe tinha respondido, não sei qual é o motivo de não ser entregue. Eu faço muito gosto de ressever as suas cartas e continuarei sempre a escreverlhe.

Sr. Domingos, foi ca no dia 20 de janeiro a festa do mártir s. sebastião e também o nomiarão para mordomo, pois todo o nosso gosto era belo aqui, mas temos fe em nosso Snr, que hadem ser breve a sua binda para gozar o seio de suas familias e todas as pessoas da sua amizade.

Snr Domingos, as novidades daqui que lhe vou dispor anda a freguesia toda em barulho devido ao Padre do Coelho, veio a missa, mas o povo lebantouse todo e veio para fora da Igreja, ficou tudo sem miça. Agora estamos a ver que se fecha a Igreja. Numa palavra, é uma calamidade. Deus nos acuda com a sua divina graça, não sei o que seria de nós. Nunca pensei de se dar este cazo na nossa terra, Deus se compadessa de nós todos. I melhorem os maus tempos que nos bão atravessando.

Aseite muitos cumprimentos do meu marido e dos meus filhos todos. Resseva um abraço do meu filho da leira e de toda a minha familia. Resseva muitos da sua mulher e muitos beijinhos dos seus filhinhos e também dos seus bons pais e irmãs todos. E também lhe recomenda muito o seu conhado do bouça e toda a familia dele. O gosto de todos era que viessem depreça embora, que fazem aqui falta.

Sr. Domingos, se vir o meu sobrinho Antonio fará favor de lhe dar muitos cumprimentos. Eu também oje lhe escrevi.

Com isto nao o estou a massar mais. Aseite muitas saudades desta que está ao seu dispor.

Varonica Gomes da Conceição

A Deus até [à] vista.

### **Carta n.º 32 | 25-01-1917 | António Gomes Moreira**

Lisboa, 14-2-1917

Meu caro amigo, em primeiro de tudo muito estimo que au resseber estas u va emcontrar de umma perfeita saude na companhia de todos seus companheiros i tenho lhe a dizer que tivemos umma viagem muito bôa, mas levounos acoaze dois meses porque o vapor parava em todos [os] portos i demorava muitos dias. Agora tenho lhe a diser que tive moita pena de voses to[r]nar para tras [a]gora que vou [em] companhia do Jose de Almeida i o antonio do sobrado i o Manuel da antonia ficou em lourenssso marques.

Agora tudo o que me pediu lhe fasso com emmensso gosto da mesma parte dezigava que me fizesse a mesma cousa agora eu fasso muito gosto que vosses que venho breve no mossambique, que lhe ssege pará i com tropas i segue no dia 15 do 2.

Agora com isto não estou a masar mais. Pesso que fasa rreco[men]dacoes a toda a rrapasiada da nosa terra i com esto rreseba rrecomendações do Jose i de mim e do Antonio do Sobrado.

Sou este seu amigo Antonio Gomes Moreira i Jose de Almeida.

a deus ate um dia que espero de ser muito breve.

### **Carta n.º 33 | 05-03-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 5 de Março de 1917

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saude, que e esse o meu maior desejo, pois [eu] e os nossos filhos estamos todos de perfeita saude e toda a nossa familia estão todos de saude.

Domingos, ca recebi duas cartas tuas no dia 1 do corrente mez e ca vi tudo o que me mandastes deser. Com respeito [a] agua da Barrosa, esta na mesma forma como tu a deixastes, que ninguém a botou para o rego. Com respeito as batatas, por ora ainda as não semiei. Com respeito os oquilitos que tu mandaste semiar, o teu irmão semious todos na terra dele e não semiou nenhuns na nossa terra, mas tambem eles não nasceram nem um.

Domingos, cá recebi o que tu mandaste pelo o Antonio do Alvite e pelo do Sobrado, uma carta. Com respeito as cartas da Sra. Veronica, ela tem respondido ás cartas todas que tens escrevido. Com respeito as novidades de cá, são na mesma, cada ves pior. Já foram de ca bastantes rapazes para a frança.

Com isto não te estou a maçar mais. Aceita muitas recomendações de toda a nossa familia e tambem dos teus paiz e dos teus irmãos todos e dos nossos cunhados e dos filhos do compadre do Canastreiro da [?] de todos do lugar. Receberas um abraço do Antonio do Portugal e outro do Augusto [e] de toda a familia deles e tambem recebe um abraço e um beijo de cada um dos nossos filhos, e de mim recebe um saudoso abraço desta tua esposa muito amiga.

Belmira de Pinho

### **Carta n.º 34 | 06-03-1917 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores, 6 de Março 1917

Amigo Domingos,

Estimo que ao receber de estas duas linhas mal notadas que o ba encontrar gozando uma prefeita e felis çaude que a nossa ao fasser desta e bôa, graças [a] Deus.

Amigo Domingos, tenho a disser com respeito a pôda já esta a quais toda feita, já fiz a do campo da preza e a do campo do Alfes e da insoa, falta ço da Barroza de çima e mais a outra esta pronta e com respeito as batatas, não se pode semiar no Mouchão porque la tenho qouve naviça, tem de se cimiar todas no campo da preza. Domingo, eu bôu bobendo algum binho, mas ainda eide deixar algum para coando bossê bier a panhar uma bebedeira que eu passaba os Domingos e dia çantos a legres, mas ainda a passaria muito mais [σ]legres se eistibeçe-mos todos juntos, mas não estamos todos, não é a culpa nem sua nem minha, mas deicha-la que em pouco tempo nos nos bejamos todos jontos.

Agora com esta não enfado a mais receba muitas recomendaças do Ricardo e da mulher e do cunhado do Pinho e da familia da Margarida e toda a familia e ca fui entregue do que me mandou e muita obrigado. E com esta não enfado mais.

Reçeba um caudoso abraço deste seu conhado, Avelino da Rocha Pinho.

### **Carta n.º 35 | 28-03-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores a 28 de 1917 Março

Domingos,

Ca resebi a toa carta, o coal fiquei muito satisfeita, mas agora eu soube que to estabas doente em Lourenço marques o cal fiquei muito triste, não sei se e verdade se não, e tamem fiquei muito triste, pois ber chegar algons que forom a mas to a bir e to ficares, ficaria mas satisfeita se to bieses, mas já que não biestes çiquer o menos que tenhas bôa sorte por ai.

E com respeito de este anno, eu mandei plantalos, encher as cobas dos qe tinham secado, pelantei-os no monte do mouro e na barrossa de cima e tambem no castêlo e os quelipes do anno passado com bento muito emtortaram, eu já os mandei e os emdireitar, mas como çaves êlles sóm muito altos e chão e muito mole, custo-se a endireitar e a Agua da varroza de sima na seca foi para o rego nem nunca ningueim lhe tocou, tem andado sempre no lameiro.

Agora, muitas recomendações de toda a nossa familia e hum abraço da Micas e outro do Carolos e outro da Adelaide e muita recomendação dos teus conhados e um abraço do Abelino e do Margarido Manoel e recebe um çaudosso abraço desta toa espoza Belmira.

### **Carta n.º 36 | 30-03-1917 | António da Conceição**

30-3-1917

Meu querido filho, nos cá ficamos de saude. Mandaste dizer que eu que te não escrevo, pois eu tenho-te escrevido de todas as vezes que recebo carta. Mandaste dizer para o Carlos te ajudar a semear as batatas, mas ela queria semiar na lua nova, mas nos disse-mos que não; então ela marcou para o dia da podada do Sr. Viscon[de] e ele como sabes teve de la ir, não ajudou a semear e ela regula-se pela Margarida, o Carlos queria que ela as semea-se antes ou depois [da] podada, e ela não quis.

[?] muitas vegitas de todos.

Recebe vegitas da Belmira, um abraço de cada menino, vegitas da Diolinda do Fausto, do Jose e da mulher, do Ricardo e da mulher, que ela anda muito doente, vegitas da Maria e do Carlos e um beijo do teu afilhado.

Nos cá pedimos a Deus que tu venhas e tu não te esqueças de [?] Deus. Recebe vegitas de teus tios e tias e do Alberto do Portugal e dos filhos todos do António do Portugal.

[?]vamos por te ti no [António da Conceição]

**Carta n.º 37 | 12-04-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

12-4-1917

Sr. Domingos,

Saude e gosto da sua vida e graça de Deus é quanto eu do coração lhe dezejo, assim como toda a minha familia. Sr. Domingos, ca ressevi a sua cartinha, vi quanto me dizia, pois muito estimei de saver de çí.

Muito estimo que teinha uma feliz biajem que é o que todos dezejamos, teinha sempre muita fe em nosso Senhor, que ainda havemos [de] ter o gosto de satisfazer as promeças que todos dezejamos satisfazer. Deus traga vreve esse ditozo dia para que se reializem entre as familias esse bello prazer que todos dezeirão.

Sr. Domingos, a sua Mulher ja me pagou a venda do campo pello S. Miguel, mas eu não lho pedi, pois acarditem que ainda que me não pagacem 3 ou 4 anos não os apoquentava nem pençava nisso; ella fazem o campo muito bem. A sua Mulher e toda a sua familia tem saude [e] os seus filhinhos estão muito lindos, graças a Deus. Só o que ca esta é cada vez mais caros todos os jeneros, estamos numa época assim até quando Deus nosso Senhor quizer. Deus se compadeça de todos. Pesso desculpa de lhe não ter escrito logo que ressevi a sua carta, foi o motivo por eu estar um pouco incomodada, mas agora vou melhor, graças a Deus.

Aseitem muitos cumprimentos do meu marido e dos meus filhos e filhas todos de toda a minha e sua familia. Aseite um abraço do meu filho da leira, que todos dezejamos sua binda. Pesso o favor de me recomendar ao meu sobrinho Antonio do seu tio Ricardo e todos os seus companheiros. De mim resseva mil saudades, desta que é sua amiga que lhe dezeijo melhor flecidade.

Varonica Gomes da Conceição

**Carta n.º 38 | 28-04-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores 28 4 de 1917

Domingos,

Estimo que au receber de ésta carta que estejas de saude, que eu e os noços filhos estamos de saude e toda a noça familia, graças a Deus.

Domingos, tenho a dezer que ca morreo uma tua subrinha, filha do cconhado do Pinho, a mais nobinha no dia 25 de Abrile.

Domingos, ja ca chegaram 3 dos que fôrom juntos comtigo e ca resebi por o Antonio do Albite 1.0000 e por o do Sobrado uma carta e eu ja para ai mandei dizer e as Batatas desque foram çamiadas não tornou a chober e elas estoum a naçer muito bem e com aus quelipes no Castelo, o bento la entortou algons au pe dos lameiros como som delgados e muito compridos, mas foi la o teu irmão Carolos, e o Abelino e agora com isto nada mais. Recomendações do Conhado do Bouça e da Roza e ela esta morta que tu benhas para a acabar as cassas que ainda eson a tua espera.

Bijitas do Ricardo e da molher e do Antonio do Bouça e do melo belho e recomendações do teu Pai e da tua Maim e recomendações da guida e do Manoel e da Jezinha e do homem e um abraço do Abelino. Reçebe um saudôso abraço desta tua espôza.

Belmira de Pinho

**Carta n.º 39 | 04-05-1917 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores 4 de maio de 1917

Amigo Domingos,

Saude e felecidade e coanto eu lhe dezeijo, que eu e todos nos estamos de saude perfeita e felis, graças a Deus.

Amigo Domingos, participote que ca recevi uma carta que foi escripta no dia 25 de Fevereiro, a qual muito satisfeito que eu tinha julgado que ela não fosse ca ter.

Agora tenho a contar que daqui tenhe ido muitos rapazes para a França e já ca e constado que la tenha avido combates e que já morrêro algos, mas prora não se çabe se é berdade, se não. E das Espeçõis fôro dos de 35 Annos para baixo tivero de ser todos espeçonados e ficaro todos apurados, só libraro 4, librou o moço Manuel e o Joaquim do Portugal e o Domingos do loiro e o João da Lozia e os outros ficaro todos aporados, alguns ficaro aporados condeçionalmente e outros da fenativamente.

Agora tenho a dizer que as novides daqui que andamos ca com a laboura como boçe save som muitas quitas, da muito trabalho, mas sempre se ade fazer e com isto nada mais. Recomendação do Ricardo e da mulher e dos filhos, que já som 4 rapazes, e com isto nada mais. Receba um saudosso abraço deste seu conhado Abelino de Pinho.

#### **Carta n.º 40 | 04-05-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores 4 5 1917

Domingos,

Saude e feleçidade e coanto eu te dezeijo, que eu e toda a noça familia estamos estamos [sic] de prefeita e felis saude, graças a Deus

Domingos, participote que ca resevi 3 cartas toas o coal fiquei muito satisfeita e vi quan[ta] me mandaste dizer e fiquei muito satisfeita, mas não fiquei satisfeita por me mandar dizer que não tinhas recebido ja 4 meses nenhuma carta, mas eu tenho as mandado sempre e tenho mandado escrever e tenho mandado responder au que me tens pregontado e os noços filhos e eu e toda a noça familia andamos de saude, mas tu já estiveste doente [e] noca me mandaste dizer.

E e com respeito a Agoa da Barroza a nuca ninguém lhe tocou e do caminho e do campo tambem nau tem ca passado; éla fes um caminho por baicho chegado au nosso combro e fes umas cadias e passou o estrume a cabeça e com respeito au noço serviço, eu tenho feito amas os meus irmães e u mato tenho chamado o Antonio do paiba e o Antonio do alfaiate e o Ricardo e os meus irmães. Aida ónte fis uma rasada e com isto nada mais.

Recebe um saudosso abraço.

Belmira Correia de Pinho

#### **Carta n.º 41 | 04-05-1917 | Maria, Carlos e Adelaide (filhos)**

Mansores 4 5 1917

Meu crido pai, saude e felicidade e o que nos lhe degijamos, meu pai, que nos ca ficamos bons jonto de noça mai e dos nocos tios e tias, ficamos bons e espertos felizmente, graças [a] Deus.

Meu crido pai, nos ca passemos a pasqua muito tristes por todos ter por quem chamar e nos, meu pai, não temos pai para nos chamar e para nos fazer carinho, mas tibemos esta enfelis corte do noço pai fugir e nos ficar tam pequeninos, mas a culpa não e sua, mas deicha la que Deus o traga para a bista dos nocos holhos e que seja brebe.

E com esto não o emfadamos mais. Reseba um abraço de cada um de nos, Micas e outro do Carelos e outro da Adelaide e Deus Deus.

Meu pai deme as soas bençoës, benção, e Deus Deus.

**Carta n.º 42 | 07-05-1917 | António da Conceição**

Mansores 7 de Maio de 1917

Domingos,

Em primeiro do que todo dezeitote uma sinsera saude em companhia de teus companheiros, que eu e tua mãe e toda a mais familia ficamos bons, grasas a Deus.

Domingos, parte-si-pote que aqui resebi duas cartas tuas as cuais te respondo, uma com data de 25-2 e outra com data 10-3, pois recebias todas duas no mesmo dia, pois fiquei muito satisfeito por saber notisias tuas, porque curiosos estamos por te ca te ver au nosso lado.

Mandastes perguntar se o Antonio de Alvite nos entregou uma encomenda, pois ca fomos entregues de dois pedaços de couro e uma groza e uma machina de forar, pois elle coando veio disse au Carrelos que trouxero uma encomenda para elle, mas nunca mais disse nada, mas depois que xigarãem as tuas cartas elle foi a caza dele por cauza de a gente saber o que era e então ele entregou isto que ja te disse.

Dizias-me na carta para eu dizer a tua mulher para não deixar andar os teus filhos na brincadeira, pois todo isso lhe disse e lhe fis saber como se deve educar as crianças, que é um dever que todos nos temos.

Tombem me pedes para se ajodar au trabalho, pois eu sempre teinho dito a tua mulher cuando seja pressizo que nos avize para se lá ir ajudar au trabalho, mas elles la se calão com o jogo e nunca nos dis nada, mas tambem a tua cunhada Margarida dis que não tem jeito para ajudar. Ou eles ou nos.

Com isto só te conto que cá se levantou a irmandade do sarado coração de Jesus, pois tem entrado muita jente para a irmandade e eu tambem sou zelador e tambem te ca meti para a mesma irmandade e tu faz botos ao sagrado coração de Jesus para vires abrasar a familia querida que sempre te espera.

Recebe lembranças do Carrelos e da Maria e da Diulinda e do Ricardo, que aqui esta nesta aucazião, e recebe um saudoso abraço da tua mae e outro deste que sou teu pai Antonio da Conceição.

Recebe lembransas da tua mulher e muitos beijos dos teus filhos. Um abraço sinsero e apertado do teu cunhado Fausto, que é o escrevente desta carta.

**Carta n.º 43 | 03-06-1917 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores 3/6/1917

Meu conhado e amigo, saude e felicidade é cuanto do coraço te dezeitote e que esta minha carta o ba encontrar de prefeita e felis saude, que a minha a fasser desta e boa graças [a] Deus.

Amigo conhado, tenho a dizer que os botos estavo para cer e adepois foram adiados e ate ôje nao foram, i a Jonta que estaba agora tenha milhorado alguns caminhos; bom fazer um caminho para passar das agras para o engenho da terça passar a preza da regada e fazer uma ponte la e tem oura justa ao rio da barroza e fizero uma calçada da Igreja para çima e fizero uma grande abenida derecha a capela, foi da quina da cassa do custodio da leira a quina do cimiterio.

Amigo Domingos ca soubemos no dia 27 que morrera o Jose do benardino, mas nao soubemos se foi em combate se foi por doença.

Domingos, recebemos uma carta no dia 3 junho que trazia a data 30 Março e recebemos 3 cartas no dia 2 de junho, uma escripta 8 i uma 10 e uma 30 Abrile.

Domingos, tenho a dizer que o Antonio da questina que ja foi para a França. E manda dizer a guida que as sereijas que ja pinto e a pipa noba ainda esta por esçertar para boçe bir encertar-se coando boçe bier e coando ella çe cazar e que se mete a torneira.

Com esta nada mais. Açeite um çaudosso abraço deste çeu amigo Abelino da Rocha Pinho

**Carta n.º 44 | 04-06-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores 4/6/1917

Domingos,

Saude e felicidade e coanto do coração te dezeijo, que eu e os noços meninos e toda a familia felizmente estamos bom, graças a Deus.

Domingos, eu ca tenho feito o trabalho e tenho feito como tu o fazias e ca o tenho feito eu e os meus irmaos, eu ajudo a eles e eles ajudome e temos feito cim. E com respeito au enxofre, êlle este ano 5.000 reis Aroba e não o a, eu comprei sulufate e o meu irmão Abelino sulufatou-as, as bideiras e as batatas porque elas estão muito boas em rama e se ellas foe naquele aumento e que não areje, pare-çe que ande ser milhores que o Anno paçado. Agora, com esto nada mais. Manda dizer o Antonio do Alfaiate que ainda não murrera, que ainda esta na Abitureira e que não se esqueçera, mas não çei çe é de ti, se era dos cigarros que to le dabas.

Recebe um abraço do conhado do Pinho e da familia. Recomendações do conhado do Bouça e da roza e da familia e do Ricardo, da mulher e 4 rapazes e recomendação au Tabas e tu de mim recebe um çaudosso abraço desta tua esposa Belmira de Pinho.

Entrega ao Tabas esta carta que ai vai.

**Carta n.º 45 | 04-06-1917 | António da Conceição**

Mansores 4-6-917

Dumingos,

Todo o meu dezeijo e que esta carta te va encontrar de perfeita saude, que eu e tua mãe e toda a mais familia ficamos bons, grasas a Deus.

Dumingos, parte-cipo-te que aqui recebi uma carta tua no dia 1 do mes de Jonho na coal tudo vi coanto me dizias e fiquei muito satisfeito por saber notiçias tuas. Nobidades daqui só te conto que os rapazes que vierão de ahi da África forão xamados estes dias, mas não sei o destino que eles levarão.

Pois, com respeito eu ajodar au teu trabalho, pois ella la faz como entende e nonca me diz nada, portanto é esse o motivo de eu não as ajodar, que eu estava pronto ajodar au serviso que fosse necessário. Tambem dizes na tua carta que tua mulher que aquaze te não escreve, pois ella tem escripto bastante amiodo, pois podes estar descansado que ella e teus filhos ficão bons.

Resebe lembransas do teu irmo Jose e do Ricardo e do Carelos e do teu conhado Fausto e da Diulinda e recados da Maria, e todos os vezinhos se recomendam contigo. Recebe um saudoso abraço da tua mãe e outro deste que sou teu pae.

Antonio da Conceição

Ousiozos te esperamos, estamos sempre a olhar para a porta a ver coando tu ca xegas fazernos uma vezita.

**Carta n.º 46 | 06-06-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

6 de junho 1917

Sr. Domingos,

Saude e graça de Deus e quanto eu do coração lhe dezejo, assim como para todos os seus colegas. Emquanto aqui estamos todos de saude, sua mulher e seus filhinhos estão muito lindos e seu pai e sua mãe e seus manos e conhados, está tudo bem, graças a Deus.

Sr. Domingos, ca ressevi a sua carta, vi quanto me dizia, fiquemos muito contentes por ter ressevido as minhas cartas, porque eu a todas lhe respondia e sentia muito ao ler as suas cartas e dizer-me que não era entregue das minhas cartas. Ca dei todos os cumprimentos que mandou a toda a sua familia, todos muito estimarão saber de si [e] dos seus companheiros. Ai, meu Deus, sentimos muito ja a falta de um, mas é rezignarem-se com a bontade de Deus, só elle é que nos podem baler, mas teinha muita fé em nosso Sr., que elle os adem proteger.

Sr. Domingos, ca dei os beijinhos aos seus filhinhos, ainda estiberão no Domingo ao pe de mim na Igreja, estão muito lindos, graças a Deus.

Pesso o favor de dar muitos cumprimentos ao meu sobrinho Antonio e ao Tabares e todos os seus colegas. Resseva muitas recomendações do meu marido e dos meus filhos todos, um abraço do meu filho da leira. Resseva um abraço dos seus bons pais e da sua Mulher e de toda a sua familia. Aseite muitas saudades do seu conhado do bouça e da Roza e da filha e um aperto de mão da tia Maria, enfim, todos dezejam belos aqui nesta nossa terra, temos fe em nosso senhor que adem acomtecer.

De mim resseva mil saudades desta que é intima sua Amiga.

Varonica Gomes da Conceição

**Carta n.º 47 | 04-07-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores 4 de Jolho de 1917

Domingos,

Estimo que esta minha carta, que te ba encontrar de perfeita e felis saude na companhia do tabas e de tôdos os outros, que eu e nossos filhos ficamos bons, felizmente, graças a Deus.

Domingos, ca recebi uma carta toa, o qual fiquei muito satisfeita por saver que estavas de saude, mas to mandas diser que a 5 meses que não tens recebido cartas minhas, mas eu tenho respondido a todas e já te mandei diser que tinha arrecevido a penção e a Baca parece uma toura, mas ela enmanqueceu e foi fraca e deu pouco e o Porco tambem não foi muito bom porque elle adoeceu e eu mateio antes poucos dias do costume e este Annno comprei uma porca e ela prora esta boa, mas antes comprei um pôrco e elle morreu.

Domingos, tenho a diser que os milhos estoum muito bons e poca puçunha e as batatas estoum boas enrrama, o linho a muito naçido, se êle escapar ade ser muito barato para tu coando bieres tumar uma burracheira.

[a]gora tenho a diser que ca morreu um filho da diulinda, o mas nobo. I a nuvidade que te conto é que o Antonio do paiba, o nobo, empenhou a Maria do Juliã e agora não a quer porque o pobo dis que tamem he do padre.

Com isto nada mais. Recomendações do conhado do pinho e da familia e do conhado do Bouça e da Roza e de toda a familia e do Ricardo e um abraço do Abelino e outro da Margarida e do Manoel e um beijo do Carolos e um da Maria e um da Adelaide e to recebe um çaudoso avração desta tua espoza Belmira Correia de Pinho. E muitos vigitos dos teus pais.

**Carta n.º 48 | 17-07-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores a 17 d'Jolho 1917

Domingos, muito estimo se esta minha carta te for encontrar gussando uma prefeita e felis saude na companhia do Tavas e de todos os outros, que eu e os nossos filhos e toda a familia ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, ca ressevi duas cartas tuas com a data de 10 e 29 de Maio, o coal vi todo coanto me mandabas dizer que eu que devia simiar as batatas no campo do Alfes, mas to não mandastes, to mandastes que as samia-se no campo da preza onde elas foram a 2 Annos; fis como to mandastes e como eu entendi e to cuando vieres faras como quiseses.

Com respeito a farramenta, eu tenhoa limpado [e] untado com gas e azeite, mas to sabes que ella não tinha uso, estom sempre a estragar-se. E agora com isto tremino.

Aseita muitas recomendações do compadre do Bouça e da familia e da Rosa e um abraço da filha e do compadre da engilina e da filha Alda. Recomendações dos teus Pais e dos teus irmãos e das tuas irmas.

Domingos, to mandas-me perguntar se eu recebera um obijito por o filho do Albite, eu recebi 1.000 reis e não resebi mais nada. Agora com isto nada mais. Aceita um abraço do a [sic] Albino e outro da guida e muitos beijos e abraços dos nossos filhos e recebe um çaudozo abraço desta tua espoza que te ama e estima ate a morte.

Belmira Correia de Pinho

**Carta n.º 49 | 22-07-1917 | António da Conceição**

Mansores 22 de Julho 1917

Meu querido filho, em primeiro de todo saude e felicidade é o que eu te mais desejo, que eu fico bom e tua mae e teus manos todos, grasas a Deus.

Domingo[s], recebi a tua carta e vi todo quanto me mandavas dizer. Com respeito as terras, pois a tua mulher la faz o trabalho todo sem nos dar a saber e como to sabes o Carlos sabe bem trabalhar nas terras, mas agora a tua cunhada não que[r] que ele la fassa nada a mais a Maria, nem a tua mulher gosta muito que eles la vão fazer nada, pois ja vez que eu não posso para la manda los depois delas não querer, mas sempre vejo como vai isto por aqui, podes estar descansado, que eu todo isso te fazo que se fosse do gosto da tua mulher eu mandava para la fazer o que fosse pressizo, mas visto ser assim faz dai como entenderes. Com isto findo. Recebe recomendações de todos para quem as mandastes e de teus irmãos e de teus paês recebe mil saudades e abraços [?] que suspiro por ti.

Antonio da Conceição

Tenho-te a dizer que morreu o menino do Fausto, o mais novo com o serampo.

**Carta n.º 50 | 01-08-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores 1 de Agosto de 1917

Domingos, muito estimo se esta minha carta te fôr encontrar de prefeita e felis saude, que a minha au fazer de esta e boa, graças a Deus.

Domingos, ca recebi uma carta tua, o coal fiquei moto satisfeita por saber da tua saude que estabas de saude. Au mesmo tempo fiquei muito triste por não receber as minhas cartas, mas se to as não arrecebes, a culpa não é minha, porque eu tenho te respondido a todas e tenhe ido a direção conforme tenho bissado, ate parece empoçible ellas ai chegar.

Domingos, eu tenho ido as tapadas a coais todos os 8 dias e tenho ulhado pelo trabalho como que to ca estibe-ses.

Agora, com isto mais nada. Muitas recomendações do conhado do Bouça e da Rosa e de toda a familia. Domingos, recebe da gida um abraço e outro do Manoel e outro do Abelino, saudades do Ricardo, bejitos dos do Portugal e recebe um saudoso abraço de esta tua espoza que te ama e estima a ate a morte. Belmira Correia de Pinho. E abrasos dos noços filhos.

### **Carta n.º 51 | 12-11-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

12-11-1917

Sr. Domingos,

Saude e graça de Deus é quanto eu do coração lhe dezejo, eu e minha familia e sua Mulher e seus filhinhos, bai tudo de saude, assim como seu bão pai e mãe e seus manos, bai tudo bem, graças a Deus para sempre.

Sr. Domingos, ca ressevi a sua estimada carta, nella vi tudo quanto me dizia, pois fiquei muito contente de me mandar dizer que por todo o mez de Agosto que embarcaba, pois nós estamos todos a espera da sua chegada, pois Deus queira que esteja na nossa companhia para a festa do Milagrozo Martir s. sebastião, que é como sabem no dia 20 de Janeiro. Deus nos de essem gosto, teinho fé em Deus nosso Sr., que hadem ser o que nós dezejaumos, Pois nunca se esqueça de nossa senhora que nos hadem sempre auciliar em tudo. Por emquanto sua Mulher e seus filhinhos bao tudo bem.

Resseva um Abraço da sua Mulher e dos seus filhos e de toda a sua familia e do seu conhado do bouça e da Roza e de toda a familia delle. Aseite um Abraço do meu marido, dos meus filhos e filhas todos e tambem do meu filho da leira e pesso o favor de me recomendar ao meu sobrinho Antonio e ao Tavares, estimei muito saber deles.

De mim Aseite mil saudades desta que está as suas ordens para o que lhe for preciso.

Sou sua intima amiga,

Varonica Gomes da Conceição

### **Carta n.º 52 | 20-11-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores a 20 11 de 1917

Domingos,

Em primeiro de todo, saude e felicidade [e] coanto do coração dezeijo que eu e os [noss]os filhos e toda a noss[a] familia estamos [?] de prefeita sau[de], graças a Deus.

Domingo[s], aqui recebi a tua carta, fico muito satisfeita [por] saber da tua saude [?]ei de que ê o era se tu ahi fosse entregue de todas as cartas que eu para ahi tenho mandado talvez tiveses muitas cartas minhas como tenho aqui cartas que me tens mandado. Agora tenho a dizer te que não te [es]teijas [a] aflijr com [a] farramenta, que eu [?] ulhar aqui por isso. Agora

aqui fica[m] as ubas guardadas [p]ara cuando tu vieres as cumer ambas. So não fiquei satisf[eita] cuando tu me disseste que não resebias com amiúde, pois eu ten[ho] respondido a todas as cartas que me tu tens mandado e sempre estou pronta a responder as tuas cartas que me mandares de hoje para o futuro, porque a mim nunca esqueça de te resp[on]der as tuas cartas. Agora, se ellas ahi não bom ter, em [?].

Domingos, as novidades daqui são estas: foram os botos da Cambra muito [g]ariados e os da junta inda foram mais. Tem sido paraqui uma [p]andiga com os enfluentes. [E co]m este tremino.

Aseita muitas recomendações minhas e de toda a nossa familia. Aseita mais um abraço desta tua grida muito amada Belmira da Rocha Pinho. Meu tiu não se admire por esta carta ser diferente na letra [porque] ella foi prisipiada pello Albino [e] tramina[da] por este seu subrinho que lhe manda um apertado [?] Abel [?]

Bigitos dos teus pais, e a tua Manhe manda dizer que te não tem escrebido porque não tenhe recebido cartas tuas e bigitos dos teus irmas [e] irmaus e um beijo de cada filho das [?]

### **Carta n.º 53 | 26-11-1917 | António da Conceição**

Mansores 26 de Novembro 1917

Domingos,

Em primeiro logar estimo que esta minha carta te va encontrar de perfeita saude, que eu e tua mãe e toda [a] familia ficamos bons, grasas a Deus.

Domingos, parte-cipo-te que aqui resebi uma carta tua com data de 17 de Agosto á qual te respondo e tudo vi o que me dizias, pois como já á bastante tempo não tinha recebido carta tua estava pensando que tu estavas prestes a xigar á tua Patria querida e abrasar a tua familia que onçozos te esperão, mas já que tens essa sorte posso botar ao çeu para au menos ter saude, que sempre ade chigar o dia de tu ca vires vezitar a familia e amigos que sempre proguntão por ti. Com isto só te digo que tua mulher e teus filhos ficão de saude e mais com respeito ao teu serviso, ellas ca faz como já te amandei dizer e o Carrelos tambem lá tem ido ajodar au serviso cuando a tua mulher nos diz para isso. Com isto nada mais novidades; e tudo velho. Resebe lembransas do Carrelos e do José e egualmengte da Maria e da Diulinda e sudozo aperto de mão do teu cunhado Fausto e recebe um abraso de tua mãe e um saudoso abraso deste teu Pãe.

Antonio da Conceição

A tua carta cá chigou no dia 23 de Novembro.

Resebe lembransas de tua mulher e muitos beijos dos teus filhos e um abraso do teu afilhado.

### **Carta n.º 54 | 02-12-1917 | Margarida Correia de Lima**

Mansores 2-12-1917

Domingos,

Todo o meu dezeijo e questa carta te vá encontrar de perfeita saude em companhia de teu primo Antonio, que nós todos ficamos bons, grasas a Deus.

Domingos, tenho-te a dizer que que [sic] aqui resebi uma carta tua o qual fiquei muito satisfeita por tu me escreveres e saber novidades tuas, pois tu disias-me que sunharas que estavaas aqui a xigar, pois cuantas vezes teinho eu sunhado que tu cá tens chigado, pois tem

sido sempre engano, mas ade vir um dia que ade ser serto se Deus quiser, porque tambem ade chigar a tua ves.

Teinho-te a dizer que ca chigou o Tavares e o filho do José da Antonia e o da Manca, e o Tavares cá trouxe uma carta tua e elle entregou a carta lá em caza da tua gente do lixandre e com certeza lá a lero, porque a Margarida vionos trazer a carta e ficou muito zangada, ella parese que até bofava e pintou o diabo pelo logar abaixo e ella disse que te não estivese a mandar piadas, pois não teinho mandado dizer senão verdades, mas tu não mandes cheiradelas nas cartas de tua mulher, porque ellas penso que nós semos os causadores.

Com isto não teinho mais que te contar. Um dia que tu cá veinhas saberás tudo mais por miodo, mas não bal a pena tu sismares porque esto cá bai tudo muito bem.

Resebe lembransas de tua mulher e muitos beijos de teus filhos e um abraso do teu afillhado, lembransas do Carrelos e da Maria e da Diulinda e muitas saudes de teu cunhado Fausto e recebe um abraso do Pãe e outro desta tua mãe que a vida (?) te dezeijo.

Margarida Corria de Lima

Resebe muitas lembransas do Alberto Potugal e de toda a familia.

#### **Carta n.º 55 | 13-01-1918 | Verónica Gomes da Conceição**

13-1-1918

Sr. Domingos,

Saude e graça de Deus é quanto eu do coração lhe dezejo, pois eu e minha familia e sua Mulher e seus filhinhos, e seus pais e toda a sua familia estão de saude, graças a Deus.

Sr. Domingos, ca ressevi a sua estimada carta, nella vi tudo quanto me dizia, mandou-me dizer só se encontraba ahi com o meu sobrinho Antonio, pois os outros ja ca estão todos. Não desanime, que tambem hadem chegar a sua vez. Deus queira que seja breve, que e todo o nosso gosto e de toda a gente. O Sr. Domingos ca foi nomiado para mordomo do Martir s. sebastião, pena teinho de o aqui não ver nesse dia, mas com os ausilios de Deus hadem ser breve, teinho fé em nosso Sr. que habemos [de] ter esse gosto. Agora a sua Mulher tem muito bom portamento, traz os filhos muito li[m]pos e dalhe boa educação, sabem acupar o logar della, pois quando o Sr. Domingos viher berá como é berdade tudo quanto eu lhe digo. Tremino.

Aseite muitos cumprimentos de meu marido e um abraço do meu filho da leira e de todos os meus filhos e filhas todos e de toda a sua familia e resseva um abraço cheio de saudades da sua Mulher, muitos beijinhos dos seus filhinhos, tambem lhe recomenda o seu cunhado do Bouca e a Roza e toda a familia.

Nunca se esqueca de me escrever.

De mim Aseite mil saudades desta que lhe dezeja a melhor bentura e flecidade.

Sua amiga,

Varonica Gomes da Conceição

Muitos cumprimentos ao meu sobrinho Antonio.

#### **Carta n.º 56 | 20-01-1918 | António da Conceição**

Mansores 20 de Janeiro 1918

Dumingo[s],

Em primeiro logar tudo o meu dezeijo e que esta carta te vá encontrar de perfeita e feliz saude, que eu e toda a nossa familia ficamos bons, gras[as] a Deus.

Dumingos, participo-te aqui resebi uma carta tua, a qual te respondo, assim como tua mulher recebeu uma carta tambem, pois tu dizes na carta que não tens recebido carta nossa que nós que nos esquecemos de ti, pois até pare-se emposivel, porque nós temos para ahi escrito muitas cartas, não sei o mutivo de tu as não receberes, pois não tem sido descoido nosso.

Com respeito ao teu serviço, escusado é tu afeligirte, que cá tudo se faz e tudo corre bem. Novidades, só te conto que o Alfredo do Crasto vaise cazar com a Irmelinda do Alferes. Como deves saber, cá mudou o regime, tambem ca mudou de regedor, agora e o Loiz do brisimo.

Con isto nada mais, recebe muitas saudades do Carrelos e da Maria e da Diulinda. Lembransas do Alberto Portugal, um abraso do teu afilhado, recebe um aperto de mão do teu cunhado Fausto, recebe um abraso da tua mãe e outro deste que sou teu Pae.

Antonio da Conceição

Estamos sempre a ver quando tu xegas a porta, mas não á meios de tu vires. Ansiozos te esperamos.

Resebe lembransas de tua mulher e muitos beijos dos teus filhos.

#### **Carta n.º 57 | s.d.<sup>92</sup> | Avelino da Rocha Pinho**

Domingos, ca tenho hulhado por tudo conforme me tem mandado. Eu já fiz a poda e pelantei as bideiras e pelantei os cuelipes e samiei as Batatas. Tenho ulhado por o seu serviço como meu e no campo do Alfes em metade samiei centeio e a outra fazêmos conta de çamiar Linho se bosse não tiber ainda ca, mas deicha la que para amtom que esteija ca para o semiar e para ajudar [a] fazer as labouras e tambem para bir ca ber algumas coizas que ja se fizero de nobo para ber uma abenida nobinha. Com isto mais nada, muitos beijos e abraços dos seus filhos e do Carolos um abaço, e com isto não emfado mais. Sou cum[o] sabe seu amigo.

Abelino da Rocha Pinho

#### **Carta n.º 58 | 05-03-1917 | Domingos Correia Conceição**

Palma, 5-3-917

Sempre lembrada,

Estimo o góso da sua saude, que eu fico bom. Não fas edeia o praser e a alegria que a sua carta veio dar ao meo pobre coração, porque me vejo preso como um pasarinho que anda esvoacando sem que lhe deem liverdade. Assim anda meu coração anciózo por duas falas de essa bóca emaculada, mas é me emposivel.

Domingos Correia Conceição

---

<sup>92</sup> Pela referência à avenida nova (a atual *Alameda dos Benfeitores*, no lugar da Vila, que foi rasgada entre 1917 e 1918), e pela menção já feita pelo mesmo Abelino da Rocha Pinho na carta n.º 42, supomos que esta missiva seja datada do primeiro semestre de 2017.

#### 4.5. Edição das cartas com atualização ortográfica

##### Carta n.º 1 | 23-03?-1916<sup>93</sup> | Verónica Gomes da Conceição

23 = 1916

Sr. Domingos,

Saúde e graça de Deus é quanto do coração lhe desejo, pois eu e os meus estamos todos bons, graças a Deus.

Sr. Domingos, aqui recebi a sua carta da data de 21 do corrente. Muito estimei saber de si. Ao mesmo tempo sinto muito desgosto em me dizer que já aí estão os três vapores de guerra. Deus permita que esses ditos vapores não sejam para os levar e no caso que seja todos havemos de pedir ao Senhor para que em breve venham todos gozar da nossa bela Pátria, que todos os desejamos cá ver.

Pois nunca se esqueça de Nossa Senhora e do Santíssimo Sacramento para que sejam em nosso auxílio e nos livrem deste terrível flagelo que nos vai atravessando. Ao mesmo tempo tenho fé em Deus de os maus tempos terem melhoras; tanto havemos de pedir até que sejam obtidos os nossos desejos.

Sr. Domingos aqui recebi a fotografia do convento de Mafra e todos os outros objetos que me fez o favor de me mandar, pois de tudo isto muito lhe agradeço, que são coisas muito importantes. Agora o que eu lhe peço é que onde quer que se encontre, se puder escrever. Eu e todos desejamos ter notícias suas.

Receba muitos cumprimentos meus e do meu marido e de toda a minha família e de toda a gente da sua amizade principalmente deste lugar e um abraço do meu filho da Leira<sup>94</sup> e também lhe recomendo muito a Rosa do Bouça e o seu compadre Manuel e toda a família deles. Todos lhe desejamos a melhor felicidade e que sejam em breves dias a sua presença ao nosso lado. Com isto termino. Estou ao seu dispor para o que lhe for preciso.

Adeus, até à vista. Sua Amiga.

Verónica Gomes da Conceição

##### Carta n.º 2 | 01-05-1916 | Belmira Correia de Pinho

Mansores, 1 de maio de 1916

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo, pois a nossa é boa, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta no Domingo, onde me dá muito gosto por saber notícias tuas e ao mesmo tempo por tu me mandares dizer que brevemente que vinhas para nos ajudar ao trabalho, mas eu não sei se isso será verdade ou não, mas eu penso que tu me mandas dizer isso para me contentar a mim e à tua família, que tu bem podes imaginar o gosto que eu tenho só por me lembrar a tua falta, mas Deus queira que em pouco tempo tu venhas embora, que eu estou sempre a esperar quando tu chegas cá e entres pela porta dentro.

---

<sup>93</sup> A carta não refere o mês em que foi escrita, mas será de abril ou de inícios de maio de 1916, tendo em conta o período em que Domingos Correia da Conceição esteve em Mafra.

<sup>94</sup> António de Almeida Pereira da Conceição (1884-1953) seria amigo próximo de Domingos Correia da Conceição Verónica, nas suas cartas, refere-se frequentemente a este seu “filho da Leira”, e a nenhum outro.

Agora que tu mandas dizer que eu que coma e beba e não cisme, pois é para cismar o menos; cá para mim, eu penso isso que eu vou para comer e não posso em me lembrar a tua falta. Agora tu mandas dizer para te mandar dizer o que cá é passado, é que o povo anda todo alvoraçado com isto cada vez está pior, pois já foi avisado o José da Tamanqueiro para entrar no hospital de Arouca ou do Porto, mas ele foi para o de Arouca. E já veio outro aviso para ir os artilheiros e cavalarias e de todas as classes até ao dia 5 do corrente do ano de 1912 para cá. Também sai o José do Bernardo para aí ou para Aveiro e o António da Chica e o António do Salvador da Mata, mas não sei se vão mais ou não.

Com isto não te estou a maçar mais. Aceita um apertado abraço de cada um dos teus filhos e de mim aceita um saudoso abraço d'esta companheira,

Belmira Correia de Pinho

E tu recebe muitas recomendações de toda a minha família e do teu pai e da tua mãe e dos teus irmãos todos e dos do Portugal e da sra. Verónica e de toda a família e de todo o povo do lugar que estão sempre a perguntar por ti. Agora, tu escreve para cá, para nós sabermos o que é passado.

Sou esta tua esposa Belmira

### **Carta n.º 3 | s.d. [ant. 08-05-1916]<sup>95</sup> | Belmira Correia de Pinho**

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo. Pois a minha, ao fazer desta é boa, graças a Deus, e os nossos filhos estão bons, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta e cá vi tudo o que me mandastes dizer, pois algumas coisas que tu mandastes dizer ao mesmo tempo de dizer que tu que ias agora para África, para mim foi como quem deu uma facada em outra pessoa. Agora te remeto pelo correio o presunto e os rejões que tu me mandastes pedir para eu te mandar, mas o meu gosto era que tu os comesses cá ao pé de mim e dos nossos filhos, mas já que não pode ser, Deus se compadeça de mim e que permita que venhas embora depressa.

Agora, as novidades que cá hão são só tristeza e por enquanto não foi mais nenhum, mas agora, agora não sei se irão mais alguns, se não.

Com isto não te enfado mais. Aceita muitas recomendações de todos os meus irmãos, toda a tua família e aceita muitos beijos de cada um de nossos filhos, de todo o povo do lugar e um saudoso abraço do teu amigo António do Portugal e dos irmãos todos. E tu de mim recebe um saudoso abraço desta tua esposa muito amiga.

Belmira Pinho

### **Carta n.º 4 | 08-05-1916 | Margarida de Pinho**

Mansores, 8 de maio de 1916

Cunhado Domingos,

---

<sup>95</sup> Na carta n.º 4, de 8 de maio de 1916, Belmira Correia de Pinho revela que acaba de saber que o marido fora destacado para Moçambique (embarcaria em Lisboa a 28 de maio), pelo que a presente carta será deve ser de data próxima, mas anterior.

Muito estimo que ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, pois é esse o meu maior desejo, meu e de toda a nossa família, que a nossa é boa, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta e li tudo quanto me mandastes dizer. Pois com respeito a teus filhos, tu podes estar descansado que eles estão todos com saúde e cá olhamos por eles como se tu cá estivesses e como filhos. Pois nós cá ficámos muito tristes quando soubemos que tu que ias para África, mas nós já pedimos a Nossa Senhora do Rosário para tu não ires, mas não sei se seremos ouvidos, que tu já tens cá muitas promessas por ti. Também já se andam a tirar as esmolos para se fazer uma festa ao Mártir para Domingo. A Belmira cá recebeu um aviso para receber as encomendas n.º 1996 procedentes em Mafra, mas como nós não sabemos para o que é... Com isto não te estou a maçar mais.

Aceita muitas recomendações de nós todos e de toda a tua família e um abraço de cada um dos teus filhos e da tua mulher e dos do lugar todo; e o António do Portugal<sup>96</sup> diz que não cismes, que ele pede sempre por ti, que tem fé de tu vires em antes de pouco tempo e tu aceita um saudoso abraço dele e da família dele.

Sou tua cunhada, Margarida de Pinho

#### **Carta n.º 5 | 08-05-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 8 de maio de 1916

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo, pois eu e os nossos filhos estamos todos com saúde, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta no dia 8 e no mesmo dia te escrevo. E dentro dela vinham três retratos grandes e um pequeno. Fui logo fazer o que tu mandavas: entregar um ao teu pai e os outros fiquei com eles para fazer o que tu mandas, mas eu fazia gosto nos retratos, mas mais gosto fazia se tu viesses embora, que eu queria-te ao pé de mim, que eu não passo um instante que tu não me passes no meu sentido; que meu gosto é lágrimas que me rebentam pelos olhos fora, que tu mandas botar o retrato pequeno numa medalha para eu botar no cordão, mas eu tenho pouco gosto de botar o cordão ao pescoço.

Domingos, tu mandas dizer que já escreveras para cá três cartas e que não tinhas recebido nenhuma, pois eu recebi a primeira no domingo à tarde e escrevi na segunda feira, só se ela se perdesse nos correios, mas eu não tenho culpa disso. E também recebi um aviso para ir a Cabeçais receber umas encomendas, mas o padrinho Ricardo<sup>97</sup> disse-me que falava com o padrinho José e ele que tirava tudo o que lá estivesse só se não coubesse dentro da mala, e por isso foi o padrinho José que levou o aviso e trouxe umas botas tuas hoje mesmo, mas eu quando vi as botas e não vi o dono, do dia se me fez noite.

Agora com isto não te estou a maçar mais. Recebe muitas recomendações de toda a nossa família toda e um saudoso abraço de cada um dos nossos filhos e outro meu. Sou tua mulher, Belmira Pinho.

E tu recebe muitas recomendações do povo do lugar que está sempre a perguntar por ti. O António do Portugal manda-te um saudoso abraço com todos os sentimentos que tem por ti. E

---

<sup>96</sup> António Guedes de Almeida Castro Portugal (n. 16-04-1885). É regularmente referido como enviando recomendações, pelo que seria amigo íntimo de Domingos Correia da Conceição.

<sup>97</sup> Ricardo da Rocha Pinho (n. 12-02-1887). Foi padrinho de casamento de Domingos e Belmira.

o António do Alfaiate<sup>98</sup> não está contente de tu não lhe escreveres, que está sempre a perguntar por ti. Tua mulher, Belmira.

**Carta n.º 6 | 09-05-1916 | António da Conceição**

Domingos,

Saúde é quanto que te desejo, que nós vamos bons.

Cá recebi tua carta, e ao que dizes com respeito às terras, eu cá faço o serviço todo como tu dizes. O lameiro, o Carlos<sup>99</sup> vai lá a miúdo. Aqui, vai-se fazer uma festa ao Mártir e tu promete ao Senhor e à Senhora, que é o que te vale. Recebe saudades de nós todos e um beijo de cada filho, que as minhas e de tua mãe, só a vista.

Mansores, 9 de maio de 1916

Teu pai, António da Conceição

**Carta n.º 7 | 10-05-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 10 de maio de 1916

Meu querido esposo,

Primeiro que tudo estimo que estejas de saúde em companhia de todos os que foram na tua companhia, pois eu e nossos filhos estamos bons, graças a Deus para sempre.

Domingos, estás zangado por não te ter escrito, pois a culpa não é minha, tem sido de elas não terem lá chegado, que já te escrevi quatro cartas e, visto o que me dizes, ainda não recebeste nenhuma, portanto fui pedir ao senhor Manuel do Beira-Mar para ele me escrever esta em nome do Alfredo para ver se eras entregue, pois qual seria a minha coragem que te não escrevesse depois de tu me escreveres e me mandares o teu retrato, o qual eu muito estimo e espero que venhas o mais breve possível, mas há de ser quando Deus permitir. Nós todos pedimos a Deus e a Nossa Senhora para que todos vós sejais felizes e para que Deus vos traga à nossa querida terra com vida e saúde, pois é o que nós todos desejamos.

Agora tenho a dizer-te que recebi a tua carta no domingo e já te escrevi na segunda feira e na mesma te mandei dizer que não tinha gosto de botar o cordão, portanto não boto o retrato pequenito no dito cordão sem que tu venhas para nos dar mais alegria, que por enquanto estamos todos muito esmorecidos pela vossa falta, mas não somos só nós, são todos desta freguesia, não há ninguém que não tenha pena de vós.

Com isto termino. Aceita um abraço desta tua esposa e beijinhos dos nossos filhos e aceita as muitas saudades de toda a nossa família e de todos os teus amigos em geral.

Sou esta tua esposa que suspiro pela tua vinda.

Domingos, faz uma festa ao Mártir para ver se termina a guerra.

Belmira Correia de Pinho

---

<sup>98</sup> António Francisco da Rocha (n. 19-04-1883). Residia no lugar da Avitureira e seria amigo íntimo de Domingos Correia da Conceição. É frequentemente referido nas cartas de Belmira, e veja-se a carta n.º 8, de sua autoria, e o afeto da mensagem que transmite na carta n.º 44.

<sup>99</sup> Carlos Correia da Conceição (1892-1968), irmão de Domingos Correia da Conceição. O seu registo de óbito refere-o apenas como Carlos da Conceição.

**Carta n.º 8 | 13-05-1916 | António Francisco da Rocha**

Mansores, 13 de maio de 1916

Amigo Domingos,

Primeiro de tudo estimo que esta te vá encontrar de saúde, assim como todos os mais, pois eu fico bom, graças a deus.

Domingos, tu ficaste de me escrever, até hoje não tenho recebido carta tua, tenho tido notícias tuas pelas cartas do Alfredo<sup>100</sup>, não sei qual é o motivo por que te esqueceste de mim ou por não saberes o meu nome, mas perguntasses ao Alfredo, que ele te dizia. Mas peço-te que me escrevas assim que esta receberes para eu te escrever diretamente porque não sei se será por elas cá não terem chegado, porque consta-me que não tens recebido as da tua mulher e ela tem respondido a elas todas. Se tu me tivesses encarregado para eu te escrever, terias sido entregue o pacote que não te esqueças de mim. Com isto termino.

Aceita um abraço deste teu amigo que fica ao teu dispor e darás outro abraço ao Alfredo e muitas saudades a todos os mais que foram na tua companhia.

António Francisco da Rocha

**Carta n.º 9 | 13-05-1916 | António da Conceição**

Mansores, 13 de maio

Meu querido filho, cá recebi a tua carta e vi tudo o que me mandas dizer a respeito das terras que estão a nosso cuidado e cá se faz como se tu estivesses. Fiquei muito satisfeito de me mandares o teu retrato. Agora peço-te o favor, se ele não custar muito dinheiro, uma lembrança como tu mandaste à Belmira, que gostava muito de ter assim um papel.

As batatas do mouchão já estão a nascer. A Belmira já as sachou. O Carlos tem ido a merujar o lameiro de Barrosa de riba. Muitos beijitos de toda a família. Já cá te escrevi umas poucas de cartas e tu mandas dizer que não és entregue delas. Te mando as minhas bênçãos e mais as da tua mãe, cá temos prometidas muitas promessas. Domingos, tu, tem fé em Deus e nas suas santas promessas, que não só nós temos pedido como o povo da freguesia; que para o domingo cá vai o povo da freguesia cumprir uma promessa ao Mártir São Sebastião. E agora tu e os teus companheiros que peçam também ao Mártir que cá tornem, que tenho sempre e sempre fé em Deus.

Com mais nada te incomodo. Aceita as bênçãos de teu pai e mãe, que todos os dias se lembra de ti. Aceita muitos beijitos de teus irmãos e irmãs e da Belmira e um abraço de cada menino. Aceita também beijitos da tia<sup>101</sup> da Serra da Vila e do tio e do primo e primas.

Desculpa de ela ir mal notada, foi a Margarida da Serra da Vila que a escreveu. A tia da Serra da Vila pede que escrevas para o António e escreve também para o Carlos. O José manda pedir que escrevas para ele.

Mansores, 13 de maio de 1916

Teu Pai,

António da Conceição

Diz-me se o teu primo António<sup>102</sup> ainda está no Hospital.

---

<sup>100</sup> Alfredo Tavares Pereira (1893-1977), que à data estaria com Domingos Correia da Conceição em Mafra e embarcaria com ele a 28 de maio, em direção a Moçambique.

<sup>101</sup> Referência a Maria Correia de Lima, tia materna, casada com António Francisco Borges, residente na Serra da Vila e mãe de António Correia Borges (1896-1953).

**Carta n.º 10 | 20-05-1916 | António da Conceição**

Mansores, 20 de maio de 1916

Domingos, todo o meu desejo é que esta carta te vá encontrar de perfeita saúde, assim como todos os teus companheiros, que cá eu e tua mãe e todos os nossos ficamos bem, graças a Deus.

Domingos, tenho-te a dizer que cá recebi a tua carta no dia 14 deste mês, também te conto que nesse dia se fez aqui uma festa ao Mártir São Sebastião por causa da guerra. Também cá recebi o cartão com o edifício que me tu mandaste, o qual te agradeço, porque é uma obra muito importante. Também me dizias para o Carlos te sulfatar as batatas, pois ele agora para a semana que vem lá vai a sulfatá-las e as batatas do mouchão já estão a botar a flor e a Belmira já as regou esta semana.

Com respeito ao teu serviço, escusado será estares-te a afligir; tudo se faz se Deus quiser porque também tenho fé em Deus que tu brevemente nos virás visitar e de resto não te deves estar a apaixonar, porque não vale a pena, é preciso sempre coragem para a luta da vida. Pois com respeito ao sinal que me perguntavas, verdade é o povo dizê-lo, mas eu creio que é tudo mentira, todo isto são boatos do povo, porque nada se vê. Nada mais tenho para te contar; daqui a tua mulher e meninos estão bons.

Com isto peço a Deus que te proteja e te abençoe e recebe a bênção deste que sou teu pai e mãe. Com isto um abraço da tua mulher e dos teus filhos e um abraço dos teus cunhados e um do Carlos e outro da Maria, não esquecendo da Deolinda. Um abraço do teu cunhado Fausto<sup>103</sup>. Lembranças de toda a família, um saudoso abraço da tua mãe e outro deste que sou teu pai.

António da Conceição

**Carta n.º 11 | 20-05-1916<sup>104</sup> | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 20 de maio de 1916

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo. Pois a minha e a dos nossos filhos é boa, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta que para mim foi um grande gosto por saber que tu ainda estavas aí, porque tu tinhas mandado dizer para a senhora Verónica que não escrevesse até segunda ordem, que eu quando soube disso, o meu coração ficou tão triste como noite escura, mas quando recebi a última carta e vi o que tu mandavas dizer, já eu fiquei mais contente por saber que tu que estavas ainda aí.

Domingos, mandas dizer que eu demorava muito a escrever-te, pois nisso não falas verdade, que eu recebo as tuas cartas num dia e escrevo logo no outro.

---

<sup>102</sup> Presumimos que seja referência a António Correia dos Santos Lima (1893-1927).

<sup>103</sup> Fausto Joaquim Duarte (1889-1960).

<sup>104</sup> A data desta carta aparenta ser 20 de maio de 1912, o que não é consistente com o período em que Domingos Correia da Conceição esteve em Mafra e em Moçambique. Pelo teor da missiva e comparando-a com outras cartas do período em que Domingos Correia da Conceição esteve em Mafra, assumimos a presunção de que a carta seja de 20 de maio de 1916.

Com respeito ao que tu mandas perguntar, se a senhora Verónica tinha recebido um livro ou não, ela recebeu e ficou muito contente com ele, disse ela que não escreveu por tu mandares dizer que a maçar mais. Aceita muitas recomendações de toda a nossa família e tu aceita um saudoso abraço de cada um dos nossos filhos e outro meu, e tu recebe muitas recomendações dos teus pais e do teu irmão e também do povo do lugar, que está sempre a perguntar por ti. E também dos Portugal todos, o António do Portugal manda-te um saudoso abraço, que nunca se esquece de ti. Sou tua mulher.

Belmira de Pinho

Recebe um abraço do António do Alfaiate.

### **Carta n.º 12 | 16-06-1916 | Carlos Correia da Conceição e António Correia Borges**

Mansores, 16 de junho de 1916

Meu querido mano, em primeiro de tudo, saúde e felicidade é o que eu te mais desejo, que eu felizmente fico bom e toda a família, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta no dia 15 e vi quanto me dizias. Com respeito às inspeções, elas ainda não foram aqui, não te posso contar nada a esse respeito. Agora, com respeito às batatas, elas estão boas, as do Mouchão já as sulfatei, mas as da presa, essas estão fracas, estou à espera que elas se ponham melhor para as sulfatar. Podes estar descansado, que todo o teu trabalho eu olho por isso. As vinhas aqui estão boas, há muito vinho, se ele escapar. Os centeios já se cortaram quase todos, são bons. Com isto já findo.

Recomendações de todos os rapazes teus amigos, dos tios todos, do tio da Serra da Vila e da tia. De mim, recebe um abraço banhado em lágrimas deste teu irmão leal.

Carlos Correia da Conceição

\*\*\*

Primo Domingos, saúde e felicidade é o que eu te mais desejo, que eu fico bom. Primo, vou-te pedir que me escrevas, que em breve te escrevo a dizer-te algumas notícias. Deste teu primo aceitas um abraço muito apertado.

António Correia Borges. Serra da Vila

### **Carta n.º 13 | 16-06-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de saúde, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta, que para mim foi grande gosto que tive por saber notícias tuas, que eu ouvia dizer tanta coisa que tu não imaginas como eu andava por saber novidades tuas.

Agora, com respeito às batatas do campo da presa, elas este ano nasceram muito mal e as que nasceram estão fracas; mas não são só as nossas, por cá estão todas assim, parece-se que lhes tem dado o bicho da peçonha; e os eucaliptos este ano secaram quase todos, mas foi todos assim.

Agora, tu manda-me dizer se ficas aí ou vais para outra parte, porque conta-se que vão mais ainda e já foram avisados todos os homens de 20 a 45 anos de idade que ainda não tivessem ido às inspeções para ir dar o nome deles o dia 15 deste mês para ir às inspeções juntos com

os outros da mesma idade, mas cá só eram dois filhos da Saraiva<sup>105</sup>, o Augusto e o José e o Alberto do Barrocal; e também já vieram avisos para todos os praças e reservas para irem dar o nome deles e para aqueles que soubessem ler ou tivessem exames, mas desconfia-se que seja para ir aprender os exercícios para ser promovidos para cabos ou sargentos, que também foi avisado o genro do Alfiate da Avitureira para ir voluntariamente para cabo, mas ele não quis ir, não se sabe o que isto dará.

Tu, recebe muitas recomendações dos meus irmãos todos e teus pais e dos teus irmãos e tu recebe muitos beijos e abraços dos nossos filhos. De mim aceita um abraço desta tua mulher muito amiga de gema(?).

Belmira Correia de Pinho

O António do Portugal manda-te um saudoso abraço e de toda a família dele e de todos os do lugar que estão sempre a perguntar por ti.

Mansores, 16 de junho de 1916

Belmira

O filho do Vitorino da Costa já veio, não se sabe se ele vem livre ou não.

#### **Carta n.º 14 | 27-07-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 27 de julho de 1916

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saúde e toda a nossa família estão todos de saúde, graças a Deus.

Domingos, cá recebi duas cartas tuas no dia 26, ambas no mesmo dia, aonde eu e toda a nossa família ficámos contentes por saber notícias tuas, mas ao mesmo tempo fiquei triste por me lembrar o dia 27 que era o dia da festa em que todos reúnem a família uma para onde a outra, e eu por me lembrar que me faltou meu marido, que para mim foi só lágrimas e tristezas, mas eu tenho pedido a Deus que para o ano que vem que tu já estejas na minha companhia.

Domingos, tu mandas-me dizer que chegaras aí muito gordo e bonito, pois eu faço ideia disso, mas nisso é o contrário, que isso é para me contentar. E com respeito aos enxertos, pegaram todos e as ramadas das videiras americanas têm menos uvas do que o ano passado. E com respeito às batatas, eu já te mandei dizer nas cartas que te escrevi para aí, que eu já te escrevi duas cartas que te expliquei tudo o que me mandas dizer. Pensão, já recebi dois meses. E com respeito ao linho da Ribeiro de Moinho, deu todo, mas a rola(?) não prestou para nada. E a nossa filha Adelaide já fala, já chama pela mãe e pai.

Com isto não te estou a maçar mais. Aceita muitas recomendações dos teus pais e dos teus irmãos e dos meus também, dos nossos cunhados e de todos do lugar que estão sempre a perguntar por ti. E também dos Portugal todos, o António manda-te um saudoso abraço, que nunca se esquece de ti.

Tu, recebe um abraço do Carlos e outro da Micas e um beijo da Adelaidinha. E tu de mim recebe um saudoso abraço desta esposa muito grande do coração.

Belmira da Pinho

---

<sup>105</sup> A Saraiva era uma senhora que viveu durante bastante tempo com sua família numa casa que era propriedade da Junta de Freguesia e que fora o primeiro edifício escolar de Mansores e tivera outras funções, mas ficou por muito tempo conhecida como “a casa da Saraiva”; situa-se próximo da atual sede da Junta de Freguesia.

O António do Alfaiate manda-te muitas recomendações. Tu, faz muitas recomendações ao Tavares de meu mando e da Guida. E a mãe dele está muito triste do que ele mandou dizer, que até o povo faz caçoado dele. E tu manda-me dizer o que vós estais aí a fazer. Os rapazes que entraram na inspeção este ano nas inspeções ficaram todos aprovados de 20 a 45 anos, no mês de outubro vão todos à inspeção. Cá as coisas estão muito más.

Sou tua mulher, Belmira

**Carta n.º 15 | 16-08-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 16 de agosto de 1916

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saúde.

Domingos, cá recebi a tua carta que para mim foi um grande gosto por saber que tu tens saúde e que tivestes saúde na tua viagem. Domingos, com respeito ao que mandas dizer, que as esposas que trazem os maridos no caminho da África, que estou muito triste, pois tu bem sabes o gosto que não é nenhum.

Domingos, com respeito à ferramenta, nós cá já a tínhamos examinado e o Avelino já a tinha montado por duas vezes. E com respeito às batatas, eu já te mandei dizer nas cartas que te escrevi para aí que já foram, que já foi tudo explicado.

Domingos, o Adelino despediu-me das leirinhas e eu entreguei-lhas. E ele também já despediu o Costa e ele também quer sair.

O Manuel do Vitorino veio com dois meses de licença e o António da Cristina com um mês.

Com isto não te estou a maçar mais. Aceita muitas recomendações dos teus pais e dos irmãos todos do lugar e um abraço do António Portugal e da família. E aceita muitas recomendações de todos os meus irmãos e cunhados. E tu aceita um abraço e beijo de cada um dos nossos filhos e também recebe saudoso abraço desta tua esposa Belmira de Pinho.

**Carta n.º 16 | 17-08-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 17 de agosto de 1916

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saúde.

Domingos, como tu já sabes, o filho do José Alves veio cá e disse que tu lhe devias 5:000 réis. Como já te mandei dizer, ele veio cá primeiro e eu arranjei-lhe 2.000 réis, e agora veio cá e pediu o resto. O teu pai foi que os arranjou. Agora, tu manda-me dizer se eu tenho de o dar ao teu pai ou ele tos dera. Como tu mandastes dizer ao teu pai que arranjasse e que lhe o desse agora, eu sei disso. Com respeito às batatas da Presa, elas este ano foram fracas, só deram 12 alqueires, estão muito picadas de cancro, estão a apodrecer.

Com respeito às novidades de cá, são muito más, já acabou o açúcar e o que havia já o era 900 réis cada quilo, o milho a 2.000 réis cada alqueire, mas é cá e fora de cá já é 2.400 réis. E o povo cá está muito atemorizado porque a guerra está cada vez pior; dizem que vão 22.000 mil homens para a França e as inspeções começaram neste mês. E também já morreu o João da

Vila<sup>106</sup> e o filho do António do Alferes está cada vez pior e talvez não escape. Agora, tu escreve quanto mais a miúdo melhor porque cá conta-se tanta coisa que não sabe.

Agora, tu recebe muitas recomendações de toda a tua família e dos meus irmãos todos, dos nossos cunhados e do António do Portugal e da família toda e de todos do lugar que estão sempre a perguntar por ti.

O Ricardo manda-te dizer que está muito contente de tu em todas as cartas que tu escreves de falar sempre dele, mas que ainda era o mesmo que era dantes, que lembra ainda dos quartilhos de vinho que bebias mais ele na Vila. Que tu não te esquecesses dele, que ele se lembra de ti todos os dias.

E um abraço do Avelino e recomendações do Manuel do Carrapato<sup>107</sup>. E tu recebe um saudoso abraço de cada um dos nossos filhos e de mim recebe um saudoso abraço, desta tua mulher muito amiga.

Belmira de Pinho

### **Carta n.º 17 | 28-08-1916 | António da Conceição**

Mansores, 28 de agosto de 1916

Meu bom filho e em primeiro de tudo desejo esta carta te vá encontrar de perfeita saúde, que eu e toda a nossa família e tua mulher e filhos ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, te participo que aqui recebi a tua carta no dia 26 do mês de agosto, sábado da festa<sup>108</sup>. Ora, debes imaginar a alegria que nos veio dar por ao menos saber notícias tuas, porque mesmo estou ansioso. Nesta ocasião todos se lembram das famílias, e eu principalmente por me lembrar que estás em uma terra tão longínqua, mas para o ano que vem se Deus quiser já cá hás de estar em nossa companhia para fazermos uma festa mais alegre do que a deste ano.

Domingos, pedes-me para eu te olhar pelas coisas, pois escusado é estares-te a afligir com isso, pois o serviço todo se tem feito e tudo tem corrido muito bem. Novidades daqui, também há poucas, só te conto que aqui foram as inspeções dos rapazes de 20 anos e te conto que ficaram todos apurados e o António<sup>109</sup> da Serra da Vila tirou n.º 1 de infantaria.

Com isto nada mais tenho a contar. Recebe muitas lembranças de teus irmãos e irmãs, principalmente do Carlos, e recados dos teus cunhados e do teu cunhado<sup>110</sup> da Vila e dos tios e tias, e recebe um abraço da tua mãe e tu recebe um saudoso abraço e a bênção deste que sou teu Pai.

António da Conceição

Peço que me mandes dizer se foste entregue de uma carta que te mandei e recomendo que me escrevas o mais breve que possas porque sempre gostava de saber o teu passado.

Adeus, até à vista.

---

<sup>106</sup> João Francisco dos Santos, falecido a 19 de junho de 1916.

<sup>107</sup> Manuel Henriques da Silva (1892-1973).

<sup>108</sup> Referência à festa em honra de Nossa Senhora do Rosário.

<sup>109</sup> António Correia Borges (1896-1953), que também dava pelo nome de António Francisco Borges. Era primo de Domingos Correia da Conceição e foi combatente em Angola, no contexto da Grande Guerra.

<sup>110</sup> Presumível referência a Fausto Joaquim Duarte (1889-1960).

**Carta n.º 18 | 01-09-1916 | Verónica Gomes da Conceição**

Sr. Domingos,

Saúde e graça de Deus é quanto eu do coração lhe desejo, assim como aos seus companheiros, eu e toda a minha família e sua mulher e seus filhinhos, vai tudo bem, graças a Deus.

Sr. Domingos, cá recebi a sua estimada carta e vi quanto me dizia. Muito estimei saber de si. Ficámos com muita satisfação por mandar dizer que até à data não tem havido novidade alguma. Deus queira que nunca haja novidade. E que em breves dias voltem à nossa velha Pátria, pois é o que nós todos esperamos. Temos muita fé em Deus Nosso Senhor, que havemos de ser obtidas, pois creia-me que nunca nos podemos esquecer dos seus pedidos que nos tem feito. Cada vez com mais fervor pedimos a Deus que vos proteja no meio de todas as coisas que lhes forem necessárias em seu auxílio.

Aceite muitos cumprimentos do meu marido e do meu filho da Leira e de todos os meus filhos e filhas e de toda a minha família. E também lhe recomenda muito a Rosa do Bouça e o seu compadre e toda a família dele. Peço o favor de me recomendar a todos os seus colegas e a meu sobrinho António<sup>111</sup> do Sr. Ricardo, muito desejam saber dele e de todos. Termino e estou ao seu dispor.

Aceitem mil saudades desta que é íntima sua Amiga,

Verónica Gomes da Conceição

1 de setembro de 1916

Mançores

**Carta n.º 19 | 28-09-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 28 de setembro de 1916

Domingos,

Muito estimo que ao receber d'esta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo. Pois eu e os nossos filhos e os nossos parentes estamos todos de perfeita saúde, graças a Deus.

Domingos, cá recebi a tua carta e eu e toda a nossa família ficámos muito contentes por tu teres saúde e ao mesmo tempo mandares dizer que para o Natal que tencionavas a vir embora, mais os teus camaradas. Pois deixá-lo que isso assim fosse, que eu já tenho pedido a Deus nas minhas orações para tu não teres por aí perigo nenhum, que o povo do lugar ficou todo muito contente em ouvir dizer que tu que vinhas embora, pois tu já cá tens sido muito desejado por todos, mas por mim ainda muito mais.

Com isto não te enfado mais. Aceita muitas recomendações de todos os nossos cunhados e cunhadas e dos Portugal aceita outro abraço do António do Portugal e de toda a rapaziada de cá e de todos os do lugar.

E recebe um beijo e um abraço de cada um dos nossos filhos. De mim recebe um saudoso abraço desta tua esposa.

Belmira de Pinho

---

<sup>111</sup> António Correia dos Santos Lima (1893-1927), filho de Ricardo Correia dos Santos e de Bernardina Henriques de Lima.

**Carta n.º 20 | 26-10-1916 | António da Conceição**

Mansores, 26 de outubro de 1916

Domingos,

Em primeiro de tudo desejo que esta carta te vá encontrar de uma perfeita saúde, que eu e tua mãe e toda a família ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, participo-te que aqui recebi uma carta tua no dia 23 deste mês de outubro, a qual tudo vi o que me mandavas dizer, pois dizes-me que estavas bem, pois é o que eu mais desejo, já que és obrigado a andar por essas terras nossas desconhecidas, mas deves de ter sempre coragem e esperança de voltares a abraçar a família que sempre te espera.

Mandaste-me dizer que ainda só receberas uma carta nossa, pois nós temos-te escrito já uma porção delas, não sei se elas aí não vão ter. Escusado é tu te afligires cá com a família, pois tua mulher e filhos estão bons, os pequenos de cada vez mais feros e grandes.

Novidades daqui só te conto que morreu a mulher do Regedor das Agradas<sup>112</sup> e cá está tudo muito caro, quase não se pode viver. O milho não se compra abaixo de 1.000 e daí muito para cima.

Com isto recebe lembranças do Carlos e da Maria e da Deolinda e do teu cunhado Fausto e recebe um abraço de tua mãe e outro deste teu Pai António da Conceição e a bênção que a vida te desejo.

**Carta n.º 21 | 04-11-1916 | Verónica Gomes da Conceição**

4 de novembro de 1916

Sr. Domingos,

Saúde e gosto da sua vida é quanto eu do coração lhe desejo, assim como toda a minha família. Pois eu e todos os meus e sua esposa e seus filhinhos, está tudo bem, graças a Deus. Cá recebi a sua cartinha, muito estimei saber de si, como sabem, todos gostam de saber notícias dessa grande terra.

Sr. Domingos, eu e todos os nossos, tenho muita fé em Deus Nosso Senhor que hão de voltar a esta nossa terra. Pedimos todos para que Nossa Senhora do Rosário os proteja a todos em geral, principalmente os da nossa terra. Deus queira que estejam todos em sossego como dizem na sua carta e todo o nosso gosto era que viessem depressa embora.

Com isto receba um saudoso abraço do meu filho da Leira e também lhe recomenda muito o meu marido e os meus filhos e filhas todas. Receba muitas saudades do seu cunhado do Bouça e da Rosa que muito desejam a sua vinda. Deus queira que seja breve, que tanta falta aqui fazem a toda a gente. Também lhe peço se vir o meu sobrinho António e a todos os nossos conhecidos tenha muita fé em Deus e não se aflija com nada daqui; como já dizem, vai tudo muito bem.

Aceitem muitos cumprimentos meus e do Abel do Bouça e da Palmira e da Conceição e de todos e também de toda a sua família.

Estou ao seu dispor para o que lhe for preciso. Sou sua amiga, Verónica Gomes da Conceição.

Mansores

---

<sup>112</sup> Referência a Margarida Emília de Jesus, que faleceu nas Agradas a 6 de outubro de 1916, deixando viúvo a Manuel Gomes Alvares de Castro.

**Carta n.º 22 | 17-11-1916 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 17 de novembro de 1916

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é o que eu mais desejo e toda a nossa família. Pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saúde, e toda a nossa família também estão todos de saúde, graças a Deus.

Domingos, cá recebi uma carta tua que foi escrita no dia 18 de setembro, que a vi em tudo o que me mandastes dizer. Pois eu fiquei muito contente por tu me mandares dizer que tens tido saúde, pois é esse o meu maior desejo. Só o que eu fiquei mais triste foi em tu me mandares dizer que andas um pouco cansado, mas eu tenho pedido a Nossa Senhora do Rosário para ela te dar força para tu cá tornares, pois eu estou a ver quando tu chegas cá, porque eu ouvi dizer que já vieram alguns e por isso já era tempo para tu também vires embora.

Com respeito às novidades de cá, são como até aqui. E com isto não te estou a maçar mais. Aceita um saudoso abraço do António do Portugal e da família e também do nosso compadre do Bouça e da família e do Abel e de todos os nossos cunhados todos e de teu pai e da tua mãe e também recomendações do Manuel do Avelino e da Guida e de todos do lugar, que estão sempre a perguntar por ti.

Recebe um abraço e beijo de cada um dos nossos filhos todos. De mim recebe um saudoso abraço desta tua esposa Belmira de Pinho.

**Carta n.º 23 | 20-11-1916 | António da Conceição**

Mansores, 20 de novembro de 1916

Domingos,

Em primeiro lugar todo o meu maior desejo é que esta carta te vá encontrar de perfeita saúde em campanha de todos os rapazes desta terra, que eu e tua mãe e toda a nossa família ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, participo-te que aqui recebi a tua carta, a qual fiquei muito satisfeito por saber notícias tuas, porque sempre gosto de saber notícias de meus filhos.

Novidades desta terra são poucas, só te conto que aqui vai o tempo muito de inverno e também está tudo muito caro, principalmente o milho, quase não se pode viver. O mais, vai tudo como antigamente. Tua mulher e filhos ficam bons. Como sabes, estamos prestes a chegar ao Natal, pois muito desejava que tu cá estivesses junto connosco, mas já que se dá o caso de não poder ser, posso votar ao céu para tu teres saúde e muito breve nos venhas visitar, que ansiosos te esperamos.

Passa recados aos rapazes que aí estão desta terra e ao António do tio Ricardo se ele estiver na tua companhia e tu recebe muitas lembranças do Carlos e da Maria e da Deolinda e também se recomenda contigo teu cunhado Fausto, que a vida te deseja, e que é o escrevente desta carta e recebe um abraço de tua mãe que a bênção te remete. Um saudoso abraço deste que sou teu Pai.

António da Conceição

**Carta n.º 24 | 20-11-1916 | Verónica Gomes da Conceição**

Mansores, 20 de novembro de 1916

Sr. Domingos,

Muito estimo que esteja de pronta saúde. Eu e toda a minha família estamos bons, assim como sua mulher e seus filhinhos e seu pai e sua mãe estamos todos de saúde, graças a Deus.

Sr. Domingos, cá recebi a sua carta, vi tudo quanto me dizia. Muito sentimos de não nos mandar dizer nesta última carta que vinham embora. Sr. Domingos, tenha sempre muita fé em Deus, como sabe a terra é para os homens e com certeza já Deus lhe terminou esses trabalhos, por isso tenha coragem e sempre com fé viva em Deus, que nós todos pedimos nas nossas orações a Deus que os proteja no meio das dificuldades que os apoquentam, pois temos fé em Deus de em breve vê-lo aqui nesta terra.

Não pensem aqui nesta terra, que sua mulher e seus meninos vai tudo muito bem sem mais pequena novidade. Faça favor de dar um abraço ao meu sobrinho António. O pai e a mãe e irmãos estão todos de saúde.

Aceite um abraço do meu filho da Leira e outro do meu marido e também dos meus filhos e filhas todos e receba também um abraço do seu cunhado do Bouça e da irmã Rosa e do Abel e da Conceição e da Palmira e de toda a família e todos têm saudades de si.

Receba um abraço do seu pai e mãe e dos seus irmãos todos.

De mim receba mil saudades desta que está às suas ordens.

Verónica Gomes da Conceição

Adeus

#### **Carta n.º 25 | 19-12-1916 | António da Conceição**

Mansores, 19 de dezembro de 1916

Domingos,

Ontem recebi tuas cartas com datas de setembro e o maior prazer que tive foi saber que estavas de saúde, assim como os teus amigos, pois nós até à data ficamos todos de saúde e tua mulher e filhos. Dizes nas tuas cartas que vinhas à consoada, mas não para a deste ano. Seria uma sorte para ti e para nós se cá estivesses para a Páscoa.

Com respeito às inspeções, ainda não foram, não voltas a escrever-me. Peço que me digas como está teu primo António, pois ele não escreveu desta vez.

Com isto peço que me recomendes a todos os teus amigos. E nós, recebe muitas saudades assim como de tua mulher e filhos e de teus irmãos e irmãs e tios e tias e da Sra. Verónica e filhos e daqui um abraço.

Teu pai e amigo

António da Conceição

#### **Carta n.º 26 | 21-12-1916 | António Gomes Moreira**

21 de dezembro de 1916

Amigo Correia, o que eu estimo é que esta minha carta o vá encontrar de uma perfeita saúde e todos os nossos amigos e companheiros, que eu vou indo, graças a Deus. Nós viemos por Moçambique e onde estava o Alfredo e mais o José e também embarcaram no mesmo navio e também fomos para Beira e chegámos a Lourenço Marques no dia 16 e estivemos no meio do mar e tivemos outra janta no vapor aonde saiu o Almeida para o Hospital e mais para as ilhas,

pouco cá ficou, mas eu e o Alfredo e o José estamos livres enquanto não for outra janta e talvez vamos para a Metrópole se Deus quiser.

E você fará muitas recomendações a todos os nossos camaradas e aos do 140. E fará o que eu lhe pedi, que eu farei o mesmo, só se não poder.

Estimado e amigo António Gomes Moreira.

#### **Carta n.º 27 | 21-12-1916 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores, 21 de dezembro de 1916

Domingos, desejo que esteja no gozo de uma perfeita e feliz saúde, que a nossa ao fazer desta é boa, graças a Deus.

Domingos, cá recebemos uma carta que foi escrita a 25 de setembro, a qual ficámos muito satisfeitos por saber notícias suas e por saber que estava de saúde e ansioso para vir ajudar a beber o vinho, e nós ainda mais para vir ajudar a beber no dia de Reis e para ajudar à festa como dos mais anos, porque faltando cá você e todos mais que aí estão, até parece que anda meio mundo morto depois que foi essa expedição; ficou cá tudo muito triste, mas Deus queira que venham depressa para ver se torna o tempo que era dantes, de nos tornarmos outra vez ambos dois, porque está a fazer muita falta.

E com isto termino e aceito muita recomendação da nossa família e muitos beijos dos seus filhos e um saudoso abraço da Belmira e recomendação do Ricardo e da mulher e um abraço da Margarida e outro do Avelino e um abraço ao Tavares da Guida e do irmão, e desculpe por ir mal, com isto nada mais sou, quem sabe.

Avelino de Pinho

#### **Carta n.º 28 | 22-01-1917 | António da Conceição**

Mansores, 22 de janeiro de 1917

Domingos,

Participo-te que toda a nossa família e eu ficamos bons, assim como desejo que tu estejas e todos os teus companheiros.

Domingos, tenho-te a dizer que aqui recebi uma carta que muito satisfeito fiquei por saber notícias tuas, porque sempre gosto de saber de tua saúde.

Também te conto que cá foi a festa do Mártir São Sebastião, pois foi na forma do costume, só tive pena de tu cá não estares, mas há de ser para o ano que vem, se Deus quiser. Também te nomearam para mordomo da festa para o ano que vem e ao nosso Carlos. Novidades daqui só te conto que se vão casar o Custódio do Cantoneiro com uma filha do Manuel do Araújo da Ribeira, e também te conto que o teu primo António<sup>113</sup> da Vila tirou uma filha do Salvador das Agradas, uma chamada Júlia, porque os pais dela não queriam que ela casasse com ele. Com isto não tenho mais que te contar. Recebe lembranças do Carlos e das tuas irmãs e de teu cunhado Fausto. Recebe um abraço de tua mãe e um saudoso abraço deste que sou teu pai.

António da Conceição

---

<sup>113</sup> António Correia dos Santos Lima, filho de Joaquim Correia dos Santos Lima e de Libânia de Jesus. Casou com Júlia Moreira de Lima a 10 de fevereiro de 1917, tinha ele 32 anos e ela 22 anos. Não confundir com o homónimo António Correia dos Santos Lima (1893-1927), filho de Ricardo Correia dos Santos e de Bernardina Henriques de Lima, que em maio de 1916 partira, como combatente, para Moçambique.

Lembranças de teus irmãos, do Ricardo e do José e da mulher e muitos beijos dos filhos dele e também do teu afilhado. Recordações de tua mulher e beijinhos dos teus meninos, que estão todos bons.

**Carta n.º 29 | 22-01-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

22 de janeiro de 1917

Sr. Domingos,

O que eu mais estimo é que ao receber esta carta esteja de perfeita saúde, assim como todos os seus colegas, pois eu e toda a minha família e sua estamos todos de saúde, graças a Deus.

Sr. Domingos, cá recebi a sua carta, que muito estimei saber de si. Fiquei muito contente de me dizer que estavam todos de saúde, pois todo o nosso gosto era vê-lo aqui, mas temos fé em Deus de os aqui ver o mais breve unidos a suas famílias. Mandou-me dizer que muito me agradecia eu estar pronta para o que a sua mulher precisar, pois creia que eu sou sempre a mesma para o que me ocupar. Peço sempre nas minhas orações a Deus para os proteger em tudo. O que nós queríamos era que quando esta aí chegasse, que já tivessem vindo embora.

Aceitem muitos cumprimentos do meu marido<sup>114</sup>, dos meus filhos e filhas todos e um abraço do meu filho da Leira. Receba um abraço da sua mulher e beijinhos dos seus filhinhos que estão muito lindos.

Também lhe recomenda muito o seu cunhado do Bouça e Rosa e toda a família dele, todos esperam a sua vinda em breves dias...<sup>115</sup>

**Carta n.º 30 | 23-01-1917 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores, 23 de janeiro de 1917

Domingos,

Muito estimo que ao receber estas duas linhas mal notadas que o vá encontrar no gozo de uma perfeita e feliz saúde, que nós e toda a família ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, participo que cá recebemos uma carta que tinha a data 30-10-1916 e recebemos outra a qual foi escrita a 22-11 e cá vimos tudo quanto mandou dizer e ficámos muito satisfeitos por saber que estava de saúde. A respeito dos milhos do ano passado, foram muito bons e o milho do campo do Alferes rendeu 12, e ainda morreu algum, mas o outro foi bom. Agora tenho a dizer-lhe que cá tem uma prima a mais; o seu primo António tirou uma filha do António do Salvador e a Margarida ainda não se casou porque está à espera de tu ires ao casamento, e a respeito do abraço da Palmira, ou dão quando vier ou eu dou-lhe eu porque mesmo pertence-me a mim.

Domingos, tenho a dizer que o sapateiro veio cá e cortou uma câmara de ar (?) e te ali não a deixava ganhar ferrugem e agora está a nicá-lo; tem saído e tem-se enchido de ferrugem; eu tenho-a limpado, mas não tem valido nada e com isto não enfado mais. Receba um saudoso abraço da sua esposa, de seus filhos e do Ricardo, da mulher do cunhado do Bouça e da família. E cá foi nomeado para a festa do Mártir para o ano.

Aceite um abraço meu.

Avelino de Pinho

---

<sup>114</sup> António de Almeida Pereira Cabral (1857-1933).

<sup>115</sup> Pela caligrafia e pelo teor, a carta é seguramente de Verónica Gomes da Conceição. Não se preserva a segunda lauda, onde a carta concluiria e estaria a assinatura.

**Carta n.º 31 | 25-01-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

25 de janeiro de 1917

Sr. Domingos,

Muito estimo que ao receber esta carta que esteja de perfeita saúde, é quanto eu do coração lhe desejo. Cá recebi a sua carta, vi quanto me dizia. Manda-me dizer que já recebera duas cartas de sua família sem receber carta minha. Pois eu a todas lhe tinha respondido, não sei qual é o motivo de não ser entregue. Eu faço muito gosto de receber as suas cartas e continuarei sempre a escrever-lhe.

Sr. Domingos, foi cá no dia 20 de janeiro a festa do Mártir São Sebastião e também o nomearam para mordomo, pois todo o nosso gosto era vê-lo aqui, mas temos fé em Nosso Senhor, que há de ser breve a sua vinda para gozar o seio de suas famílias e todas as pessoas da sua amizade.

Sr. Domingos, as novidades daqui que lhe vou dispor: anda a freguesia toda em barulho devido ao padre do Coelho, veio à missa, mas o povo levantou-se todo e veio para fora da Igreja, ficou tudo sem missa. Agora estamos a ver que se fecha a igreja. Numa palavra, é uma calamidade. Deus nos acuda com a sua divina graça, não sei o que seria de nós. Nunca pensei de se dar este caso na nossa terra, Deus se compadeça de nós todos. E melhorem os maus tempos que nos vão atravessando.

Aceite muitos cumprimentos do meu marido e dos meus filhos todos. Receba um abraço do meu filho da Leira e de toda a minha família. Receba muitos da sua mulher e muitos beijinhos dos seus filhinhos e também dos seus bons pais e irmãos todos. E também lhe recomenda muito o seu cunhado do Bouça e toda a família dele. O gosto de todos era que viessem depressa embora, que fazem aqui falta.

Sr. Domingos, se vir o meu sobrinho António fará favor de lhe dar muitos cumprimentos. Eu também hoje lhe escrevi.

Com isto não o estou a maçar mais. Aceite muitas saudades desta que está ao seu dispor.

Verónica Gomes da Conceição

Adeus, até à vista.

**Carta n.º 32 | 25-01-1917 | António Gomes Moreira**

Lisboa, 14 de fevereiro de 1917

Meu caro amigo, em primeiro de tudo muito estimo que ao receber esta o vá encontrar de uma perfeita saúde na companhia de todos seus companheiros e tenho-lhe a dizer que tivemos uma viagem muito boa, mas levou-nos quase dois meses porque o vapor parava em todos os portos e demorava muitos dias. Agora, tenho-lhe a dizer que tive muita pena de vocês tornarem para trás, agora que vou em companhia do José de Almeida e o António do Sobrado, e o Manuel da Antónia ficou em Lourenço Marques.

Agora tudo o que me pediu lhe faço com imenso gosto; da mesma parte desejava que me fizesse a mesma coisa, agora eu faço muito gosto que vocês que venham em breve no Moçambique<sup>116</sup>, que lhe segue para aí com tropas e segue no dia 15 do 2.

---

<sup>116</sup> Referência ao vapor “Moçambique”, no qual viajaram muitos dos combatentes que defenderam as colónias.

Agora com isto não estou a maçar mais. Peço que faça recomendações a toda a rapaziada da nossa terra e com isto receba recomendações do José e de mim e do António do Sobrado<sup>117</sup>.

Sou este seu amigo António Gomes Moreira<sup>118</sup> e José de Almeida<sup>119</sup>.

Adeus, até um dia que espero de ser muito breve.

### **Carta n.º 33 | 05-03-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 5 de março de 1917

Domingos,

Muito estimo que tu ao receber desta te vá encontrar de perfeita saúde, que é esse o meu maior desejo, pois eu e os nossos filhos estamos todos de perfeita saúde e toda a nossa família estão todos de saúde.

Domingos, cá recebi duas cartas tuas no dia 1 do corrente mês e cá vi tudo o que me mandastes dizer. Com respeito à água da Barrosa, está na mesma forma como tu a deixastes, que ninguém a botou para o rego. Com respeito às batatas, por ora ainda as não semeiei. Com respeito aos eucaliptos que tu mandaste semear, o teu irmão semeou-os todos na terra dele e não semeou nenhuns na nossa terra, mas também eles não nasceram nem um.

Domingos, cá recebi o que tu mandaste pelo António do Alvite e pelo do Sobrado, uma carta. Com respeito às cartas da Sra. Verónica, ela tem respondido às cartas todas que tens escrito. Com respeito às novidades de cá, são na mesma, cada vez pior. Já foram de cá bastantes rapazes para a França.

Com isto não te estou a maçar mais. Aceita muitas recomendações de toda a nossa família e também dos teus pais e dos teus irmãos todos e dos nossos cunhados e dos filhos do compadre do Canastreiro e de todos os do lugar. Receberás um abraço do António do Portugal e outro do Augusto<sup>120</sup> e de toda a família deles e também recebe um abraço e um beijo de cada um dos nossos filhos, e de mim recebe um saudoso abraço desta tua esposa muito amiga.

Belmira de Pinho

### **Carta n.º 34 | 06-03-1917 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores, 6 de março de 1917

Amigo Domingos,

Estimo que ao receber de estas duas linhas mal notadas que o vá encontrar gozando uma perfeita e feliz saúde, que a nossa ao fazer desta é boa, graças a Deus.

Amigo Domingos, tenho a dizer com respeito à poda já está quase toda feita, já fiz a do campo da presa e a do campo do Alferes e da Ínsua, falta só da Barrosa de Cima, e mais a outra está pronta, e com respeito às batatas, não se pode semear no Mouchão porque lá tenho couve nabiça, têm de se semear todas no campo da presa. Domingo, eu vou bebendo algum vinho, mas ainda hei de deixar algum para quando você vier apanhar uma bebedeira, que eu passava os Domingos e dia santos alegres, mas ainda passaria muito mais alegres se estivéssemos

---

<sup>117</sup> António Francisco da Rocha (1894-1982). A 14 de fevereiro de 1917 desembarcou em Lisboa vindo de Moçambique.

<sup>118</sup> António Gomes Moreira (1892-1970). A 14 de fevereiro de 1917 desembarcou em Lisboa vindo de Moçambique.

<sup>119</sup> José de Almeida (1892-1978). A 14 de fevereiro de 1917 desembarcou em Lisboa vindo de Moçambique.

<sup>120</sup> Augusto dos Reis Castro Portugal (?-?).

todos juntos, mas não estamos todos, não é a culpa nem sua nem minha, mas deixá-lo que em pouco tempo nós nos vejamos todos juntos.

Agora com esta não enfado mais. Receba muitas recomendações do Ricardo e da mulher e do cunhado do Pinho e da família da Margarida e toda a família e cá fui entregue do que me mandou e muito obrigado. E com esta não enfado mais.

Receba um saudoso abraço deste seu cunhado, Avelino da Rocha Pinho.

### **Carta n.º 35 | 28-03-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, a 28 de março de 1917

Domingos,

Cá recebi a tua carta, o qual fiquei muito satisfeita, mas agora eu soube que tu estavas doente em Lourenço Marques, o qual fiquei muito triste, não sei se é verdade, se não, e também fiquei muito triste, pois ver chegar alguns que foram a mais tu a vir e tu ficares, ficaria mais satisfeita se tu viesses, mas já que não vieste sequer, ao menos que tenhas boa sorte por aí.

E com respeito de este ano, eu mandei plantá-los, encher as covas dos que tinham secado, plantei-os no Monte do Mouro e na Barrosa de Cima e também no Castelo. E os eucaliptos do ano passado com vento muito entortaram, eu já os mandei endireitar, mas como sabes eles são muito altos e o chão é muito mole, custam-se a endireitar e a água da Barrosa de Cima na seca foi para o rego, nem nunca ninguém lhe tocou, tem andado sempre no lameiro.

Agora, muitas recomendações de toda a nossa família e um abraço da Micas e outro do Carlos e outro da Adelaide e muita recomendação dos teus cunhados e um abraço do Avelino e da Margarida e do Manuel, e recebe um saudoso abraço desta tua esposa Belmira.

### **Carta n.º 36 | 30-03-1917 | António da Conceição**

30 de março de 1917

Meu querido filho, nos cá ficamos de saúde. Mandaste dizer que eu que te não escrevo, pois eu tenho-te escrito de todas as vezes que recebo carta. Mandaste dizer para o Carlos te ajudar a semear as batatas, mas ela queria semear na lua nova, mas nós dissemos que não; então ela marcou para o dia da podada do Sr. Visconde e ele como sabes teve de lá ir, não ajudou a semear e ela regula-se pela Margarida, o Carlos queria que ela as semeasse antes ou depois da podada, e ela não quis.

Recebe muitos beijitos de todos.

Recebe beijitos da Belmira, um abraço de cada menino, beijitos da Deolinda do Fausto, do José e da mulher, do Ricardo e da mulher, que ela anda muito doente, beijitos da Maria e do Carlos e um beijo do teu afilhado.

Nos cá pedimos a Deus que tu venhas e tu não te esqueças de [?] Deus.

Recebe beijitos de teus tios e tias e do Alberto do Portugal<sup>121</sup> e dos filhos todos do António do Portugal.

[?] vamos por ti no [António da Conceição]<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Presume-se que seja referência a Alberto dos Reis Castro Portugal, do lugar da Estrada.

<sup>122</sup> A carta tem uma lacuna com bastante prejuízo de texto, incluindo a assinatura, mas é presumível ser de António da Conceição, pai do destinatário.

**Carta n.º 37 | 12-04-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

12 de abril de 1917

Sr. Domingos,

Saúde e gosto da sua vida e graça de Deus é quanto eu do coração lhe desejo, assim como toda a minha família. Sr. Domingos, cá recebi a sua cartinha, vi quanto me dizia, pois muito estimei de saber de si.

Muito estimo que tenha uma feliz viagem, que é o que todos desejamos, tenha sempre muita fé em Nosso Senhor, que ainda havemos de ter o gosto de satisfazer as promessas que todos desejamos satisfazer. Deus traga breve esse ditoso dia para que se realize entre as famílias esse belo prazer que todos desejam.

Sr. Domingos, a sua mulher já me pagou a venda do campo pelo São Miguel, mas eu não lho pedi, pois acreditem que ainda que me não pagassem 3 ou 4 anos não os apoquentava nem pensava nisso; ela faz o campo muito bem. A sua mulher e toda a sua família tem saúde e os seus filhinhos estão muito lindos, graças a Deus. Só o que cá está é cada vez mais caros todos os géneros, estamos numa época assim até quando Deus Nosso Senhor quiser. Deus se compadeça de todos. Peço desculpa de lhe não ter escrito logo que recebi a sua carta, foi o motivo por eu estar um pouco incomodada, mas agora vou melhor, graças a Deus.

Aceitem muitos cumprimentos do meu marido e dos meus filhos e filhas todos, de toda a minha e sua família. Aceite um abraço do meu filho da Leira, que todos desejamos sua vinda. Peço o favor de me recomendar ao meu sobrinho António do seu tio Ricardo e todos os seus companheiros. De mim receba mil saudades, desta que é sua amiga que lhe desejo melhor felicidade.

Verónica Gomes da Conceição

**Carta n.º 38 | 28-04-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 28 de abril de 1917

Domingos,

Estimo que ao receber desta carta que estejas de saúde, que eu e os nossos filhos estamos de saúde e toda a nossa família, graças a Deus.

Domingos, tenho a dizer que cá morreu uma tua sobrinha, filha do cunhado do Pinho, a mais novinha<sup>123</sup> no dia 25 de Abril.

Domingos, já cá chegaram três dos que foram juntos contigo e cá recebi pelo António do Alvite 1.0000 e pelo do Sobrado uma carta e eu já para aí mandei dizer; e as batatas desde que foram semeadas não tornou a chover e elas estão a nascer muito bem, e com respeito aos eucaliptos no Castelo, o vento lá entortou alguns ao pé dos lameiros, como são delgados e muito compridos, mas foi lá o teu irmão Carlos, e o Avelino, e agora com isto nada mais. Recomendações do cunhado do Bouça e da Rosa, e ela está morta que tu venhas para a acabar as calças que ainda estão à tua espera.

Beijitos do Ricardo e da mulher e do António do Bouça e do Melo velho e recomendações do teu pai e da tua mãe e recomendações da Guida e do Manuel e da Zezinha e do homem e um abraço do Avelino. Recebe um saudoso abraço desta tua esposa.

Belmira de Pinho

---

<sup>123</sup> Tratou-se de Arminda, filha de José de Almeida e Pinho e Cecília Aurora de Pinho, que nascera a 22 de maio de 1916.

**Carta n.º 39 | 04-05-1917 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores, 4 de maio de 1917

Amigo Domingos,

Saúde e felicidade é quanto eu lhe desejo, que eu e todos nós estamos de saúde perfeita e feliz, graças a Deus.

Amigo Domingos, participo-te que cá recebi uma carta que foi escrita no dia 25 de fevereiro, a qual me deixou muito satisfeito, que eu tinha julgado que ela não fosse cá ter.

Agora tenho a contar que daqui têm ido muitos rapazes para a França<sup>124</sup> e já cá é constado que lá tenha havido combates e que já morreram alguns, mas por ora não se sabe se é verdade, se não. E das inspeções foram dos de 35 anos para baixo tiveram de ser todos inspecionados e ficaram todos apurados, só livraram 4, librou o moço Manuel e o Joaquim do Portugal e o Domingos do Loiro e o João da Luzia e os outros ficaram todos apurados, alguns ficaram apurados condicionalmente e outros definitivamente.

Agora, tenho a dizer que as novidades daqui, que andamos cá com a lavoura como você sabe, são muitas quintas, dá muito trabalho, mas sempre se há de fazer, e com isto nada mais. Recomendação do Ricardo e da mulher e dos filhos, que já são quatro rapazes, e com isto nada mais. Receba um saudoso abraço deste seu cunhado Avelino de Pinho.

**Carta n.º 40 | 04-05-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 4 de maio de 1917

Domingos,

Saúde e felicidade é quanto eu te desejo, que eu e toda a nossa família estamos de perfeita e feliz Saúde, graças a Deus.

Domingos, participo-te que cá recebi três cartas tuas, o qual fiquei muito satisfeita e vi quanto me mandaste dizer e fiquei muito satisfeita, mas não fiquei satisfeita por me mandares dizer que não tinhas recebido há quatro meses nenhuma carta, mas eu tenho-as mandado sempre e tenho mandado escrever e tenho mandado responder ao que me tens perguntado e os nossos filhos e eu e toda a nossa família andamos de saúde, mas tu já estiveste doente e nunca me mandaste dizer.

E com respeito à água da Barrosa, nunca ninguém lhe tocou e do caminho e do campo também não têm cá passado; ela fez um caminho por baixo, chegado ao nosso combro e fez umas escadas e passou o estrume à cabeça e com respeito ao nosso serviço, eu tenho-o feito, mais os meus irmãos, e o mato tenho chamado o António do Paiva e o António do Alfaiate e o Ricardo e os meus irmãos. Ainda ontem fis uma rasada e com isto nada mais.

Recebe um saudoso abraço.

Belmira Correia de Pinho

**Carta n.º 41 | 04-05-1917 | Maria, Carlos e Adelaide (filhos)**

Mansores, 4 de maio de 1917

Meu querido pai, saúde e felicidade é o que nós lhe desejamos, meu pai, que nós cá ficamos bons junto de nossa mãe e dos nossos tios e tias, ficamos bons e espertos felizmente, graças a Deus.

---

<sup>124</sup> De facto, entre fevereiro e maio de 1917 cerca de uma dezena de mansorenses partiu para França.

Meu querido pai, nós cá passámos a Páscoa muito tristes por todos terem por quem chamar e nós, meu pai, não temos pai para nos chamar e para nos fazer carinho, mas tivemos esta infeliz sorte do nosso pai fugir e nós ficarmos tão pequeninos, mas a culpa não é sua, mas deixa lá que Deus o traga para a vista dos nossos olhos e que seja breve.

E com isto não o enfadamos mais. Receba um abraço de cada um de nós, Micas e outro do Carlos e outro da Adelaide e adeus, adeus.

Meu pai, dê-me as suas bênçãos, bênção, e adeus, adeus.

#### **Carta n.º 42 | 07-05-1917 | António da Conceição**

Mansores, 7 de maio de 1917

Domingos,

Em primeiro do que tudo desejo-te uma sincera saúde em companhia de teus companheiros, que eu e tua mãe e toda a mais família ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, participo-te que aqui recebi duas cartas tuas às quais te respondo, uma com data de 25-2 e outra com data 10-3, pois recebi-as todas duas no mesmo dia, pois fiquei muito satisfeito por saber notícias tuas, porque curiosos estamos por te cá ver ao nosso lado.

Mandaste perguntar se o António de Alvite nos entregou uma encomenda, pois cá fomos entregues de dois pedaços de couro e uma grosa e uma máquina de furar, pois ele quando veio disse ao Carlos que trouxeram uma encomenda para ele, mas nunca mais disse nada, mas depois que chegaram as tuas cartas ele foi a casa dele por causa de a gente saber o que era e então ele entregou isto que já te disse.

Dizias-me na carta para eu dizer à tua mulher para não deixar andar os teus filhos na brincadeira, pois tudo isso lhe disse e lhe fiz saber como se deve educar as crianças, que é um dever que todos nós temos.

Também me pedes para se ajudar ao trabalho, pois eu sempre tenho dito à tua mulher quando seja preciso que nos avise para se lá ir ajudar ao trabalho, mas eles lá se calam com o jogo e nunca nos dizem nada, mas também a tua cunhada Margarida diz que não tem jeito para ajudar. Ou eles ou nós.

Com isto só te conto que cá se levantou a Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, pois tem entrado muita gente para a irmandade e eu também sou zelador e também te cá meti para a mesma irmandade e tu faz votos ao Sagrado Coração de Jesus para vires abraçar a família querida que sempre te espera.

Recebe lembranças do Carlos e da Maria e da Deolinda e do Ricardo, que aqui está nesta ocasião, e recebe um saudoso abraço da tua mãe e outro deste que sou teu pai António da Conceição.

Recebe lembranças da tua mulher e muitos beijos dos teus filhos. Um abraço sincero e apertado do teu cunhado Fausto, que é o escrevente desta carta.

#### **Carta n.º 43 | 03-06-1917 | Avelino da Rocha Pinho**

Mansores, 3 de junho de 1917

Meu cunhado e amigo, saúde e felicidade é quanto do coração te desejo e que esta minha carta o vá encontrar de perfeita e feliz saúde, que a minha ao fazer desta é boa, graças a Deus.

Amigo cunhado, tenho a dizer que os votos estavam para ser e depois foram adiados e até hoje não foram, e a Junta que estava agora tinha melhorado alguns caminhos; vão fazer um

caminho para passar das Agradas para o engenho da Terça, passar a presa da Regada e fazer uma ponte lá e tem outra justa ao rio da Barrosa e fizeram uma calçada da igreja para cima e fizeram uma grande avenida direita à capela, foi da esquina da casa do Custódio da Leira à esquina do cemitério.

Amigo Domingos, cá soubemos no dia 27 que morrera o José do Bernardino<sup>125</sup>, mas não soubemos se foi em combate se foi por doença.

Domingos, recebemos uma carta no dia 3 junho que trazia a data de 30 de março e recebemos três cartas no dia 2 de junho, uma escrita a 8 e uma a 10 e uma a 30 de abril.

Domingos, tenho a dizer que o António<sup>126</sup> da Cristina que já foi para a França. E manda dizer a Guida que as cerejas que já pintam e a pipa nova ainda está por encertar para você vir; vai encertar-se quando você vier e quando ela se casar é que se mete a torneira.

Com esta nada mais. Aceite um saudoso abraço deste seu amigo Avelino da Rocha Pinho

#### **Carta n.º 44 | 04-06-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 4 de junho de 1917

Domingos,

Saúde e felicidade é quanto do coração te desejo, que eu e os nossos meninos e toda a família felizmente estamos bons, graças a Deus.

Domingos, eu cá tenho feito o trabalho e tenho feito como tu o fazias e cá o tenho feito eu e os meus irmãos, eu ajudo a eles e eles ajudam-me e temos feito assim. E com respeito ao enxofre, ele este ano custa 5.000 réis a arroba, e não o há, eu comprei sulfato e o meu irmão Avelino sulfatou-as, as videiras e as batatas, porque elas estão muito boas em rama e se elas forem naquele aumento e que não arejem, parece que hão de ser melhores que o ano passado. Agora, com isto nada mais. Manda dizer o António do Alfaiate que ainda não morrera, que ainda está na Avitureira e que não se esquecera, mas não sei se é de ti, se era dos cigarros que tu lhe davas.

Recebe um abraço do cunhado do Pinho e da família. Recomendações do cunhado do Bouça e da Rosa e da família e do Ricardo, da mulher e quatro rapazes, e recomendação ao Tavares<sup>127</sup>, e tu de mim recebe um saudoso abraço desta tua esposa Belmira de Pinho.

Entrega ao Tavares esta carta que aí vai.

#### **Carta n.º 45 | 04-06-1917 | António da Conceição**

Mansores, 4 de junho de 1917

Domingos,

Todo o meu desejo é que esta carta te vá encontrar de perfeita saúde, que eu e tua mãe e toda a mais família ficamos bons, graças a Deus.

---

<sup>125</sup> Refere-se a José Joaquim Brandão (1892-1917), filho de António de Pinho Brandão e de Maria Rosa, que morreu em Moçambique a 20 de maio de 1917 e está sepultado no cemitério de Mocimboa da Praia, perto de Palma. Interrogamo-nos se Domingos Correia da Conceição, ali tão perto, só terá sabido da morte do seu conterrâneo por via desta carta.

<sup>126</sup> Refere-se a António Joaquim Fernandes (1895-1961), que embarcou para França a 16 de maio de 1917.

<sup>127</sup> Refere-se a Alfredo Tavares Pereira (1893-1977), que estava destacado com Domingos Correia da Conceição.

Domingos, participo-te que aqui recebi uma carta tua no dia 1 do mês de junho na qual tudo vi quanto me dizias e fiquei muito satisfeito por saber notícias tuas. Novidades daqui só te conto que os rapazes que vieram de aí da África foram chamados estes dias, mas não sei o destino que eles levaram.

Pois, com respeito a eu ajudar au teu trabalho, pois ela lá faz como entende e nunca me diz nada, portanto é esse o motivo de eu não as ajudar, que eu estava pronto a ajudar ao serviço que fosse necessário. Também dizes na tua carta que tua mulher que quase te não escreve, pois ela tem escrito bastante amiúdo, pois podes estar descansado que ela e teus filhos ficam bons.

Recebe lembranças do teu irmão José e do Ricardo e do Carlos e do teu cunhado Fausto e da Deolinda e recados da Maria, e todos os vizinhos se recomendam contigo. Recebe um saudoso abraço da tua mãe e outro deste que sou teu pai.

António da Conceição

Ansiosos te esperamos, estamos sempre a olhar para a porta a ver quando tu cá chegas fazer-nos uma visita.

#### **Carta n.º 46 | 06-06-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

6 de junho de 1917

Sr. Domingos,

Saúde e graça de Deus é quanto eu do coração lhe desejo, assim como para todos os seus colegas. Enquanto aqui, estamos todos de saúde, sua mulher e seus filhinhos estão muito lindos e seu pai e sua mãe e seus manos e cunhados, está tudo bem, graças a Deus.

Sr. Domingos, cá recebi a sua carta, vi quanto me dizia, ficámos muito contentes por ter recebido as minhas cartas, porque eu a todas lhe respondia e sentia muito ao ler as suas cartas e dizer-me que não era entregue das minhas cartas. Cá dei todos os cumprimentos que mandou a toda a sua família, todos muito estimaram saber de si e dos seus companheiros. Ai, meu Deus, sentimos muito já a falta de um, mas é resignarem-se com a vontade de Deus, só Ele é que nos pode valer, mas tenha muita fé em Nosso Senhor, que ele os há de proteger.

Sr. Domingos, cá dei os beijinhos aos seus filhinhos, ainda estiveram no Domingo ao pé de mim na igreja, estão muito lindos, graças a Deus.

Peço o favor de dar muitos cumprimentos ao meu sobrinho António e ao Tavares<sup>128</sup> e a todos os seus colegas. Receba muitas recomendações do meu marido e dos meus filhos todos, um abraço do meu filho da Leira. Receba um abraço dos seus bons pais e da sua mulher e de toda a sua família. Aceite muitas saudades do seu cunhado do Bouça e da Rosa e da filha e um aperto de mão da tia Maria, enfim, todos desejam vê-los aqui nesta nossa terra, temos fé em Nosso Senhor, que hão de acontecer.

De mim receba mil saudades desta que é íntima sua Amiga.

Verónica Gomes da Conceição

#### **Carta n.º 47 | 04-07-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 4 de julho de 1917

---

<sup>128</sup> Amadeu Correia dos Santos Lima (1895-1971), Alfredo Tavares Pereira (1893-1977) e Domingos Correia da Conceição (1888-1957) foram três os últimos soldados mansorenses a regressar de Moçambique.

Domingos,

Estimo que esta minha carta, que te vá encontrar de perfeita e feliz saúde na companhia do Tavares e de todos os outros, que eu e nossos filhos ficamos bons, felizmente, graças a Deus.

Domingos, cá recebi uma carta tua, o qual fiquei muito satisfeita por saber que estavas de saúde, mas tu mandas dizer que há cinco meses que não tens recebido cartas minhas, mas eu tenho respondido a todas e já te mandei dizer que tinha recebido a pensão e a vaca parece uma toura, mas ela emaqueceu e foi fraca e deu pouco e o porco também não foi muito bom porque ele adoeceu e eu matei-o antes poucos dias do costume e este ano comprei uma porca e ela por ora está boa, mas antes comprei um porco e ele morreu.

Domingos, tenho a dizer que os milhos estão muito bons e têm pouca peçonha e as batatas estão boas em rama, o linho há muito nascido, se ele escapar há de ser muito barato para tu coando vieres tomares uma burracheira.

Agora tenho a dizer que cá morreu um filho da Deolinda, o mais novo<sup>129</sup>, e a novidade que te quanto é que o António do Paiva, o novo, empenhou a Maria do Julião; e agora não a quer porque o povo diz que também é do padre.

Com isto nada mais. Recomendações do cunhado do Pinho e da família e do cunhado do Bouça e da Rosa e de toda a família e do Ricardo e um abraço do Avelino e outro da Margarida e do Manuel e um beijo do Carlos e um da Maria e um da Adelaide e tu recebe um saudoso abraço desta tua esposa Belmira Correia de Pinho. E muitos beijitos dos teus pais.

#### **Carta n.º 48 | 17-07-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, a 17 de julho de 1917

Domingos, muito estimo se esta minha carta te for encontrar gozando uma perfeita e feliz saúde na companhia do Tavares e de todos os outros, que eu e os nossos filhos e toda a família ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, cá recebi duas cartas tuas com a data de 10 e 29 de maio, o qual vi tudo quanto me mandavas dizer que eu que devia semear as batatas no campo do Alferes, mas tu não mandastes, tu mandastes que as semeasse no campo da presa onde elas foram há dois anos; fiz como tu mandastes e como eu entendi e tu quando vieres farás como quiseres.

Com respeito à ferramenta, eu tenho-a limpadado e untado com gás e azeite, mas tu sabes que ela não tinha uso, estão sempre a estragar-se. E agora com isto termino.

Aceita muitas recomendações do compadre do Bouça e da família e da Rosa e um abraço da filha e do compadre da Angelina e da filha Alda. Recomendações dos teus pais e dos teus irmãos e das tuas irmãs.

Domingos, tu mandas-me perguntar se eu recebera um objeto pelo filho do Albite, eu recebi 1.000 réis e não recebi mais nada. Agora com isto nada mais. Aceita um abraço do Albino e outro da Guida e muitos beijos e abraços dos nossos filhos e recebe um saudoso abraço desta tua esposa que te ama e estima até à morte.

Belmira Correia de Pinho

---

<sup>129</sup> Refere-se a Rodrigo, filho de Fausto Joaquim Duarte e de Deolinda Correia da Conceição, da Vila, que morreu com 2 anos de idade no dia 17 de junho de 1917. A mãe da criança era irmã de Domingos Correia da Conceição.

**Carta n.º 49 | 22-07-1917 | António da Conceição**

Mansores, 22 de julho de 1917

Meu querido filho, em primeiro de tudo saúde e felicidade é o que eu te mais desejo, que eu fico bom e tua mãe e teus manos todos, graças a Deus.

Domingos, recebi a tua carta e vi tudo quanto me mandavas dizer. Com respeito às terras, pois a tua mulher lá faz o trabalho todo sem nos dar a saber e como tu sabes o Carlos sabe bem trabalhar nas terras, mas agora a tua cunhada não quer que ele lá faça nada a mais a Maria, nem a tua mulher gosta muito que eles lá vão fazer nada, pois já vês que eu não posso para lá mandá-los depois delas não quererem, mas sempre vejo como vai isto por aqui, podes estar descansado, que eu tudo isso te faço, que se fosse do gosto da tua mulher eu mandava para lá fazer o que fosse preciso, mas visto ser assim faz daí como entenderes. Com isto findo. Recebe recomendações de todos para quem as mandastes e de teus irmãos e de teus pais recebe mil saudades e abraços, que suspiro por ti.

António da Conceição

Tenho-te a dizer que morreu o menino do Fausto, o mais novo, com o sarampo.

**Carta n.º 50 | 01-08-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 1 de agosto de 1917

Domingos, muito estimo se esta minha carta te for encontrar de perfeita e feliz saúde, que a minha ao fazer desta é boa, graças a Deus.

Domingos, cá recebi uma carta tua, o qual fiquei muito satisfeita por saber da tua saúde, que estavas de saúde. Ao mesmo tempo fiquei muito triste por não receberes as minhas cartas, mas se tu as não recebes, a culpa não é minha, porque eu tenho-te respondido a todas e tem ido a direção conforme tenho avisado, até parece impossível elas aí não chegarem.

Domingos, eu tenho ido às tapadas a quase todos os oito dias e tenho olhado pelo trabalho como se tu cá estivesses.

Agora, com isto mais nada. Muitas recomendações do cunhado do Bouça e da Rosa e de toda a família. Domingos, recebe da Guida um abraço e outro do Manuel e outro do Avelino, saudades do Ricardo, beijitos dos do Portugal e recebe um saudoso abraço desta tua esposa que te ama e estima até à morte. Belmira Correia de Pinho. E abraços dos nossos filhos.

**Carta n.º 51 | 12-11-1917 | Verónica Gomes da Conceição**

12 de novembro de 1917

Sr. Domingos,

Saúde e graça de Deus é quanto eu do coração lhe desejo, eu e minha família e sua mulher e seus filhinhos, vai tudo de saúde, assim como seu bom pai e mãe e seus manos, vai tudo bem, graças a Deus para sempre.

Sr. Domingos, cá recebi a sua estimada carta, nela vi tudo quanto me dizia, pois fiquei muito contente de me mandar dizer que por todo o mês de agosto que embarcava, pois nós estamos todos à espera da sua chegada, pois Deus queira que esteja na nossa companhia para a festa do Milagroso Mártir São Sebastião, que é como sabem no dia 20 de janeiro. Deus nos dê esse gosto, tenho fé em Deus Nosso Senhor, que há de ser o que nós desejamos, pois nunca se esqueça de Nossa Senhora que nos há de sempre auxiliar em tudo. Por enquanto sua mulher e seus filhinhos vão tudo bem.

Receba um abraço da sua mulher e dos seus filhos e de toda a sua família e do seu cunhado do Bouça e da Rosa e de toda a família dele. Aceite um abraço do meu marido, dos meus filhos e filhas todos e também do meu filho da Leira e peço o favor de me recomendar ao meu sobrinho António e ao Tavares, estimei muito saber deles.

De mim aceite mil saudades desta que está às suas ordens para o que lhe for preciso.

Sou sua íntima amiga,

Verónica Gomes da Conceição

**Carta n.º 52 | 20-11-1917 | Belmira Correia de Pinho**

Mansores, 20 de novembro de 1917

Domingos,

Em primeiro de tudo, saúde e felicidade é quanto do coração desejo, que eu e os nossos filhos e toda a nossa família estamos de perfeita saúde, graças a Deus.

Domingos, aqui recebi a tua carta, fico muito satisfeita por saber da tua saúde e se tu aí fosses entregue de todas as cartas que eu para aí tenho mandado, talvez tivesses muitas cartas minhas como tenho aqui cartas que me tens mandado. Agora tenho a dizer te que não te estejas a afligir com a ferramenta, que eu estou a olhar aqui por isso. Agora aqui ficam as uvas guardadas para quando tu vieres as comer ambas. Sá não fiquei satisfeita quando tu me disseste que não recebias com amiúde, pois eu tenho respondido a todas as cartas que me tu tens mandado e sempre estou pronta a responder às tuas cartas que me mandares de hoje para o futuro, porque a mim nunca esquece de te responder às tuas cartas. Agora, se elas aí não vão ter.

Domingos, as novidades daqui são estas: foram os votos da Câmara muito guerreados e os da Junta ainda foram mais. Tem sido para aqui uma pândega com os influentes. E com isto termino.

Aceita muitas recomendações minhas e de toda a nossa família. Aceita mais um abraço desta tua querida muito amada Belmira da Rocha Pinho. Meu tio não se admire por esta carta ser diferente na letra porque ela foi principiada pelo Albino e terminada por este seu sobrinho que lhe manda um apertado, do Abel.

Beijitos dos teus pais, e a tua mãe manda dizer que te não tem escrito porque não tem recebido cartas tuas e beijitos dos teus irmãos e irmãs e um beijo de cada filho.

**Carta n.º 53 | 26-11-1917 | António da Conceição**

Mansores, 26 de novembro de 1917

Domingos,

Em primeiro lugar estimo que esta minha carta te vá encontrar de perfeita saúde, que eu e tua mãe e toda a família ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, participo-te que aqui recebi uma carta tua com data de 17 de agosto à qual te respondo e tudo vi o que me dizias, pois como já há bastante tempo não tinha recebido carta tua estava pensando que tu estavas prestes a chegar à tua Pátria querida e abraçar a tua família que ansiosos te esperam, mas já que tens essa sorte posso votar ao céu para ao menos ter saúde, que sempre há de chegar o dia de tu cá vires visitar a família e amigos que sempre perguntam por ti. Com isto só te digo que tua mulher e teus filhos ficam de saúde e mais com respeito ao teu serviço, elas cá fazem como já te mandei dizer e o Carlos também lá tem ido

ajudar ao serviço quando a tua mulher nos diz para isso. Com isto nada mais novidades; é tudo velho.

Recebe lembranças do Carlos e do José e igualmente da Maria e da Deolinda e saudoso aperto de mão do teu cunhado Fausto e recebe um abraço de tua mãe e um saudoso abraço deste teu pai.

António da Conceição

A tua carta cá chegou no dia 23 de novembro.

Recebe lembranças de tua mulher e muitos beijos dos teus filhos e um abraço do teu afilhado.

#### **Carta n.º 54 | 02-12-1917 | Margarida Correia de Lima**

Mansores, 2 de dezembro de 1917

Domingos,

Todo o meu desejo é que esta carta te vá encontrar de perfeita saúde em companhia de teu primo António, que nós todos ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, tenho-te a dizer que aqui recebi uma carta tua, o qual fiquei muito satisfeita por tu me escreveres e saber novidades tuas, pois tu dizias-me que sonharas que estavas aqui a chegar, pois quantas vezes tenho eu sonhado que tu cá tens chegado, pois tem sido sempre engano, mas há de vir um dia que há de ser certo, se Deus quiser, porque também há de chegar a tua vez.

Tenho-te a dizer que cá chegou o Tavares e o filho do José da Antónia e o da Manca<sup>130</sup>, e o Tavares cá trouxe uma carta tua e ele entregou a carta lá em casa da tua gente do Alexandre e com certeza lá a leram, porque a Margarida veio-nos trazer a carta e ficou muito zangada, ela parece que até bufava e pintou o diabo pelo lugar abaixo e ela disse que te não estivesse a mandar piadas, pois não tenho mandado dizer senão verdades, mas tu não mandes cheiradelas nas cartas de tua mulher, porque elas pensam que nós somos os causadores.

Com isto não tenho mais que te contar. Um dia que tu cá venhas saberás tudo mais por miúdo, mas não vale a pena tu cismares porque esto cá vai tudo muito bem.

Recebe lembranças de tua mulher e muitos beijos de teus filhos e um abraço do teu afilhado, lembranças do Carlos e da Maria e da Deolinda e muitas saúdes de teu cunhado Fausto e recebe um abraço do pai e outro desta tua mãe que a vida te desejo.

Margarida Correia de Lima

Recebe muitas lembranças do Alberto Portugal e de toda a família.

#### **Carta n.º 55 | 13-01-1918 | Verónica Gomes da Conceição**

13 de janeiro de 1918

Sr. Domingos,

Saúde e graça de Deus é quanto eu do coração lhe desejo, pois eu e minha família e sua mulher e seus filhinhos, e seus pais e toda a sua família estão de saúde, graças a Deus.

---

<sup>130</sup> Refere-se a Alfredo Tavares Pereira (1893-1977), Manuel Coelho de Oliveira (1890-?) e Manuel Francisco de Almeida (1891-1981), que desembarcaram em Lisboa a 21 de novembro de 1917.

Sr. Domingos, cá recebi a sua estimada carta, nela vi tudo quanto me dizia, mandou-me dizer só se encontrava aí com o meu sobrinho António, pois os outros já cá estão todos. Não desanime, que também há de chegar a sua vez. Deus queira que seja breve, que é todo o nosso gosto e de toda a gente. O Sr. Domingos cá foi nomeado para mordomo do Mártir São Sebastião, pena tenho de o aqui não ver nesse dia, mas com os auxílios de Deus há de ser breve, tenho fé em Nosso Senhor que havemos de ter esse gosto. Agora a sua mulher tem muito bom portamento, traz os filhos muito limpos e dá lhes boa educação, sabe ocupar o lugar dela, pois quando o Sr. Domingos vier verá como é verdade tudo quanto eu lhe digo. Termino.

Aceite muitos cumprimentos de meu marido e um abraço do meu filho da Leira e de todos os meus filhos e filhas todos e de toda a sua família e receba um abraço cheio de saudades da sua mulher, muitos beijinhos dos seus filhinhos, também lhe recomenda o seu cunhado do Bouça e a Rosa e toda a família.

Nunca se esqueça de me escrever.

De mim aceite mil saudades desta que lhe deseja a melhor ventura e felicidade.

Sua amiga,

Verónica Gomes da Conceição

Muitos cumprimentos ao meu sobrinho António.

#### **Carta n.º 56 | 20-01-1918 | António da Conceição**

Mansores, 20 de janeiro de 1918

Domingos,

Em primeiro lugar tudo o meu desejo é que esta carta te vá encontrar de perfeita e feliz saúde, que eu e toda a nossa família ficamos bons, graças a Deus.

Domingos, participo-te que aqui recebi uma carta tua, à qual te respondo, assim como tua mulher recebeu uma carta também, pois tu dizes na carta que não tens recebido carta nossa, que nós que nos esquecemos de ti, pois até parece impossível, porque nós temos para aí escrito muitas cartas, não sei o motivo de tu as não receberes, pois não tem sido descuido nosso.

Com respeito ao teu serviço, escusado é tu afligires-te, que cá tudo se faz e tudo corre bem. Novidades, só te conto que o Alfredo do Crasto vai-se casar com a Ermelinda do Alferes. Como deves saber, cá mudou o regime<sup>131</sup>, também cá mudou de regedor, agora é o Luís do Veríssimo<sup>132</sup>.

Com isto nada mais, recebe muitas saudades do Carlos e da Maria e da Deolinda. Lembranças do Alberto Portugal, um abraço do teu afilhado, recebe um aperto de mão do teu cunhado Fausto, recebe um abraço da tua mãe e outro deste que sou teu pai.

António da Conceição

Estamos sempre a ver quando tu chegas à porta, mas não há meios de tu vires. Ansiosos te esperamos.

---

<sup>131</sup> Em dezembro de 1917 ocorrera um Golpe de Estado, liderado por Sidónio Pais, que dissolveu o Parlamento, forçou o presidente da República ao exílio e, a 27 de dezembro, alterou a Constituição Portuguesa de 1911, introduzindo um regime presidencialista; é a esse turbilhão de acontecimentos que António da Conceição se refere.

<sup>132</sup> Refere-se a Luís Pereira de Amorim, que foi regedor de Mansores de 4 de janeiro de 1918 a 9 de abril de 1919.

Recebe lembranças de tua mulher e muitos beijos dos teus filhos.

**Carta n.º 57 | s.d.<sup>133</sup> | Avelino da Rocha Pinho**

Domingos, cá tenho olhado por tudo conforme me tem mandado. Eu já fiz a poda e plantei as videiras e plantei os eucaliptos e semeei as batatas. Tenho olhado pelo seu serviço como meu e no campo do Alferes em metade semeei centeio e na outra fazemos conta de semear linho se você não estiver ainda cá, mas deixa lá que para então que esteja cá para o semear e para ajudar a fazer as lavouras e também para vir cá ver algumas coisas que já se fizeram de novo, para ver uma avenida novinha. Com isto mais nada, muitos beijos e abraços dos seus filhos e do Carlos um abraço, e com isto não enfado mais. Sou como sabe seu amigo.

Avelino da Rocha Pinho

**Carta n.º 58 | 05-03-1917 | Domingos Correia da Conceição<sup>134</sup>**

Palma, 5 de março de 1917

Sempre lembrada,

Estimo o gozo da sua saúde, que eu fico bom. Não faz ideia o prazer e a alegria que a sua carta veio dar ao meu pobre coração, porque me vejo preso como um passarinho que anda esvoaçando sem que lhe deem liberdade. Assim anda meu coração ansioso por duas falas dessa boca imaculada, mas é me impossível.

Domingos Correia Conceição

---

<sup>133</sup> Pela referência à avenida nova (a atual *Alameda dos Benfeitores*, no lugar da Vila, que foi rasgada entre 1917 e 1918), e pela menção já feita pelo mesmo Avelino da Rocha Pinho na carta n.º 42, supomos que esta missiva seja datada do primeiro semestre de 2017.

<sup>134</sup> Esta é a única carta de Domingos Correia da Conceição que se conservou no maço, daí a termos situado após todas as outras. Foi escrita numa lauda da folha da carta que seu pai lhe escrevera a 19 de dezembro de 1916 (carta n.º 25).

## Fontes e bibliografia

Fontes e bibliografia

### Fontes de arquivo

Aquivo Histórico Militar

Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças

Arquivo da Junta de Freguesia de Mansores

Biblioteca Nacional de Portugal – Fundo Geral de Manuscritos

### Imprensa

*Defesa de Arouca*

*Expresso*

*Jornal de Arouca*

### Entrevistas

Agostinho Gomes da Rocha e Guilhermina Rosa da Conceição, 26 de agosto de 2008

António Fernando Pereira Miranda, disponível em <https://www.facebook.com/4540jovem>

Domingos da Conceição Moreira, 23 de maio de 2024

José Artur de Almeida Gomes, 14 de maio de 2024

Natalino Oliveira Ferreira da Silva, 24 de abril de 2024

Nelson da Conceição da Rocha, várias datas

### Bibliografia

AAVV – *25 de Abril: permanências, ruturas e recomposições*. Coord. Centro de Estudos de História Religiosa. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 2024.

BARRETO, António – *Anatomia de uma revolução: a reforma agrária em Portugal, 1974-1976*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1987.

CÂMARA MUNICIPAL DE AROUCA – *Relatório de Estado do Ordenamento do Território de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal, 2011.

COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS AGRICULTORES EXPLORADORES DE ÁRVORES FLORESTAIS DE AROUCA – *Estatutos*. S.l., [1944].

COSTA, Francisco Barbosa da; COSTA, Paulo – *São Salvador de Vilar de Andorinho: notas monográficas*. Vilar de Andorinho: Junta de Freguesia, 2013.

FRANÇA, António Pinto da – *Cartas baianas (1821-1824): subsídios para o estudo dos problemas da opção na Independência Brasileira*. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, imp. 1984.

OLIVEIRA, Luísa Tiago de; SANTOS, Isabel Gorjão – A ocupação da sede da PIDE/DGS em 1974. *Ler História*. 57 (2009) 125-134. Acessível em <https://journals.openedition.org/lerhistoria/1894>.

- MONIZ, Egas – *A nossa casa*. Lisboa: Paulino Ferreira, imp. 1950.
- MOURA, Maria Lúcia de Brito – *A guerra religiosa na I República*. 2.ª ed., rev. e aument. Lisboa: CEHR-UCP, 2010
- PINTO, José Nuno Pereira – *A Primeira República no concelho de Arouca, “1910-1926”: factos e personagens: uma perspectiva histórico-jurídica*. [Arouca]: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda: 2014.
- PAIVA, Vasco– *O desbravar dos caminhos*. Coimbra: Lápis de Memórias, 2023.
- RELAÇÃO dos agentes, pessoal administrativo e auxiliar da Ex-PIDE/DGS*, Lisboa, Ministério da Administração Interna, Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos, 1975.
- ROCHA, José António – *O livro de Mansores*. Mansores: Bucólica, 2024. No prelo.
- ROCHA, José António - *Pe. Manuel António Fernandes (1881-1968): Pároco e presidente de Junta em Mansores: esboço biográfico*. Acessível em [https://www.jf-mansores.pt/GestorSistema/Docs\\_Noticias/Pe.ManuelAFernandes\\_biografia.pdf](https://www.jf-mansores.pt/GestorSistema/Docs_Noticias/Pe.ManuelAFernandes_biografia.pdf)
- ROCHA, José António, ed. – *Nós, se fôssemos a contar o que se passou... Memórias do casal Agostinho Gomes da Rocha e Guilhermina Rosa da Conceição*. Mansores, [ed. Autor], 2017.
- ROSAS, Fernando – *O Estado Novo (1926-1974)*. Vol. 7 de *História de Portugal*, dir. José Mattoso. S.l.: Círculo de Leitores, 1994.
- SAMARA, Maria Alice; HENRIQUES, Raquel Pereira – “Breves retratos de Portugal no tempo de Salazar”. *Circular Informação, Associação de Professores de História*, Setembro 2014.
- VARELA, Raquel – *História do Povo na Revolução Portuguesa 1975-75*. Lisboa: Bertrand, 2014.